

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS
RELAÇÕES POLÍTICAS

JÉSSICA VERÍSSIMO LOPES PANDOLFI

PAUL EHRENREICH E OS ÍNDIOS BOTOCUDOS DO SÉCULO XIX
NO ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA

2016

JÉSSICA VERÍSSIMO LOPES PANDOLFI

**PAUL EHRENREICH E OS ÍNDIOS BOTOCUDOS DO SÉCULO XIX
NO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Bentivoglio.

VITÓRIA

2016

Dados de catalogação

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

P189p Pandolfi, Jéssica Verissimo Lopes, 1990-
Paul Ehrenreich e os Índios Botocudos do século XIX no
Espírito Santo / Jéssica Verissimo Lopes Pandolfi. – 2016.
107 f.: il.

Orientador: Julio Cesar Bentivoglio.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Ehrenreich, Paul, 1855-1914. 2. Índios Botocudos. 3.
Viajantes - Espírito Santo (Estado). 4. Espírito Santo (Estado) –
História. I. Bentivoglio, Julio César. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III.
Título.

CDU: 93/99

JÉSSICA VERÍSSIMO LOPES PANDOLFI

**PAUL EHRENREICH E OS ÍNDIOS BOTOCUDOS DO SÉCULO XIX NO ESPÍRITO
SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração de História Social das Relações Políticas.

Aprovada em de de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Júlio César Bentivoglio
Orientador
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Cristiano Pereira Alencar Arrais
Membro Titular
Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Ueber José de Oliveira
Membro Titular
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dra. Maria Cristina Dadalto
Membro Titular
Universidade Federal do Espírito Santo

Aos meus pais, com amor.

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho, deixo aqui meus agradecimentos àqueles que me auxiliaram e me incentivaram no decorrer da pesquisa e de sua escrita.

Primeiramente, agradeço a Deus e a Nossa Senhora, fonte eterna de força, fé e tranquilidade nos momentos difíceis, de preocupação e ansiedade. Ao Professor Doutor Júlio Cesar Bentivoglio, que desde a graduação me acolheu como orientanda, por ter acreditado na minha capacidade de estudo, de trabalho e guiando sempre com muita ética e atenção os meus passos na pesquisa, agradeço sua compreensão, suas críticas e incentivos. Aos Professores Doutores Maria Cristina Dadaldo e Ueber José de Oliveira, pelas críticas e sugestões recomendadas durante o Exame de Qualificação, os quais foram fundamentais para o acerto dos rumos do meu trabalho. A Professora Doutora Maria Teresa Toribio Brittes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pelas análises pertinentes, relativas à minha pesquisa durante o Seminário de Dissertação.

Aos meus pais, Cleto Augusto e Gilsa, por me permitirem chegar até aqui sempre depreendendo a mim, zelo e amor. Aos meus irmãos, Bruna e Augusto, que ainda com o que é nato de suas infâncias, foram responsáveis pelos meus momentos necessários de distração durante a estrada acadêmica.

A Kamyla Nunes, Ana Lucia Coelho, Keila Nascimento, Nicodemo Valim, Carlos Magno Busatto, Bruna Kethily de Sousa, Izabel Rizzi, Louise Storn e Thiara Dutra, meus colegas de graduação e mestrado, por toda força, estímulo e ideias. Aos meus colegas da Escola Professora Maria da Paz Pimentel, em particular, a Maria Sebastiana, que foi de suma importância para a realização deste trabalho, mesmo que disso não saiba.

Ao meu esposo, Geandro, pelo infinito incentivo, amor, companheirismo e por não me deixar desistir nos momentos mais difíceis. Muito obrigada!

Por fim, a todos os índios, vítimas de uma sociedade preconceituosa, por - mesmo não sabendo - me tornarem mais humana.

À FAPES, pelo auxílio financeiro.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

Madre Teresa de Calcutá

“Há várias maneiras de se matar índios: desde a mais simples que é a bala de um tabuco, aos mais requintados métodos, como interferência maciça na cultura do índio”.

Clarice Lispector

RESUMO

O Brasil do século XIX, foi destino de diversos viajantes estrangeiros, impulsionados a descobrir o Novo Mundo e também seus habitantes mais primitivos – os índios. Essas viagens resultaram em relatos sobre a fauna e a flora, a vida social, as relações de trabalho e produção, os negros e indígenas e suas escravizações. Neste cenário, o viajante alemão Paul Max Alexander Ehrenreich, médico e professor de antropologia, viajará pelo Brasil por duas vezes, em busca dos índios brasileiro e graças a uma dessas viagens permite-nos compreender como era a Província do Espírito Santo no final do século XIX e em especial os índios Botocudos. Esta dissertação analisa as pesquisas do antropólogo alemão sobre esses índios capixabas, partindo do pressuposto de que Ehrenreich, ao mesmo tempo em que compartilhava da visão de outros viajantes a respeito das terras visitadas, possuía também uma visão singular, pautada pela cientificidade. Este trabalho abrange tanto a narrativa, quanto as imagens produzidas por Ehrenreich durante sua permanência na província do Espírito Santo.

Palavras-chave: Botocudos. Viajantes estrangeiros. Espírito Santo.

ABSTRACT

The 19th century Brazil, was the destination for many foreign travelers, driven to discover the New World and also its most primitive inhabitants - the Indians. These trips resulted in reports of the flora and fauna, social life, labor relations and production, blacks and indigenous people and their enslavements. In this scenario, the german traveler Paul Max Alexander Ehrenreich Physician and professor of anthropology, will travel to Brazil twice in search of Brazilian Indians and thanks to one of these trips allows us to understand how it was the Province of the Espírito Santo in the late 19th century and especially the Indians Botocudos. This dissertation analyzes the German anthropologist research about these capixabas indians, on the assumption that Ehrenreich, while he shared the view of other travelers about the lands visited also had a singular vision, guided by scientific. This work covers both the narrative, the images produced by Ehrenreich during his stay in the province of the Espírito Santo.

Keywords: Botocudos. Foreign travelers. Espírito Santo.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Grupos e Subgrupos Botocudos.....	48
--	-----------

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Recorte da atual Reserva Indígena Krenak no Município de Resplendor/MG	15
FIGURA 2: Indígenas no Espírito Santo	18
FIGURA 3: A Capitania do E. Santo segundo a Carta Régia	27
FIGURA 4: Litoral da Capitania do Espírito Santo	28
FIGURA 5: Botocudos, Puris, Pataxós e Muchacalis (1834)	31
FIGURA 6: Acampamento da Princesa da Baviera no Rio Doce.....	33
FIGURA 7: Fotografia de Índios da tribo Karajá atribuída a Paul Ehrenreich. c. 1888. Ilha de Bananal - MT	39
FIGURA 8: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich de Índias da região do Rio Araguaia, 1894. Pará	40
FIGURA 9: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich – Índio Paunamarí 1894 Rio Purus- Pará	41
FIGURA 10: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich – Índios Yamamadí 1894 - Pará	42
FIGURA 11: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich – Índios Ypuriná c. 1887-1889	42
FIGURA 12: Localização do delta do rio Doce no Estado do Espírito Santo	43
FIGURA 13: Mapa de referências geográficas para a história dos Botocudos, século XIX	49
FIGURA 14: Família de Botocudos em viagem	50
FIGURA 15: Fotos de E. Thiesson, 1844.....	51
FIGURA 16: Recenseamentos Nacionais	52
FIGURA 17: Mapa das nações indígenas existentes no Espírito Santo durante o século XIX	54

FIGURA 18: Os jesuítas no Espírito Santo. 1549-1759	56
FIGURA 19: Anchieta	57
FIGURA 20: Ilustração do Rio DoceFonte	59
FIGURA 21: Distrito e Divisão Militar do Rio Doce (DMRD) e a Diretoria do Rio Doce (DRD)	61
FIGURA 22: Botocudos fotografados na primeira década de XX	64
FIGURA 23: Botocudos fotografados com engenheiros durante a construção da ferrovia Vitória a Minas.....	65
FIGURA 24: Paul Ehrenreich (1855-1914)	67
FIGURA 25: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich de 1894	73
FIGURA 26: Fotografia de Paul Ehrenreich. Índios Botocudos do Rio Doce, 1894..	76
FIGURA 27: Dança dos <i>Nép -nép</i> (Pancas)	78
FIGURA 28: Mapa Etno Histórico de 1944	81
FIGURA 29: Fotografia de Ehrenreich 1885 de um botocudo da região do Rio Pancas	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: A Província do Espírito Santo e os Viajantes no Século XIX.	24
1.1 Organização da Província do Espírito Santo	26
1.2 Viajantes estrangeiros no Espírito Santo	30
1.2.1 – Viajantes alemães	37
1.3 – Paul Max Alexander Ehrenreich em terras brasileiras	39
CAPÍTULO II: Índios Botocudos do Espírito Santo: temidos, porém, fascinantes. ..	46
2.1 – Botocudos: um “mal” a ser civilizado.....	50
2.2 – Resistência botocuda.....	58
2.3 – Índio trabalhador, índio amigo, índio civilizado.....	62
CAPÍTULO III: Paul Max Alexander Ehrenreich e os Índios Botocudos	66
3.1 – Ehrenreich e os índios Botocudos.	68
3.2 – Análise do livro dos botocudos de Ehrenreich.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	85
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

“Neste ano, precisamente no mês de maio, completará duzentos anos que um rei chamado Dom João VI declarou “Guerra Justa” ao meu povo Krenak. Na verdade, para nós Borun são duzentos anos de resistência e de luta pela vida”.

Douglas Krenak

Os chamados Krenak e autodenominados Borun, são os atuais descendentes dos conhecidos Botocudos. A formação deste grupo se deu segundo Paraíso¹, por meio de uma ruptura no grupo dos Gutkrak, na região do rio Pancas,

Esta cisão ocorreu a partir dos primeiros contatos com o antigo Serviço de Proteção ao Índio – SPI, que mantinha um posto para atração indígena denominado “Posto de Pancas”. O contato de um dos líderes do grupo dos Gutkrak, Tetsuk, com os agentes do SPI causa a insatisfação de vários elementos do grupo, provocando a divisão entre estes e ocasionando a formação de um novo grupo que se retiram para as cabeceiras do Córrego do Eme e ali se organizam construindo aldeias. Conforme era costume, adotam o nome do novo líder: Krenak.²

Atualmente, na cidade de Resplendor no estado de Minas Gerais, “cerca de duzentos Krenaks vivem numa área de quatro mil hectares, da qual somente obtiveram a posse definitiva em 1997”³.

Se durante os séculos anteriores a colonização estes índios, chamados pejorativamente pelos portugueses de Botocudos, espalhavam-se ao longo de todo o Rio Doce, Jequitinhonha, Pardo e no interior das matas, no século corrente estes quatro mil hectares de território são bem limitados.

Os indígenas remanescentes,

Vivem da agricultura, pecuária ou de pequenos empregos na cidade vizinha e, na maneira de se vestir e nos hábitos alimentares, não se distinguem do restante da população rural da região. Alguns fazem artesanato (colares, pulseiras, zarabatanas, arco e flecha etc.) para vender em encontros dos movimentos indígenas, para visitantes ou mesmo para usar em algumas cerimônias que começam a ser retomadas. Em algumas casas (típicas do modelo nacional) há antenas parabólicas para televisão; em outras, a situação de miséria é mais evidente.⁴

Além disso,

Falam todos o português, mas também a língua Krenak, fluentemente, sobretudo entre os mais velhos. Têm plena consciência de sua especificidade cultural e de seu passado histórico no interior da sociedade brasileira e são juridicamente reconhecidos como tal pelo Estado nacional, apesar de terem sido dados como extintos oficialmente entre 1950 e 1970.⁵

¹ PARAÍSO, 1992, p. 420.

² SOARES apud REIS, 2013, p. 16 – 17.

³ MOREL, 2001, p. 1051.

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

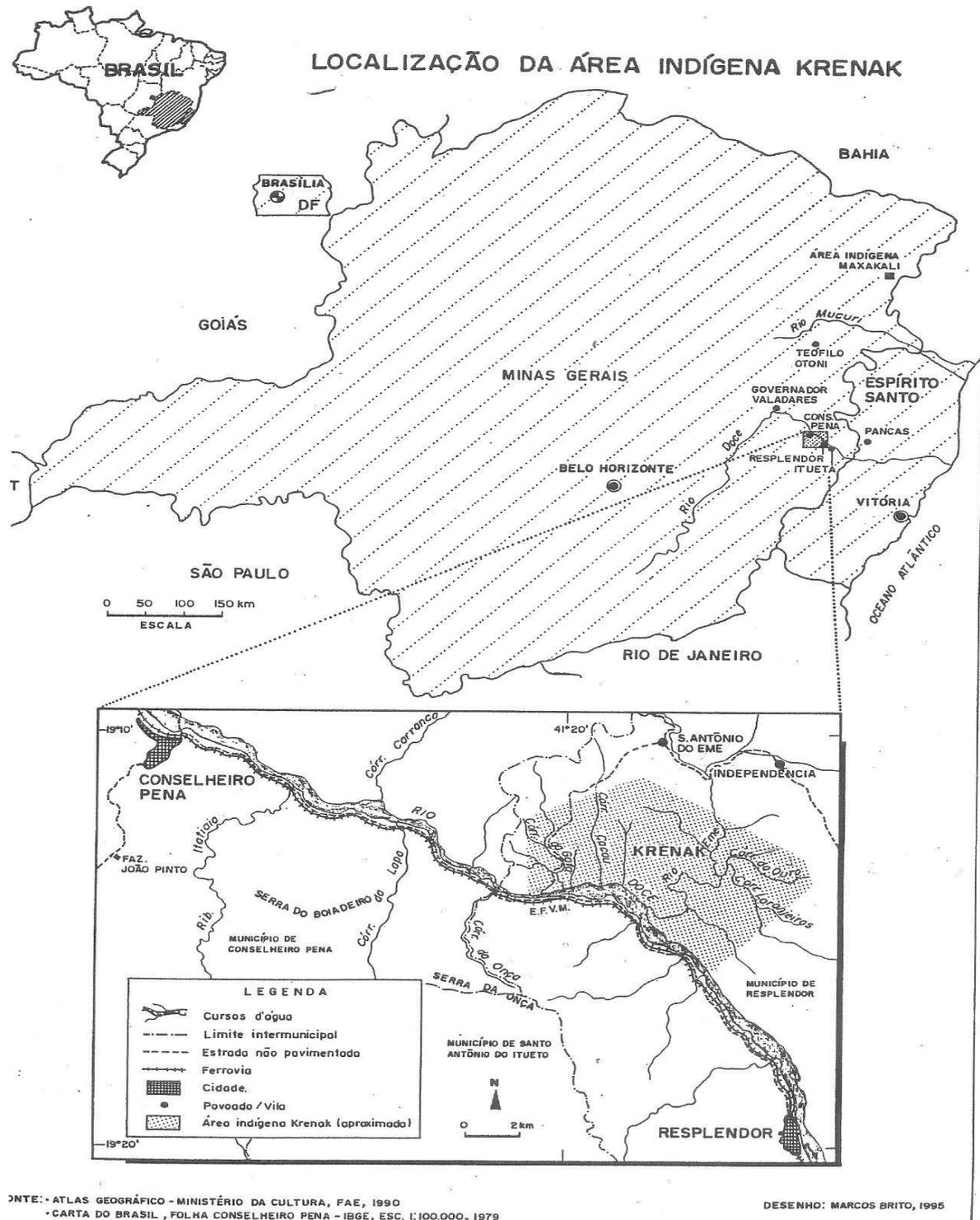


FIGURA 1: Recorte da atual Reserva Indígena Krenak no Município de Resplendor/MG. Fonte: MATTOS, 1996, p. 5.

No território do Espírito Santo onde a presença de Botocudos era grande, infelizmente não se encontram registros de tribos remanescentes. Como demonstrado no quadro abaixo, há apenas dados de tribos tupis e guaranis.

**QUADRO DE ACOMPANHAMENTO DA SITUAÇÃO FUNDIÁRIA DAS TERRAS
INDÍGENAS NO ESPÍRITO SANTO**

Responsável Técnico: José Augusto Sampaio, Consultor Antropólogo Anaí
Atualizado em 30.03.2011

TERRA: Aldeia Ita Pará da Serra do Caparaó

POVO: Guarani

SIT.JURÍDICA: Dominial?, adquirida (doação informal)

EXTENSÃO: ?

COND. -

ATUAL:

MUNICÍPIO(S): Dolores do Rio Preto

POPULAÇÃO: Incluída no contingente guarani da Terra Tupiniquim

TERRA: Araraquara

POVO: TupiniQuim

SIT.JURÍDICA: Dominial, adquirida (Aracel)

EXTENSÃO: 84

COND. Inadequada, degradada

ATUAL:

MUNICÍPIO(S): Aracruz

POPULAÇÃO: 0 (pertence à associação da comunidade da Terra Comboios)

TERRA:	Chapada do A
POVO:	TupiniQuim
SIT.JURÍDICA:	Tradicional, sem providência (a identificar)
EXTENSÃO:	?
COND.	Intrusada, degradada
ATUAL:	
MUNICÍPIO(S):	Anchieta
POPULAÇÃO:	?
TERRA:	Comboios
POVO:	TupiniQuim
SIT.JURÍDICA:	Tradicional, regularizada (homologada)
EXTENSÃO:	3872
COND.	Degradada
ATUAL:	
MUNICÍPIO(S):	Aracruz
POPULAÇÃO:	539 (Funasa, 2010)
TERRA:	TupiniQuim (Processos Tupiniquim e Caieiras Velhas II)
POVO:	TupiniQuim e Guarani
SIT.JURÍDICA:	Tradicional, regularizada (homologada)

EXTENSÃO:	14340: 14283 (Tupiniquim) e 57 (Caieiras Velhas II)
COND.	Degradada
ATUAL:	
MUNICÍPIO(S):	Aracruz
POPULAÇÃO:	2521: 248 Guarani e 2273 Tupiniquim (Funasa, 2010)

FIGURA 2: Indígenas no Espírito Santo⁶.

Durante o século XIX, no entanto, a situação era diferente e por isso havia a presença de muitos viajantes estrangeiros na província do Espírito Santo. Eles vieram para cá, assim como em todo o Brasil, atraídos por novas experiências, conhecimento, e para produzir escritos e livros de viagem. Essas produções foram e são muito importantes para os historiadores, pois nelas os viajantes escreveram suas observações a respeito do cotidiano no século XIX, e é por meio delas que se obtém um melhor entendimento de como eram estabelecidas as relações entre a Europa e o Novo Mundo, a partir do olhar do estrangeiro.

Partindo da situação atual dos Botocudos, recorre-se ao passado, apesar da problemática contemporânea, para buscar compreender como se deram as construções de discursos sobre o Espírito Santo do século XIX, que se perpetuaram tanto aqui como na Europa, analisando principalmente a visão de Paul Ehrenreich sobre os índios botocudos do Espírito Santo no final desse século, dentro do contexto das impressões dos viajantes estrangeiros no Brasil.

Ehrenreich demonstrou dedicação extrema ao conhecimento científico dos índios brasileiros. Em sua obra *Os Índios Botocudos do Espírito Santo*, obra que servirá de fonte para este trabalho, ele realiza descrições etnográficas, trabalhos etnológicos e linguísticos, que servem, ainda nos dias atuais, como fonte para muitos que pesquisam sobre os indígenas brasileiros. Seu estudo, além de apresentar diversos dados já citados, visa aclarar a situação dos Botocudos remanescentes da forte opressão vivenciada pelo processo civilizatório, que pretendia incluí-los na sociedade.

⁶ Disponível em: http://www.anai.org.br/povos_es.asp#QUADRO. Acesso: 15.02.2016.

Deste modo, busca-se reconstruir o discurso de Ehrenreich sobre o Espírito Santo, identificar os possíveis fatores que condicionaram as interpretações dos viajantes sobre os índios Botocudos e reconhecer o “olhar estrangeiro”, para mostrar como essas impressões foram importantes na elaboração de uma imagem desses indígenas para o europeu.

Uma das possibilidades historiográficas que a abordagem dos relatos e a reconstrução dos discursos propiciam, é a cultura material. É necessário lembrar a procedência exterior dos viajantes. Esses homens eram comuns a outros meios materiais e culturais, diferentes dos encontrados no Brasil. A observação de uma cultura material diferente a que lhes eram comuns, possibilitaram-lhes certa atenção a este aspecto,

[...] o discurso dos viajantes é um esforço de dar realidade e inteligibilidade ao que se vê através de uma espessa camada de representações, em que versões são superpostas a fatos, evidenciando como as culturas estabelecem identidades e alteridades, aproximações e afastamento, hierarquias e desordens.⁷

A cultura material, se bem interpretada, tem muito a revelar sobre o funcionamento de uma sociedade. Ela pode esclarecer, para além dos valores estéticos, os meios pelos quais uma sociedade se relaciona e se adapta ao ambiente em que vive. Desse modo, percebe-se não somente as ações do homem atuando no meio em que vive, mas também o inverso.

A pesquisa também se ampara na discussão de Michel Foucault sobre o problema da escrita, ou seja, sobre a complexidade entre as palavras e as coisas. Segundo Foucault⁸, foi no século XIX que surgiram discursos que buscavam a objetividade e a preocupação de instaurar inventários, arquivos, catálogos, repertório na tentativa de redigir uma história “verdadeira”⁹. Uma escrita sistemática, que possuía um método e uma estrutura induzindo a uma totalidade a partir de suas partes. As palavras deveriam ser interrogadas a partir de seus valores representativos, como elementos virtuais do discurso, que prescrevem a elas uma mesma maneira de ser e o historiador deveria buscar nas entrelinhas dos discursos e práticas, assim como o arqueólogo faz ao escavar seu material. A partir dos fragmentos, deveria tentar

⁷ SILVA, 2006, p. 54.

⁸ FOUCAULT, 1999, p. 147.

⁹ Ibidem.

reconstruir o mundo em que os documentos foram elaborados. Consistindo

em referir a linguagem à linguagem. Em restituir a grande planície uniforme das palavras e das coisas. Em fazer tudo falar. Isto é, em fazer nascer, por sobre todas as marcas, o discurso segundo do comentário. O que é próprio do saber não é nem ver nem demonstrar, mas interpretar.¹⁰

Buscava-se entender a linguagem a partir dela mesma, por meio da possibilidade de falar sobre os discursos e interpretá-los.

Albuquerque Júnior, em seu livro *História: a arte de inventar o passado*, tendo como referência a obra de Foucault, refletiu sobre o uso do conceito de invenção, que também nos serve como auxílio, pois, tal conceito tem por objetivo produzir um conhecimento histórico que procura catalogar o passado a partir das imagens e de seus discursos. Dessa forma, seria nas proposições de Albuquerque Junior, necessário buscar uma análise dos discursos e imagens como uma forma de invenção, pois para o referido autor

O momento de invenção de qualquer objeto histórico seria o próprio passado e caberia ao saber histórico tentar dar conta dos agentes desta invenção, definindo que práticas, que relações sociais, atividades sociais produziram um dado evento. Os documentos históricos são tomados como pistas através das quais se tenta rastrear o momento desta invenção, os interesses que estavam na raiz do dado acontecimento, os conflitos e as contradições que levaram à sua emergência.¹¹

Para Albuquerque¹², a invenção do acontecimento histórico, seja de um objeto ou de um sujeito da história, acontece no presente, pois o historiador ao “reconstruir” o passado, incute em sua narração seu próprio discurso. As evidências do passado são fabricadas pelos próprios procedimentos, aparatos, pressupostos teóricos e metodológicos do historiador.

Sobre esse ato de narração do historiador,

Tecer, como narrar, é relacionar, por em contato, entrelaçar linhas de diferentes cores, eventos de diferentes características, para que se tenha um desenho bem ordenado no final. Este trabalho de tecitura é, no entanto, obra da mão de quem tece, da imaginação e habilidade de quem narra. Não podemos pensar que a história escreve a si mesma, que os fatos se impõem ao historiador, que se impõem como evidencia. [...] não podemos escrever a história sem documentos, nem sem as ferramentas que a cultura historiográfica nos proporciona, inclusive os conceitos. [...] O sujeito

¹⁰ FOUCAULT, 1999, p. 56.

¹¹ ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 24.

¹² Idem, p. 26.

produz o objeto, este também define o sujeito.¹³

Para então analisar a narrativa de Ehrenreich, busca-se compreender o modo como certas verdades, discursos sobre a história do Espírito Santo foram construídas. E é neste sentido, que surgem os problemas da escrita. As palavras seriam como a pintura, uma representação da representação, uma dispersão de seus elementos fundadores e ao mesmo tempo uma tentativa de elisão da autoria¹⁴.

Com Foucault o trabalho do historiador é insuflar nova vida aos relatos que nos dizem o que era o passado, através do uso da imaginação, da nossa capacidade poética de retramar o que está tramado, redizer o que está dito, rever o que já foi visto, para que estes relatos sirvam para demarcar a nossa diferença, sirvam-nos para nos tratarmos, dizermos de outra forma.¹⁵

Nossa fonte ainda possui uma característica peculiar, o livro de viagem, que como documento histórico nos permite um tratamento da fonte diferenciado, pois,

O significado do gênero livro de viagem, como texto, tem variado muito de interpretação de autor para autor. O certo é que existia no século XIX uma clara distinção entre a escrita estritamente científica e uma outra, dedicada a um público mais amplo, nem todo ele constituído por leitores especialistas.¹⁶

Outrossim,

A denominada literatura de viagem passa a ter um status diferenciado no mercado editorial, sobretudo o europeu. Essas obras destacam-se dos ensaios históricos e da literatura ficcional, sobretudo pelo fato de serem também consideradas um produto da vivência direta, sem a intermediação dos documentos e principalmente por revelar produtos das descobertas recentes, o novo, o inédito.¹⁷

Desta forma, para entender como essas verdades do livro de viagem de Ehrenreich se conceberam, torna-se necessário os questionamentos de Foucault¹⁸ ainda sobre o tratamento dos documentos. Segundo o autor, a nova história trouxe novos paradigmas, e também consequências. A crítica do documento tinha como objetivo reconstituir “o passado de que emanam e que se dilui”¹⁹. Assim, o documento era tratado como a linguagem de uma voz agora reduzida ao silêncio.

Entretanto, a história modificou sua posição em relação ao documento:

¹³ ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 31 – 32.

¹⁴ FOUCAULT, 1999, p. 21.

¹⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 153.

¹⁶ RIBEIRO, 2004, p. 49.

¹⁷ LEITE, 1996, p. 40.

¹⁸ FOUCAULT, 1972, p.178.

¹⁹ Idem, p. 13.

Ela se dá por tarefa primeira, nem tanto interpretá-lo, nem tanto determinar se ele diz a verdade e qual o seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta-o, distribui-o, ordena-o, reparte-o em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, delimita elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais para a história essa matéria inerte através do qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e do qual apenas permanece o rastro: ela procura definir, no próprio tecido documental das unidades, conjuntos, séries, relações.²⁰

Portanto, a história voltou-se para a arqueologia no que concerne a descrição do documento. Fazer da análise histórica, interpretar o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática, são as três faces de um mesmo sistema de pensamento. O tempo é concebido em termos de totalização, e as revoluções jamais passam de tomadas de consciência²¹. Esse questionamento é necessário para entender como se deu a construção do discurso:

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar por que outras formas de enunciação exclui.²²

Ehrenreich, como muitos daqueles viajantes, tinha uma formação acadêmica, voltada para a história natural, a medicina e a etnologia. Assim, escrevia outra história sobre o novo mundo²³. Seu relato busca produzir um estudo científico, dessa maneira, podendo dispor de várias referências e informações geográficas, naturalísticas e etnográficas.

Os documentos dessa história nova não são outras palavras, textos ou arquivos, mas espaços claros onde as coisas se justapõem: herbários, coleções, jardins; o lugar dessa história é um retângulo intemporal, onde, despojados de todo o comentário, de toda linguagem circundante, os seres se apresentam uns ao lado dos outros, com suas superfícies visíveis, aproximados segundo seus traços comuns.²⁴

Ao questionar o modo que o passado do Espírito Santo surge no relato de Ehrenreich; as condições objetivas para a construção da fonte; e o modo como o seu relato sobre a História construiu determinados discursos e verdades, torna possível deslindar novas possibilidades de análise e compreensão daquela realidade histórica em particular.

²⁰ FOUCAULT, 1972, p. 13.

²¹ Idem, p. 21.

²² idem, p. 39.

²³ BENTIVOGLIO, 2013, p. 14.

²⁴ FOUCAULT, 1999, p. 179.

Diante dessas considerações, a presente dissertação está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo será discutido como se deu o processo de organização da província do Espírito Santo, o contexto da vinda de viajantes estrangeiros, especificamente, os alemães às terras capixabas e do viajante Paul Ehrenreich. O objetivo do capítulo é realizar um panorama das viagens e viajantes no Espírito Santo, suas produções e objetivos, procurando mostrar como os discursos realizados e imagens foram perpetuando-se ao longo do tempo de viajante para viajante. No segundo capítulo, busca-se compreender a atração que os índios Botocudos provocavam nos estrangeiros, bem como se deu o processo de integração e exclusão desses na sociedade, discutindo o problema da idealização do indígena bom e mal. Por fim, o terceiro capítulo faz, uma apresentação sobre Paul Ehrenreich e suas contribuições para a história dos índios no Brasil e para a história dos Botocudos no Espírito Santo. Por meio de suas descrições linguísticas e etnológicas, Ehrenreich rompe com algumas descrições anteriores dos Botocudos, valendo-se da sua cientificidade para analisar esses, ora contrapor-se, ora concordar com outros viajantes.

CAPÍTULO I:

**A PROVÍNCIA DO ESPÍRITO
SANTO E VIAJANTES NO
SÉCULO XIX.**

No decorrer do século XIX, o Espírito Santo, assim como outras partes do Brasil, recebeu a visita de diversos viajantes estrangeiros, tais como: a Princesa da Baviera, Auguste de Saint-Hilaire, o príncipe Maximiliano de Neuwied, Wilberforce, Biard²⁵, entre outros. Essas visitas rendiam diversos relatórios de viagem, que nos dias atuais, podemos dispor de livros como: *Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo* e *Viagens de Pedro II ao Espírito Santo* ambos de Levy Rocha, *Viagem à província do Espírito Santo* de Auguste François Biard, *Viagem ao Brasil* do Príncipe de Wied-Neuwied Maximiliano, *Viagem ao Espírito Santo 1888* da Princesa Teresa da Baviera, dentre outros que tratam dos viajantes estrangeiros.

Estes relatos de viagem são documentos históricos de grande importância para o conhecimento da história do Brasil e do Espírito Santo, pois,

Após o retorno aos países de origem, muitos publicaram, com base nas anotações e no uso da memória, os relatos de suas aventuras, que atraíram levas de leitores. O conjunto dessas obras, conhecido como “literatura de viagens”, torna-se hoje um rico conjunto documental para a análise historiográfica daquele período. Ali são encontradas informações e descrições sobre costumes, economia, sociedade, cultura e outros aspectos que têm sido utilizados para os mais diversos estudos temáticos da história do Brasil. As observações variam de acordo com a formação, os objetivos e os interesses dos seus autores. Apesar da riqueza descritiva das narrativas, cabe ressaltar que não se pode aceitar os relatos como a própria e única realidade, mas como representações de realidades possíveis.²⁶

Portanto, os relatos de viagem cumprem o papel de levar conhecimento sobre outros “povos”, que por muito tempo, apenas recriaram imagens dos povos a partir da perspectiva do viajante. Como muitos viajantes eram leitores de relatos de

²⁵ Esses são exemplos de viajantes estrangeiros que estiveram no Espírito Santo durante o século XIX. A Princesa Teresa da Baviera, durante o período de 26 de agosto a 13 de setembro de 1888 passou por Cachoeiro, Vitória, Santa Leopoldina, Santa Teresa, Mutum, Linhares, Anchieta, Santa Cruz, Carapina, Vila Velha e outros povoados. Em território capixaba, percorreram rios, matas; descreveu índios, costumes, imigrantes, geografia, clima, fauna, flora e atividades econômicas. Saint-Hilaire, durante os anos de 1816 a 1822 percorreu os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul colhendo dados etnográficos e materiais vegetais e minerais. O Príncipe Maximiliano de Neuwied, entre os anos 1815 e 1817 esteve nos estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Segundo seu diário de viagem, veio ao Brasil com o intuito de ampliar o conhecimento sobre a história natural e geografia. Aqui, estudou a flora, a fauna e as populações indígenas. Edward Wilberforce que em 1856 publicou o livro *Brazil viewed through a naval glass with notes on slavery and the slavetrade* (Brasil visto através de um vidro naval, com notas sobre a escravidão e o tráfico de escravos) onde relata as experiências vividas no litoral capixaba. E Auguste François Biard, que no ano de 1858, viajou para o Brasil com a intenção de pintar índios. Esteve primeiramente no Rio de Janeiro – onde realizou trabalhos para Dom Pedro II, pintando retratos do imperador, da imperatriz e das princesas. Depois visitou o Espírito Santo, a Bahia, Pernambuco e o Amazonas. Sobre estes e outros viajantes estrangeiros Cf: ROCHA, Levy. **Viajantes estrangeiros no Espírito Santo**. Brasília: EBRASA, 1971.

²⁶ SILVA, 2006, p. 02.

viagem, outros tantos foram atraídos pelos mesmos relatos. Desta maneira, “os viajantes foram responsáveis por uma série de representações, que se incorporaram à historiografia do século XIX, possivelmente por reforçarem as representações nacionais”²⁷. Assim, o discurso que os relatos de viagens traziam, era a representação simbólica do mundo ou de uma realidade exterior e universal.

1.1 Organização da Província do Espírito Santo

Faz-se necessário, contudo, compreender como se deu o processo de surgimento da província do Espírito Santo e como esta se encontrava durante o século XIX.

Segundo Daemon²⁸ “neste ano [1504] do dia 4 a 8 de julho foi descoberta a província do Espírito Santo pelo hábil e destemido navegante Cristóvão Jaques”. Muitos estudiosos como Amâncio Pereira e Afonso Cláudio²⁹, mostraram-se céticos quanto à hipótese de Daemon, sem apresentar, no entanto, alternativas. Nesse período entre a descoberta até o que podemos chamar de colonização, em torno de trinta anos, há um grande desencontro de informações, “Códice algum, ao que sabemos, permite afirmar, com segurança, quem primeiro contemplou a costa do atual estado do Espírito Santo; ou quando atingido, pela primeira vez, o litoral presentemente espírito-santense”³⁰. Por isso, adotar-se-á a versão do historiador Daemon, para a descoberta dos portugueses das terras capixabas³¹.

Com as expedições portuguesas de reconhecimento das terras do “Novo Mundo” e a divisão dessas em capitanias hereditárias³², em 23 de maio de 1535, Vasco Coutinho³³, desembarca na atual Prainha de Vila Velha, onde fundou o primeiro

²⁷ LISBOA, 2002, p. 31.

²⁸ DAEMON, 2010, p. 103.

²⁹ Cf. PEREIRA, Amâncio. **Noções abreviadas de geografia e história do Estado do Espírito Santo**. 6 ed. Vitória, Tipografia Coelho, 1922; CLÁUDIO, Afonso. **Insurreição do Queimado: episódio da história da província do Espírito Santo**. 2 ed. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1979.

³⁰ FREIRE, 2006, p. 37.

³¹ A data e versão adotada foram por mera casualidade ao que foi encontrado na pesquisa do autor.

³² Cf. OLIVEIRA, 2008, p. 13 – 14. Demarcação de lotes em terras brasileiras que foram entregues à doze homens portugueses no sistema de donatários.

³³ Donatário que recebeu a Capitania do Espírito Santo de D. João III em 01 de junho de 1534 por meio da carta de doação.

Penha. Uma homenagem a Nossa Senhora da Penha, padroeira do Espírito Santo³⁷.

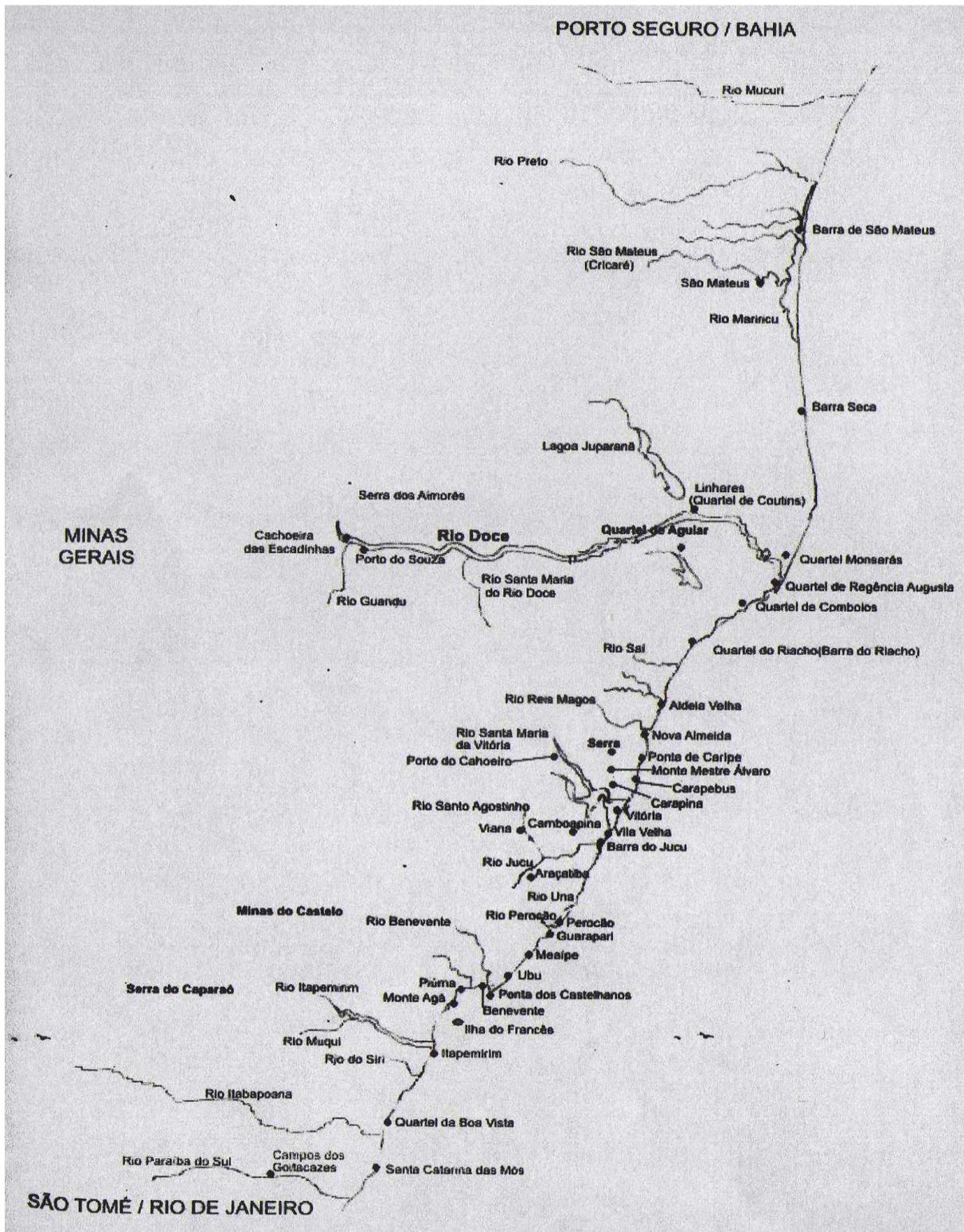


FIGURA 4: Litoral da Capitania do Espírito Santo. Fonte: FREIRE, 2006, p. 35.

³⁷ DAEMON, 2010, p.119 – 129.

Ainda houve um período³⁸ em que a capitania do Espírito Santo foi anexada à capitania da Bahia. A proibição da mineração nas Minas Gerais e as tribos indígenas aqui existentes contribuíram para que, durante muito tempo, sua povoação fosse basicamente litorânea.

Entende-se que o século XIX foi um período de grandes modificações, não só no Espírito Santo, mas no Brasil com a vinda da família Real (1808): o processo da Independência de Portugal, em 1822; a abolição da escravidão, em 1888; a vinda de imigrantes europeus e por fim, a Proclamação da República, em 1889. Todas essas transformações no contexto geral do Brasil refletiram-se na província do Espírito Santo e também na questão indígena.

Esse trabalho se aterá no século XIX, por entender que foi um período fundamental, tanto para aos índios Botocudos³⁹, quanto para os viajantes estrangeiros e seus relatos de viagens. Posto que, “para os Botocudos, o século XIX foi o período em que entraram diretamente em contato com os *civilizados*, pois a nova onda de colonos que adentrava o território brasileiro atingia seus últimos refúgios”⁴⁰. E para viajantes estrangeiros, que buscavam o exótico, o desconhecido, e o Novo Mundo, o século XIX, também denominado o século das ciências, revelou-se como um novo mar de possibilidades. Supõe-se ser esse o motivo da grande quantidade de viagens estrangeiras à Província capixaba, que teve início com a “descoberta portuguesa” e perdurou até os séculos que se seguiram.

³⁸ Não se soube precisar este período. Segundo Oliveira (2008), “parece que não houve ato específico da Administração (...). Tem-se, por exemplo, a carta régia de vinte e nove de maio de 1809, dirigida ao governador Manoel Vieira de Albuquerque Tovar, em que o príncipe regente houve por bem extinguir a Provedoria da Real Fazenda, sediada na capitania, e ordenar fosse estabelecida uma Junta da Administração e Arrecadação da Real Fazenda, na vila de Vitória, subordinada imediatamente ao Real Erário. A dezesseis de agosto de 1810, aquele governador, em ofício ao conde de Aguiar, lamentava “ser ainda a Capitania do Espírito Santo subalterna à da Bahia” (*Gov. ES*, I). Justificando a medida pleiteada, isto é, que fosse eliminada a subalternidade de seu governo ao da Bahia, transferindo-se a dependência “para o do Rio de Janeiro, Albuquerque Tovar referia-se à dificuldade de comunicações com a Bahia, dada a inexistência de estradas entre Vitória e a cidade do Salvador (*idem, ibidem*). Logo a seguir, D. João baixou o decreto de três de setembro daquele milésimo de 1810, ordenando “que o governo da Capitania do Espírito Santo pelo que pertence à parte militar fique independente da Bahia” (p. 271).

³⁹ Também chamados de Tapuias ou Aimorés. Pertencem ao tronco lingüístico Macro-Jê (Paraíso, 2002).

⁴⁰ NASCIMENTO, 2001, p. 230.

1.2 Viajantes estrangeiros no Espírito Santo

Como já dito, muitos foram os viajantes que estiveram em terras brasileiras e por meio de seus relatos dispomos de fontes preciosas para estudar o passado, tanto brasileiro, quanto capixaba. Estas pessoas que podemos chamar de viajantes-escritores, produziram narrativas de especial valia para os historiadores do Brasil a respeito do cotidiano no XIX, e escreveram sobre suas vivências e observações em território brasileiro de acordo com suas formações e interesses.

No contexto da vinda da Corte Portuguesa para o Brasil no ano de 1808 ⁴¹ e todas as condições criadas para a sua estadia em território brasileiro, várias pessoas como missionários religiosos, cientistas, diplomatas, artistas, técnicos, comerciantes e intelectuais foram atraídos para o Brasil.

A partir de 1808, quando a chegada da família real portuguesa acabou com a proibição de estrangeiros pisarem em solo brasileiro, foram cada vez mais numerosas as visitas de viajantes ao Brasil. Tanto a curiosidade existente quanto as motivações científicas fizeram com que muitos naturalistas, botânicos, príncipes, princesas e pintores, dentre outros, viessem conhecer melhor a terra e a gente brasileira, e também o Espírito Santo. Foi um momento em que histórias e narrativas de viagem, bem como estudos de história natural, ganharam apreço e estimularam expedições intercontinentais e a produção de escritos.⁴²

Os índios, em especial, os Botocudos, objeto de análise deste estudo, exerciam grande fascínio sobre os viajantes estrangeiros:

Primeiro porque durante muito tempo foram vistos como temíveis e antropófagos, desde suas primeiras descrições e pinturas, como a que foi feita por Jean Baptiste Debret e publicada em 1834 em sua *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, na qual foram retratados com rostos ferozes e próximos a uma fogueira comendo pedaços de carne humana. Segundo porque foram aqueles índios que mais resistiram à ocupação de suas terras no litoral brasileiro. Terceiro porque segundo muitos relatos de viajantes estrangeiros, como Maximilian Wied-Neuwied ou Auguste Saint-Hilaire, estariam nos graus mais inferiores do desenvolvimento técnico e intelectual humanos.⁴³

⁴¹ Referimo-nos aqui ao contexto da Abertura dos Portos em 1808 quando o Brasil tornou-se a nova sede administrativa do reino português, depois que a família real portuguesa transferiu-se para o Brasil, por motivações políticas.

⁴² BENTIVOGLIO, 2013, p. 16.

⁴³ BENTIVOGLIO, 2014, p. 20.

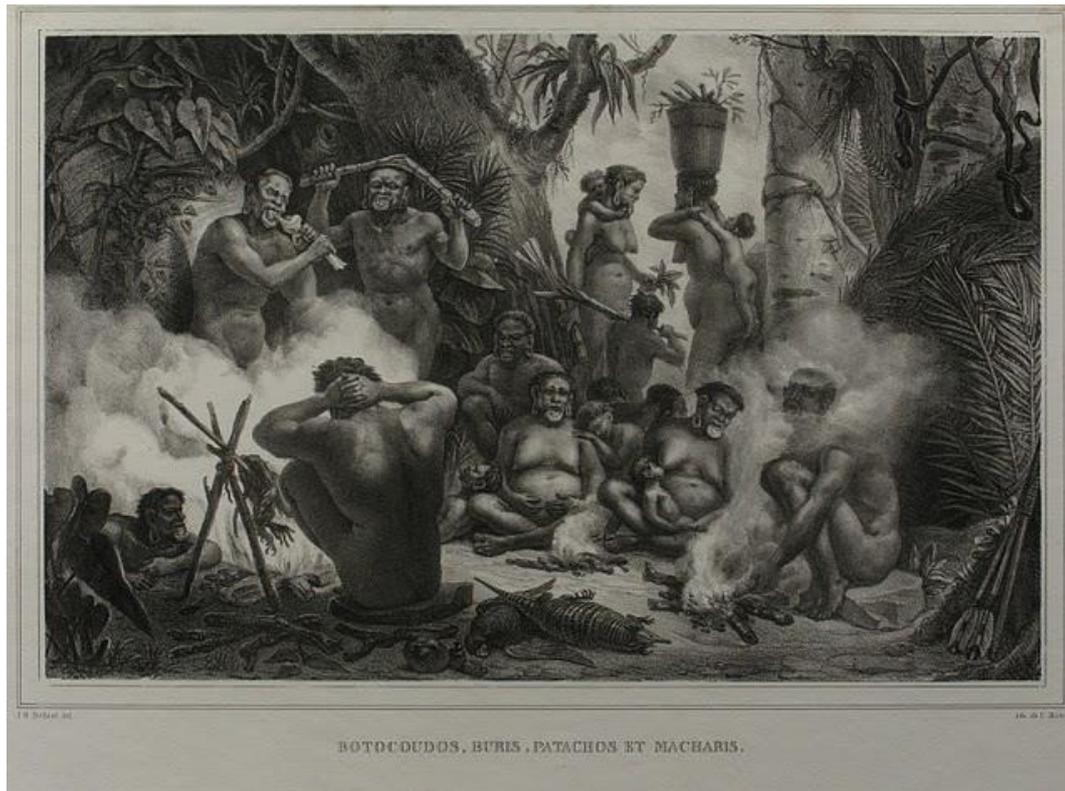


FIGURA 5: Botocudos, Puris, Pataxós e Muchacalis (1834). Jean-Baptiste Debret. Fonte: EHRENREICH, 2014, p. 20.

Esse fascínio e busca pelas viagens ao interior do Brasil pode ser entendido, porque “foi no século XIX que se intensificou na Europa a busca pelo conhecimento, além da necessidade de investigar, classificar e ordenar o mundo da natureza”⁴⁴. Todavia, esses viajantes já possuíam determinada visão, certo modelo prévio do que iriam encontrar nas terras brasileiras, antes mesmo de empreender sua jornada, já havia “discursos” pré-estabelecidos sobre o “Novo Mundo”:

[...] o relato de viagem se constitui em um campo disponível aos múltiplos discursos que o percorrem e que o articulam, tais como o do antigo cosmógrafo, do geógrafo, do naturalista, do etnógrafo, do administrador e do economista, do militar, do missionário, [...] enfim, do escritor e do historiador. Cada um deles é dotado de seu próprio léxico, o que não nos impede de se cruzarem reciprocamente. Trata-se de um texto cuja condição fragmentária o torna passível de ser apreendido segundo o desejo de receptor [...].⁴⁵

Para Foucault, um discurso é definido como uma rede de signos que se conecta a outras tantas redes de outros discursos, em um sistema aberto, que registra, estabelece e reproduz não significados esperados no interior do próprio discurso, mas sim, valores desta sociedade que devem ser perpetuados. O discurso deixa de

⁴⁴ RIBEIRO, 2004, p. 26.

⁴⁵ CEZAR, 2010, p. 28 – 29.

ser a representação de sentidos pelo que se debate ou se luta e passa a ser, ele mesmo, o objeto de desejo que se busca, dando-lhe, assim, o seu poder intrínseco de reprodução e dominação.

O discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante.⁴⁶

Deste modo, a propagação de “visões” do Brasil e do Espírito Santo por meio dos relatos e discursos dos viajantes se condicionou, em território europeu, via publicação das escritas de viagem. O esclarecimento dos interesses envolvidos nas narrativas de viagem visa um uso mais consciente desses como fonte histórica.

Interesses de ordem econômica, pendores filosóficos, predileções exóticas, a insatisfação com a realidade social e a ânsia de fuga para algo melhor, tudo se reflete na imagem européia da América, e, portanto, do Brasil.⁴⁷

Se, por uma perspectiva, existe uma diversidade nas formas de recepção desses textos pelos leitores, por outra, as narrativas de viagem parecem possuir um ponto comum entre elas, “[...] o conteúdo dos relatos seria uma manifestação da verdade daquilo que os viajantes viram; parece haver uma *intenção de verdade* no texto”⁴⁸.

Os relatos de viajantes europeus sobre o Novo Mundo, no século XIX, orientavam-se pela ciência, pelos locais sociais do grupo de origem do viajante e pela própria experiência da viagem. Ou seja, pela percepção do desconhecido, da alteridade e do diferente. Afinal, foram os relatos escritos por estes homens que produziram na Europa as representações sociais e geográficas sobre o Brasil do século XIX. Tomando estes relatos, é preciso estabelecer um diálogo entre olhares nativo e estrangeiro em seus espaços epistemológicos⁴⁹.

Existiu uma troca recíproca de saberes entre os vários escritos de viagens, a população local e os viajantes estrangeiros. Essa transferência de informações contribuiu para a perpetuação de imagens, de modo consciente ou não, entre um autor e outro.

Muitos desses viajantes embarcaram rumo ao Brasil, impulsionados uns pelos

⁴⁶ FOUCAULT, 1996, p. 49.

⁴⁷ HOLANDA, 1985, p. 40.

⁴⁸ CEZAR, 2010, p. 29.

⁴⁹ FOUCAULT, 1999, p. 493.

outros, por meio dos relatórios de viagens que serviam para legitimar a ciência, divulgar na Europa uma determinada visão do *Novo Mundo*, além de aguçar a curiosidade, principalmente sobre os indígenas.

Preparar a viagem, conseguir recursos, aportar no Rio de Janeiro, obter autorização do governo para começar a expedição, encontrar algum guia confiável e que dispusesse do conhecimento prático necessário para o alcance dos lugares desejados, assim como a existência de um contato ou planejamento prévio, feito muitas vezes a partir de relatos anteriores, eram quesitos necessários para a empreitada. A procura por esses lugares isolados levava o viajante e o administrador ao topo de montanhas, a lagos, a florestas, enfim, a lugares intocados pela civilização⁵⁰. Nessas viagens, os estrangeiros quase nunca seguiam sozinhos. Procuravam por guias que conhecessem a região, ou até mesmo se valiam da autoridade local, para conseguir comidas, cavalos, guias e tropeiros. Como exemplo a Princesa Teresa da Baviera, que em 1888 veio conhecer os trópicos, visitar tribos de índios e colecionar plantas, animais e objetos etnográficos, assistida por um mordomo, um criado taxidermista e uma dama de companhia⁵¹.

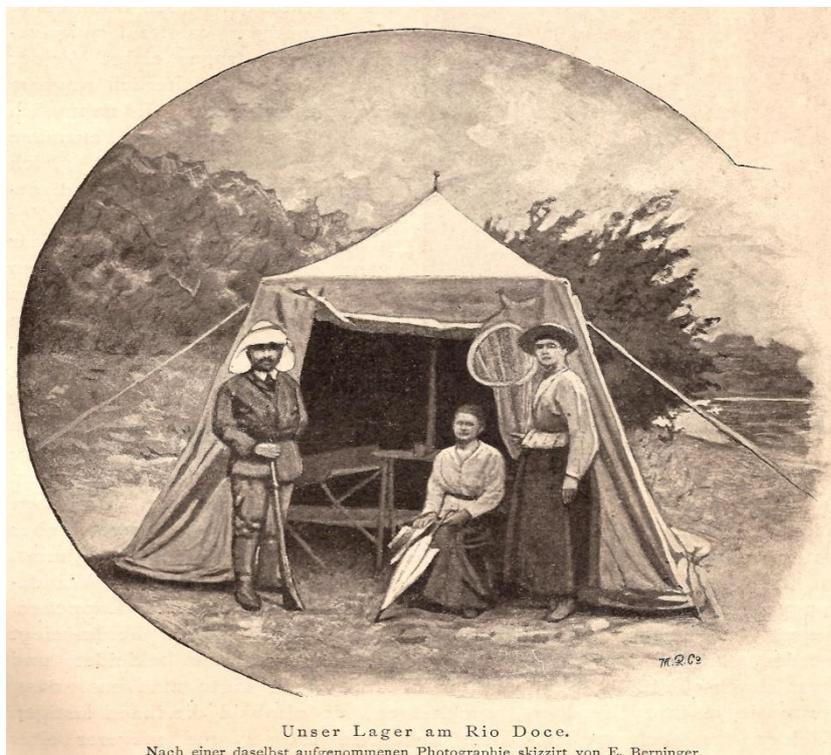


FIGURA 6: Acampamento da Princesa da Baviera no Rio Doce. Fonte: BENTIVOGLIO, 2013, p. 89.

⁵⁰ THOMAS, 1988, p. 317.

⁵¹ LEITE, 2000, p. 134.

As viagens podem ser classificadas em dois tipos: as voluntárias e as forçadas⁵². As forçadas são aquelas provenientes de catástrofes, guerras, epidemias e crises econômicas e as voluntárias, acontecem pelo desejo de aventura, de pesquisa, de lazer e de trabalho e “são entendidos como motivações pessoais em vista de enriquecimento, projeção social, status ou simples deleite”⁵³.

A história dos livros de viagem é de certa forma, a história das próprias viagens, que se perpetuam como relatos. Esses relatos produziam tanto informações úteis para os projetos europeus de dominação, como para fenômenos de transculturação⁵⁴. A autora Miriam Moreira Leite⁵⁵, retrata isso bem, ao corroborar o sentimento de um desses viajantes europeus ao dizer que “[...] como muito de seus contemporâneos tinha o sentimento de superioridade cultural européia e assumia a responsabilidade de salvar do atraso os outros povos”.

Dominação e conhecimento eram aspectos comuns da busca dos naturalistas viajantes. Pois, “buscava-se constituir na Europa através da enumeração e classificação de todas as espécies da flora e da fauna, assim como de todas as formas de sociedades humanas”⁵⁶, esse conhecimento sobre o “Novo Mundo”. Os índios Botocudos incluem-se nesse motivo de interesse e atração dos viajantes naturalistas no Espírito Santo, que buscavam olhar e descrever toda a natureza das coisas e dos homens.

O grande número de naturalistas constituiu o núcleo mais apreciado dos viajantes, cuja função no levantamento e estudo da geologia, zoologia e da botânica brasileira abrangia, entre suas preocupações, o estudo dos povos encontrados. Embora o índio fosse o elemento privilegiado, por seu interesse na condição do que chamavam de “povo natural”, a percepção do cientista para o relacionamento social da população branca e negra encontrava-se mais aguçada, que a dos outros profissionais.⁵⁷

Viajar por prazer e conhecimento até o final do século XIX, era restrito aos intelectuais ou ao luxo aristocrático, poucos tinham sido os que percorreram e descreveram o interior do país antes de 1808, devido ao sigilo com que a coroa

⁵² CARNEIRO, 2001, p. 228.

⁵³ LISBOA, 1997, p. 32.

⁵⁴ Termo empregado por Mary Louise Pratt no livro *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação* (1999) para descrever as formas de interação entre culturas em que há processos assimilatórios mútuos e fecundos.

⁵⁵ LEITE, 2000, p. 138.

⁵⁶ CARNEIRO, 2001, p. 235.

⁵⁷ Idem, p. 25.

portuguesa mantinha sua principal colônia.

Em função desse sigilo, o Brasil permaneceu, por muito tempo, pouco conhecido em outras nações europeias, o que acabava por aguçar ainda mais o interesse dos viajantes. Os estudos científicos mais significativos sobre o país, até então, tinham a supervisão e custeio da coroa portuguesa. Com a vinda da família real, em 1808, suscita-se a chegada de curiosos desbravadores, finalmente autorizados a percorrerem os sertões e matas brasileiras.

A atividade de naturalista-viajante no Brasil tornou-se um fluxo constante de desembarques, especialmente pelo Rio de Janeiro, de estrangeiros vindos para investigar o país⁵⁸. Desta maneira, a presença da família real portuguesa e a Abertura dos Portos, propiciaram uma maior aproximação entre o Brasil e o resto da Europa.

O desejo de conhecer o país “exótico”, não perpassava apenas os meios acadêmicos europeus, vários estrangeiros, cientistas ou não (Saint Hilaire, Maximilian zu Wied-Newied, Charles Frederick Hartt, Albert Dietze, Paul Ehrenreich, entre outros) escreveram suas impressões acerca do Espírito Santo. Das motivações pessoais ressaltadas, dentre tantas, destaca-se os estudos para formação acadêmica, o turismo, e as questões profissionais e econômicas. No plano institucional, cabe destaque ao vínculo entre “as viagens e os órgãos públicos dos países envolvidos foi, antes de tudo, uma contingência inevitável”, haja vista a diplomacia que envolvia as viagens⁵⁹.

Os viajantes estrangeiros procediam de outras culturas, eram homens e mulheres dotados de pré-conceitos e referenciais culturais próprios, como qualquer sujeito sociocultural. Por esse motivo, em diversos relatos temos o deslumbramento dessas pessoas frente à fauna, à flora e a belezas naturais dos lugares percorridos, também foi possível perceber, certo desconforto pela observação de uma cultura material diferente a que lhes era comum:

Aqui pernoitamos uma vez, na miserável venda, que nos deu plena ideia dos incômodos, a que teríamos de nos sujeitar, viajando para o interior. Como manjar, tivemos farinha de mandioca, seca ao sol, carne de vaca;

⁵⁸ CARNEIRO, 2001, p. 244.

⁵⁹ LEITE, 1996, p. 61.

como pousada, um banco duro sem almofada nem coberta, pondo à prova a paciência e aptidão de cada um.⁶⁰

Leite⁶¹, ilustra bem tanto esse desconforto, quanto os pré-conceitos dos viajantes, ao falar sobre a viajante Ida Pfeiffer que, a partir de 1842, peregrinou pelo mundo por 15 anos:

Levava apenas um saco e uma bolsa mais carregada de cartas de recomendação [...] que de dinheiro. Alojava-se onde conseguia, ficando mesmo ao relento, tendo por único luxo um pequeno travesseiro debaixo do casaco. Suportava o frio e o calor com a mesma roupa comprida e fechada até o pescoço, cheia de pudor das mulheres de meia idade do século XIX. Andou de barco, piroga, mula, camelo, elefante, palanquim semanas a fio. [...] Exprimia os valores da vida cotidiana dos pequenos negociantes austríacos, do início do século XIX – um culto ao trabalho e à família, desprezo pela sensualidade, repugnância pela sexualidade, confiança no progresso e no cristianismo. Horrорizava-se com a feiúra, a indecência e o fanatismo dos outros povos.⁶²

Situação semelhante a descritas por Ida Pfeiffer passava os viajantes que percorriam as terras capixabas, repletas de índios e consideradas atrasadas economicamente. Edward Wilberforce, um viajante inglês, ao percorrer a cidade de Itapemirim em 1851, confirma essa impressão de atraso no desenvolvimento da região, bem como da violência entre os nativos, visão essa que perdurou até o século XX no imaginário europeu, e que se refletia nos relatos de viagem. Em passeio a pé pela cidade com o presidente da Câmara, pergunta ao passar por uma casa vazia e aos pedaços:

Por que a casa estava inacabada?

- Ah, sim! – disse serenamente o presidente da Câmara – ela pertence a um homem que foi apunhalado outro dia.

- Apunhalado! Por que razão?

- Realmente não sei; nada pessoal, eu acho. Uma simples provocação, ou coisa assim. Há indivíduos terríveis por aqui; sem exceção, os mais sanguinários que já vi.⁶³

Esses relatos de viagem descreviam o Espírito Santo e construíam imagens. Verificou-se que praticamente todos os viajantes deixaram relatos, sobre a flora e a fauna, sobre a organização da vida social, sobre as relações de trabalho e mostraram profundo interesse por questões indígenas ou escravistas.

⁶⁰ SPIX; MARTIUS, 1980, p. 127.

⁶¹ LEITE, 2000, p. 138.

⁶² Ibidem.

⁶³ WILBERFORCE, 1989, p. 33.

Desta forma, os relatos dos viajantes estrangeiros possuem a vantagem de, entre outras coisas, abordar de maneira incisiva aspectos que passam de maneira involuntária, ou até mesmo se fazem ausentes, em outros tipos de fontes. Isso porque os viajantes eram sujeitos de formação cultural exterior ao meio brasileiro, o que contribuía para o tipo de gênero documental produzidos por eles.

[...] Os relatos jornalísticos e a narrativa de viagem, [...] eram mediadores essenciais entre a rede científica e o público europeu mais amplo, pois eram agentes centrais na legitimação da autoridade científica e de seu projeto global, ao lado de outras formas européias de ver o mundo e habitá-lo.⁶⁴

Como dito anteriormente, foram vários os viajantes estrangeiros que, com a Abertura dos Portos, estiveram em terras brasileiras. Nos capítulos que se seguem, atentarse-á principalmente nos relatos do viajante alemão Paul Max Alexander Ehrenreich sobre os Botocudos no Espírito Santo do século XIX. Pois, os relatos desse, vão ao encontro do que já foi exposto, quanto aos relatos de viagem, a curiosidade pelo Novo Mundo, o fascínio aos silvícolas e o interesse científico.

Sua obra nos possibilita a compreensão do valor desse gênero documental, descrita nos livros e relatórios de viagens, e, também, colabora com a identificação das múltiplas problemáticas passíveis de abordagens pelas vias dos domínios da história.

1.2.1 – Viajantes alemães

Para entendermos o grande número de viajantes alemães que percorreram o território brasileiro, é preciso compreender o contexto histórico daquele momento. Com o matrimônio de Dom Pedro I com a arquiduquesa Leopoldina d'Áustria, temos as relações comerciais, políticas e culturais entre o Brasil e as regiões de idioma e cultura germânicas estreitadas. Spix⁶⁵ e Martius⁶⁶ são grandes exemplos dessa

⁶⁴ PRATT, 1999, p. 63.

⁶⁵ Johann Baptiste von Spix nasceu em 9 de fevereiro de 1781 e faleceu aos 46 anos, em 15 de maio de 1826, de uma enfermidade contraída durante a viagem ao Brasil. Seus estudos concentravam-se na anatomia e na zoologia. No ano de 1810, foi contratado pela Real Academia de Ciências de Munique. Escreveu, junto com Martius, a obra *Reise in Brasilien* – como faleceu em 1826, escreveu apenas o primeiro volume do livro. Para maiores informações, Cf. LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem ao Brasil**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

⁶⁶ Com o casamento de Dom Pedro com Dona Leopoldina, vários cientistas de língua alemã se aventuraram pelo interior do Brasil, a fim de estudar a fauna e a flora e conhecer suas riquezas naturais. Carl Friedrich Philipp von Martius foi um médico, botânico e etnólogo, que nasceu em 17 de abril de 1794 e faleceu em Munique, em 13 de dezembro de 1868. Foi um dos grandes estudiosos do

relação Brasil e Alemanha. Desde o século XVI, as viagens obtiveram espaço no imaginário europeu e a literatura de viagem, principalmente a científica, ganhou força e estímulo nas academias a partir dos séculos XIX e XX⁶⁷. Outros fatores que contribuíram para a expansão da literatura de viagem alemã no século XIX foram os processos imigratórios pós-unificação em 1871 (1º Reich) e o processo de neocolonialismo alemão proposto na Conferência de Berlim (1884).

Nesse contexto, teremos muitos alemães no Brasil e muitos escritos oriundos de viagens de estrangeiros, o próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838, publicará e traduzirá textos de estrangeiros na Revista do Instituto, como exemplo o de Spix e Martius. Segundo Lisboa, “nenhum outro lugar publicava mais literatura de viagem do que a Alemanha”⁶⁸.

Muitos desses escritos nascem, conforme é possível acompanhar nas introduções, justamente em resposta à “ignorância” que grassava a respeito do Brasil no Velho Mundo. Portanto, num sentido mais escrito, pretendem cumprir a função “clássica” do relato de viagem: levar conhecimento sobre outros “povos” para o leitor “pátrio”. Com este gesto se tornam inventores e recriadores de um panorama de imagens, que, como veremos, estão carregadas de contradições, preconceitos e ideologias, que têm a sua história, relativizando a noção de “conhecimento” sobre um “povo” visitado.⁶⁹

Lisboa classifica ainda os viajantes alemães em duas categorias: A) as dos *pragmáticos* com Vallentin, Cosel, Krieger e B) a dos *literatos* com Paul Zech, Kasimir Edschmid e Norbert Jacques⁷⁰. Conforme a classificação da autora o viajante por nós estudado, caso fosse citado na obra, entraria no grupo dos pragmáticos, no sentido da produção material, de criação, progresso e desenvolvimento. De alguma maneira, Ehrenreich foi espectador de uma “Europa da *Belle Époque*, cujos acontecimentos históricos vão cada vez mais, pôr em questão definições do que vinha a ser o mundo ocidental cristão “civilizado” e a própria ideia de Europa”⁷¹.

Brasil no século XIX. Para Maiores informações: LISBOA, K. M. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem ao Brasil**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

⁶⁷ LISBOA, 2002, p. 45 – 46.

⁶⁸ Idem, p. 34.

⁶⁹ Idem, p. 23.

⁷⁰ Idem, p. 18.

⁷¹ Idem, p. 27.

1.3 – Paul Max Alexander Ehrenreich em terras brasileiras

Paul Max Alexander Ehrenreich nasceu em Berlim em 1855. Doutorou-se em medicina e em filosofia, e foi docente da Universidade de Berlim. Dedicou-se também aos estudos de etnologia e antropologia, possivelmente sob a influência de Rudolf Virchow⁷². Realizou viagens de estudos à Índia, ao Egito, a Tailândia, a Argentina, aos Estados Unidos, ao México e ao Brasil, onde esteve por duas vezes, entre os anos de 1884 e 1889. Em sua primeira viagem durante os anos de 1884 e 1885, esteve entre os Botocudos do Rio Doce nos estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Na segunda expedição (1887-1888) acompanhou o também viajante estrangeiro e etnólogo Karl von den Steinen⁷³ ao alto Xingu, e a seguir nos anos de 1888 e 1889 visitou os Karajá do Araguaia, os Paunamarí, Yamamadí e os Ypuriná do Purus.



FIGURA 7: Fotografia de Índios da tribo Karajá atribuída a Paul Ehrenreich. c. 1888. Ilha de Bananal - MT⁷⁴.

⁷² Rudolf Virchow foi um polonês nascido em 1821 e falecido em 1902, médico e político liberal. Considerado pai da patologia moderna e da medicina social, além de antropólogo.

⁷³ Karl von den Steinen, nascido em 7 de março de 1855 e falecido em 4 de novembro de 1929, foi um médico, explorador, etnólogo e antropólogo alemão. Era também pesquisador da Universidade de Berlim e foi o primeiro homem a fazer expedições ao Xingu.

⁷⁴ Disponível em: <http://povosindigenas.com/paul-ehrenreich/>. Acesso: 16.01.2016.

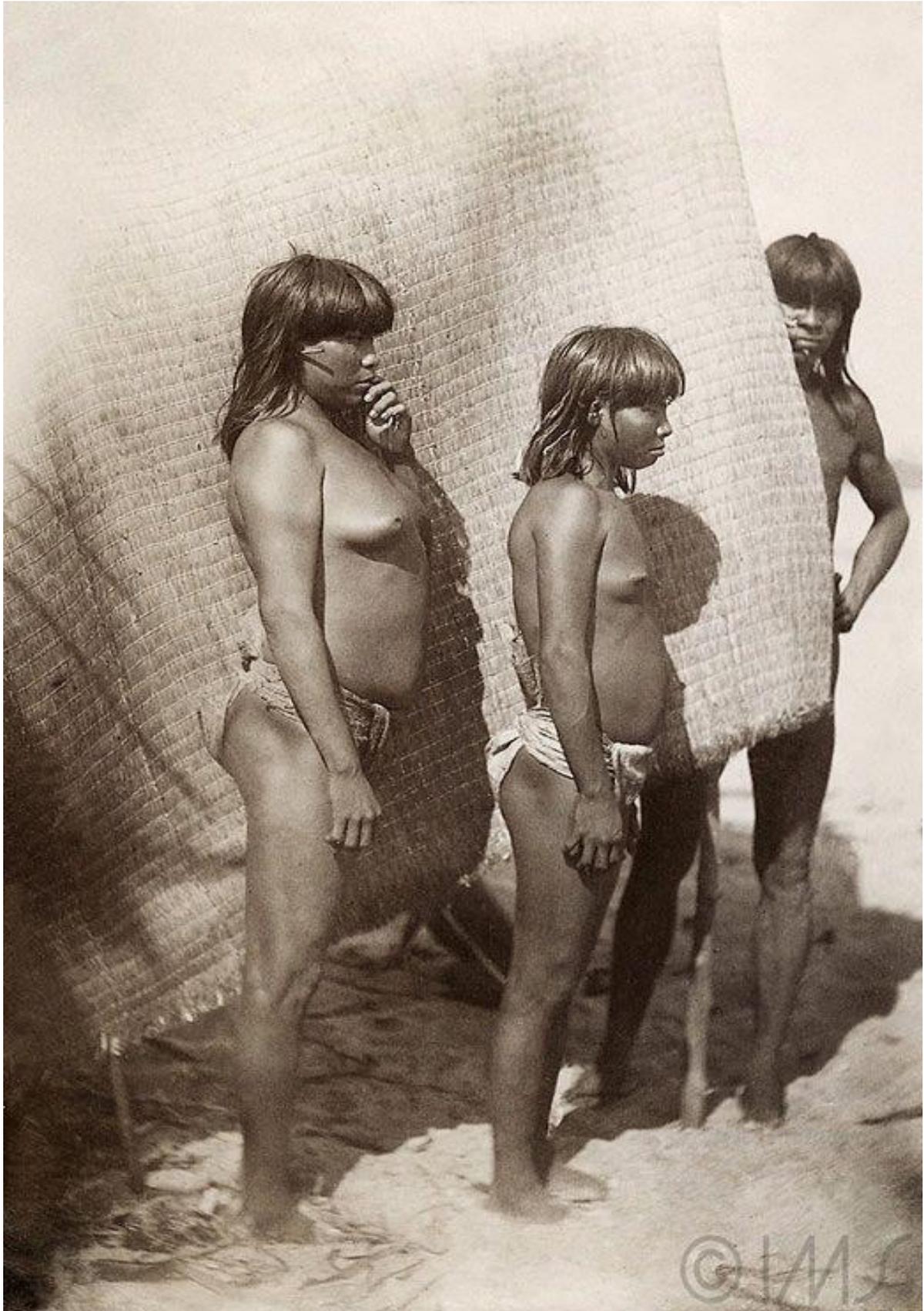


FIGURA 8: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich de Índias da região do Rio Araguaia, 1894. Pará⁷⁵.

⁷⁵ Disponível em: <http://povosindigenas.com/paul-ehrenreich/>. Acesso: 16.01.2016.

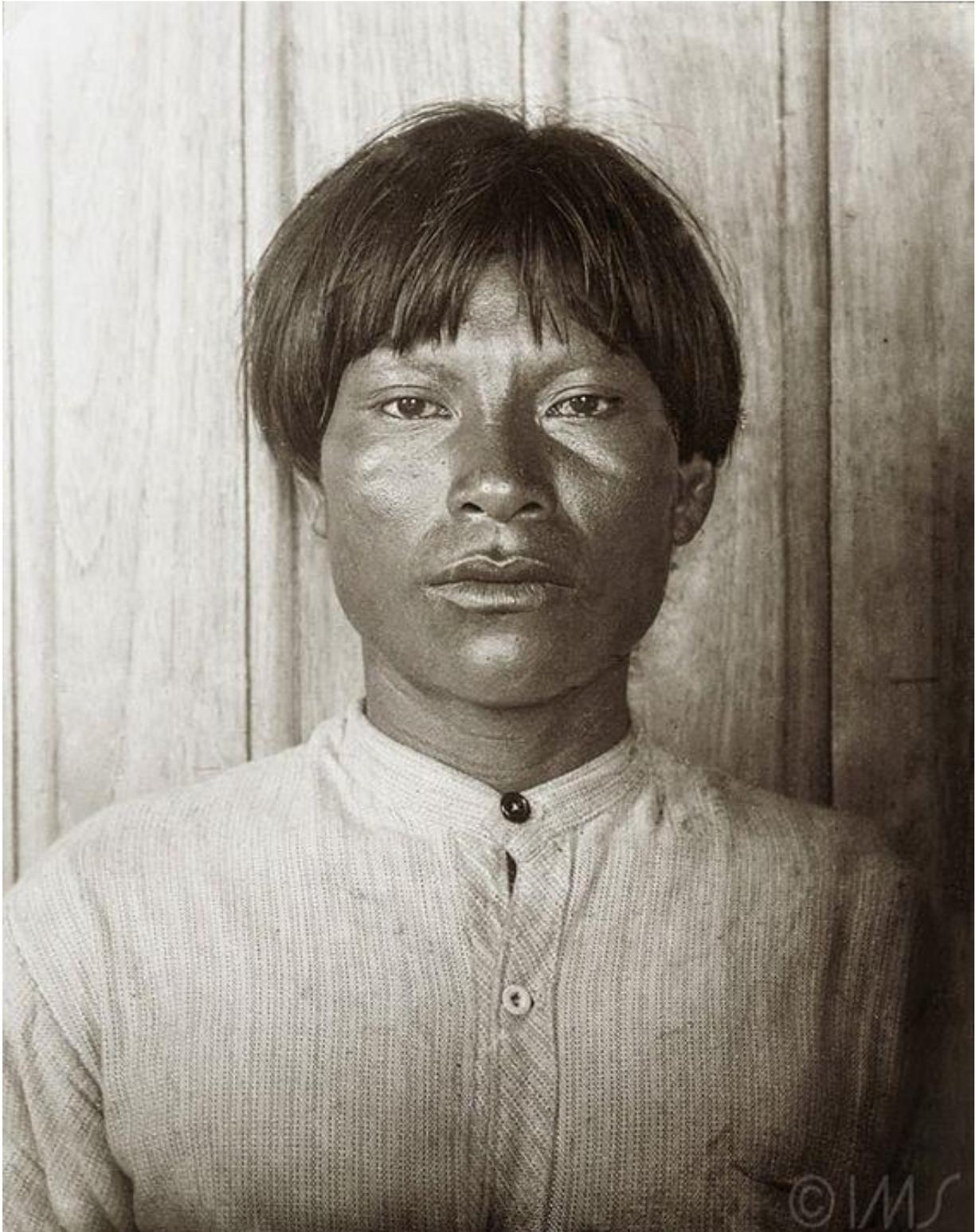


FIGURA 9: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich – Índio Paunamarí, Rio Purus- Pará⁷⁶ (1894).

⁷⁶ Disponível em: <http://povosindigenas.com/paul-ehrenreich/>. Acesso: 16.01.2016.



FIGURA 10: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich – Índios Yamamadí, Pará (1894)⁷⁷.

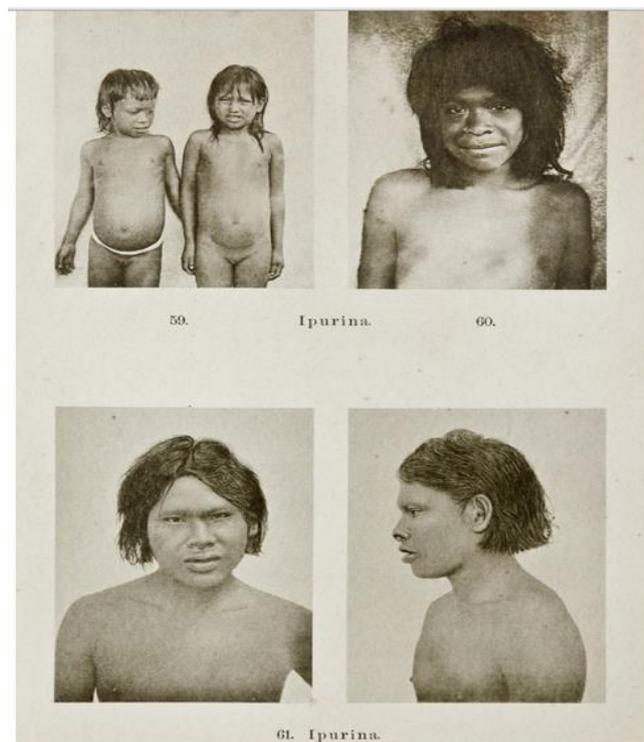


FIGURA 11: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich – Índios Ypuriná, c. 1887-1889⁷⁸.

Ao participar da segunda expedição ao Xingu, Ehrenreich contribuiu com as fotografias e os trabalhos de antropologia física para o famoso livro de Karl von den Steinen *Unter den Naturvölkern Zentralbrasilens* (1894 – Berlim), publicado em

⁷⁷ Disponível em: <http://povosindigenas.com/paul-ehrenreich/>. Acesso: 16.01.2016.

⁷⁸ Disponível em: <http://povosindigenas.com/paul-ehrenreich/>. Acesso: 16.01.2016.

português por Egon Schaden *Entre os aborígenes do Brasil Central* (1940 – São Paulo). Nessa expedição, Ehrenreich coletou em torno de 1.235 artefatos das tribos visitadas e doou essa coleção etnográfica ao *Volkerkunde Museum* (Museu Etnológico) em Berlim⁷⁹. Ao término da expedição, Ehrenreich continuou seus estudos nas regiões do Rio Araguaia e do Rio Purus. Publicando os resultados de suas pesquisas etnológicas e linguísticas no livro *Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens* (Contribuições para a Etnologia do Brasil) em 1891, mais tarde, em *Ein Beitrag zur Charakteristik der Botokudischen Sprache* (Uma Contribuição das Características da Linguagem Botocuda) em 1896, fruto da sua primeira viagem na região do Rio Doce.

Ehrenreich foi o primeiro europeu a relatar sobre a região do delta no Rio Doce, além disso, em suas produções, encontram-se estudos sobre mitologia, sobre as línguas indígenas brasileiras e textos que divulgam a proposta de Steinen para uma nova classificação das tribos do Brasil.

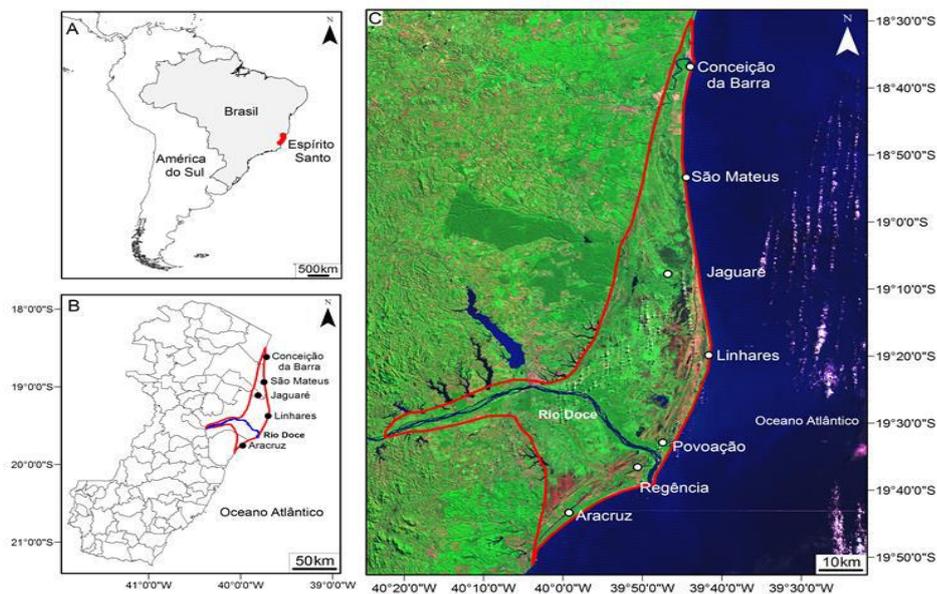


FIGURA 12: Localização do delta do rio Doce no Estado do Espírito Santo. C) Delta do rio Doce visto sobre mosaico de imagens⁸⁰.

⁷⁹ Segundo informações de Heinz Peter Brogiato in *Germany and the Americas: culture, politics and history* (2005), com tradução nossa. Fonte: <https://books.google.com.br/books?id=8uxfTF4Lm-kC&pg=PA295&lpg=PA295&dq=paul+alexander+ehrenreich&source=bl&ots=4pplP6-ukX&sig=6RU5J6jDW62IUTByX91dcPRNx10&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjC747albTLAhVDk5AKHbDxBelQ6AEIJzAC#v=onepage&q=paul%20alexander%20ehrenreich&f=false>. Acesso: 16.02.2016.

⁸⁰ Disponível em <http://mtc-m21b.sid.inpe.br/col/sid.inpe.br/mtc-m21b/2014/03.24.12.33/doc/publicacao.pdf?metadataarepository=&mirror=iconet.com.br/banon/2006/1.26.21.31> pg.35. Acesso: 16.02.2016.

Apesar de Ehrenreich não ter sido o primeiro a analisar os indígenas brasileiros, estiveram por aqui antes dele, por exemplo: Spix, Martius e Rugendas, suas análises sobre os índios são “primorosas, ricas em detalhes e comentários, revelando um esforço comparativo em compreender os povos americanos”⁸¹.

Típico representante do interesse europeu pelos indígenas e pela natureza do Brasil, que se ampliou consideravelmente durante o século XIX, com a permissão dado por D. João VI aos estrangeiros de visitarem o território brasileiro em 1808, Ehrenreich realizou uma pesquisa minuciosa sobre os Botocudos.⁸²

Ehrenreich demonstrou dedicação extrema ao conhecimento científico do índio brasileiro. Em sua obra *Os Índios Botocudos do Espírito Santo* publicada na *Revista de Etnologia*, da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e História Primitiva, em 1887 e traduzida apenas recentemente, ele realiza descrições etnográficas, como ainda trabalhos etnológicos e linguísticos. “Com efeito, Ehrenreich corrige inclusive as imperfeições e erros de estudos sobre os Botocudos que foram feitas por viajantes que o antecederam”⁸³.

Acompanhado pelo geógrafo alemão Peter Vogel, após separar-se de Von den Steinen, Ehrenreich visitou onze povoados e sete tribos diferentes, realizando medições corporais dos indígenas encontrados e recolhendo material linguístico. Com as novas descobertas na América do Norte, publica o livro *Die Mythen und Legenden der südamerikanischen Urvölker und ihre Beziehungen zu denen nordamerikas un der alten welt* (Os mitos e lendas dos povos nativos da América do Sul em relação aos da América do Norte e do velho mundo) em 1905. Ao retornar a Europa, recebe o cargo de professor de Etnologia na Universidade de Berlim, dedicando os últimos anos de vida ao estudo da mitologia, com a publicação dos livros *Die allgemeine Mythologie und ihre ethnologischen Grundlagen* -1914 (A Mitologia Geral e suas bases Etnológicas) e *Die Sonne im Mythos* (O Sol na mitologia), publicado apenas em 1915, obra póstuma. Em 1887, foi nomeado sócio correspondente da sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e, mais tarde, em 1907, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro lhe confere idêntica distinção,

⁸¹ BENTIVOGLIO, 2014, p. 30

⁸² Idem, p. 31.

⁸³ Idem, p. 30.

confirmando a importância de suas contribuições científicas para o Brasil.

Em 1972, Levy Rocha desponta como pioneiro no assunto dos relatos de viajantes estrangeiros ao publicar o livro, *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo*. Ele cita vários nomes de estrangeiros que estiveram em terras capixabas, inclusive o de Paul Ehrenreich. Mas, sobre esse, sua descrição é sucinta, expondo sobre o interesse de Ehrenreich nos Botocudos do Rio Doce e sobre uma notícia de jornal:

O jornal O CACHOEIRANO (edição de 8-2-1885), ao registrar a passagem do naturalista que “apesar de ainda moço, já contava uma viagem ao Polo Norte, pela vila de Cachoeiro de Itapemirim, com o objetivo de colecionar “objetos antropológicos”, acrescentava: “Tendo já feito uma longa excursão pelo vale do Rio Doce, indo até o Pôrto de Souza, pretende SS. daqui seguir para o Rio Pardo, S. Manuel e Manhuaçu e de lá para o Guandu”.⁸⁴

A época do livro de Levy Rocha, a obra de Paul Ehrenreich ainda não havia sido traduzida, como dito anteriormente, o texto foi traduzido apenas recentemente em trabalho organizado pelo professor Julio César Bentivoglio. Esse relato, publicado na *Revista de Etnologia*, da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e História Primitiva, em 1887, intitulado *Sobre os botocudos do Rio Doce* nos servirá como aporte para inserir os Botocudos no conhecimento histórico e científico.

Os relatos dos viajantes em geral eram usados não somente como fontes, mas, sobretudo como espelhos do real. Várias passagens e trechos eram aproveitados e reproduzidos como se fossem a expressão da verdade⁸⁵. Os Botocudos, segundo relatos de Maximilian Wied-Neuwied e Auguste Saint-Hilaire, eram seres desprovidos de inteligência, além de serem considerados seres abomináveis e antropófagos, imagem que perdurou por muito tempo no imaginário europeu.

Deste modo, por meio do relato de Paul Ehrenreich – falecido aos 59 anos, em 14 de abril de 1914 em sua terra natal, Berlim, onde atuava como professor livre-docente de antropologia pela Universidade de Berlim – busca-se compreender as construções acerca do Espírito Santo no século XIX e dos índios Botocudos. Pretende-se adiante, estabelecer as relações da obra desse autor com a de outros viajantes estrangeiros, tentando mostrar suas aproximações e singularidades em relação às narrativas de viagens ao Brasil.

⁸⁴ ROCHA, 1972, p. 28.

⁸⁵ BENTIVOGLIO, 2013, p. 9.

CAPÍTULO II:

**ÍNDIOS BOTOCUDOS DO
ESPÍRITO SANTO: TEMIDOS,
PORÉM, FASCINANTES.**

Selvageria! Imagem construída ao longo de muitos anos sobre os índios botocudos da província do Espírito Santo. Os viajantes e colonos que visitaram e exploraram o Rio Doce espírito-santense ao longo da colonização, classificaram os chamados Aimorés, Puris e Patachós como “tribos tapuias”, e a região, como “pátria dos antropófagos”⁸⁶.

Segundo Solthey, os Aimorés do Rio Doce foram considerados pelos padres jesuítas “os mais ferozes de todos os tapuias”⁸⁷. Dado o espírito combativo, criou-se um estereótipo de que os índios seriam “ferozes e “antropófagos” por todos os que com eles tiveram contato desde o século XVI, em função da forte resistência e belicosidade demonstrada”⁸⁸ ao longo de toda a colonização e durante o século XIX, período em que aconteceram os principais conflitos.

Vistos pelos colonizadores como temíveis guerreiros, em geral estes silvícolas viviam no interior da província e sofriam muita violência por parte dos recém-chegados a terra, que pretendiam seu extermínio por considerá-los hostis e bravos.

Esses grupos foram denominados de Aimorés até o século XVIII, durante o século XIX, eram chamados de Botocudos. A nomenclatura Botocudos originou-se devido aos botoques feitos de madeira “[...] extraída da barriguda que, depois de cortada nas dimensões desejadas, era desidratada no fogo, o que a tornava leve e branca. Após essa fase o botoque era pintado à base de urucu e jenipapo com desenhos geométricos”⁸⁹.

Por vezes também encontramos essa denominação caracterizada de maneira pejorativa,

A denominação Botocudos é fruto da visão externa e preconceituosa dos portugueses, que se tornou comum para se referir aos grupos tribais da região analisada, que tinham a tradição de utilizar botoques labiais e auriculares feitos de madeira.⁹⁰

Os silvícolas Botocudos possuíam diferentes nomes e locais, como GutKrak, Nagne-nuk, Watu, etc., povos organizados em subgrupos extremamente divididos,

⁸⁶ MAXIMILIANO, 1989, p. 283.

⁸⁷ SOUTHEY apud MAXIMILIANO, 1989, p. 285.

⁸⁸ MARINATO, 2007, p. 31.

⁸⁹ PARAÍSO, 1992, p. 423 – 424.

⁹⁰ MARINATO, 2007, p. 31.

muitos deles rivais entre si. Cada grupo era comandado por um chefe, sem caráter hereditário, a escolha era norteadada pela bravura demonstrada, cabendo-lhe orientações e decisões quanto a disputas internas, migrações do grupo e momentos de guerra⁹¹. Apesar de serem seminômades, tinham seus espaços delimitados nas florestas em relação aos de outros subgrupos, principalmente no que dizia respeito às áreas de caça⁹². A partir do século XX, passaram a ser conhecidos como Krenak.

QUADRO 1: Grupos e Subgrupos Botocudos.

PALAVRA	CORRESPONDENTE A	SIGNIFICADO NA LÍNGUA BORUN
KRENAK	Atual nome com o qual se identificam e são identificados pela FUNAI. Nome do líder que negociou o aldeamento do grupo na região onde vivem atualmente.	Cabeça (Kern) na terra (Nák).
GUT-KRAK OU GUTICRAKS	Montanhas próximas ao Rio Mutum, e também do subgrupo ancestral que habitou essa região.	A carapaça das tartarugas.
JEQUITINHONHA	Rio que corta um dos territórios antigamente ocupado pelos Borun.	Jequi (armadilha) Nhonha (peixe).
KUPARAK	Antigo aldeamento Borun, atualmente na localidade chamada de Cuparaque.	Onça pintada.
MINÃJIRUM	Denominação de um Rio e de um subgrupo que vivia em suas imediações.	Água Branca.
NAK-NE-NUK	Denominação de um dos subgrupos.	Morador da terra.
TAMBAKORI	Rio dentro do território ocupado pelo Borun entre os séculos XVIII e XIX, onde foi fundada uma missão capuchinha. A cidade de Itambacuri surgiu dessa missão.	Rio encachoeirado.
WATU	Nome que adjetiva a autodenominação grupal e se refere ao Rio que corta seu território ancestral: os Borun do Watu.	Rio largo, Rio doce.
ENGREKMUNS	Etnônimo utilizado entre os séculos XVIII e XIX. Faz referência ao trânsito territorial	Andarilho.

Fonte: PASCHOAL, p. 8, 2012.

⁹¹ PARAÍSO, 1992, p. 424.

⁹² MAXIMILIANO, 1989, p. 272.

Os denominados índios Botocudos “ocupavam território que compreendia faixas da Mata Atlântica e da Zona da Mata na direção leste-sudeste, cujos limites prováveis seriam o vale do Salitre, na Bahia, e o Rio Doce, no Espírito Santo”⁹³.

Durante séculos reinaram absolutos nas densas matas que cobriam o centro norte capixaba, estendendo seus domínios para o leste de Minas Gerais e sul da Bahia. Não havia índios mais selvagens que eles. Viviam em guerra com outras tribos e com os primeiros colonizadores da região. Jamais deram trégua aos invasores de suas terras e foi tarefa difícil integrá-los à civilização.⁹⁴

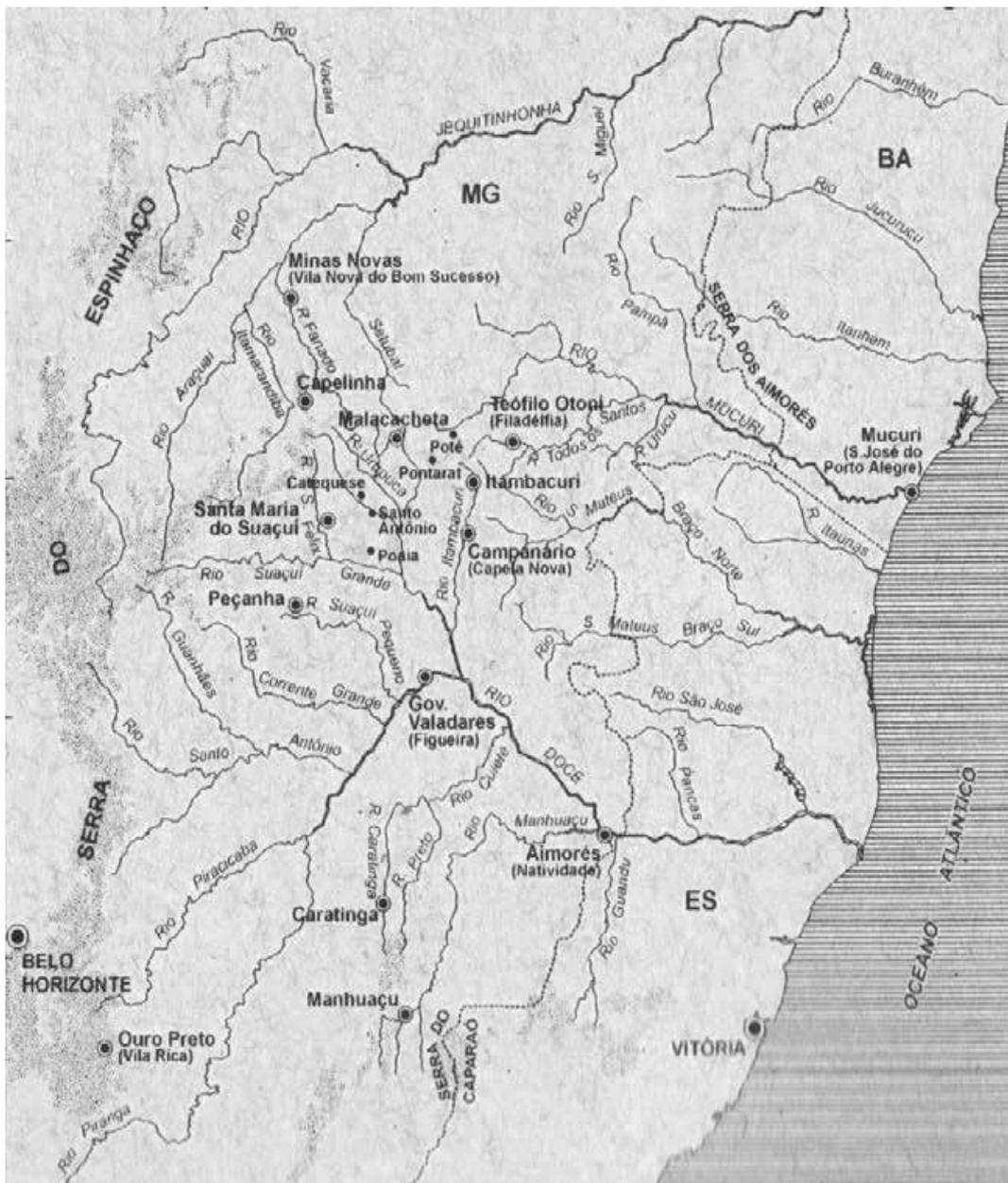


FIGURA 13: Mapa de referências geográficas para a história dos Botocudos, século XIX. Fonte: MATTOS, 2004, p. 40.

⁹³ DADALTO, 2014, p. 15.

⁹⁴ PIZZOL, 2015, p. 5.

De acordo com Paraíso⁹⁵, os Botocudos pertencem ao tronco linguístico Macro-Jê, são caçadores e coletores seminômades, que se caracterizam pelo constante fracionamento do grupo, além de uma rígida divisão social do trabalho, na qual competiam aos homens as atividades de guerra e caça, e às mulheres, tudo o mais que não dizia respeito a isso⁹⁶, e por um sistema religioso centrado na figura dos espíritos encantados dos mortos.

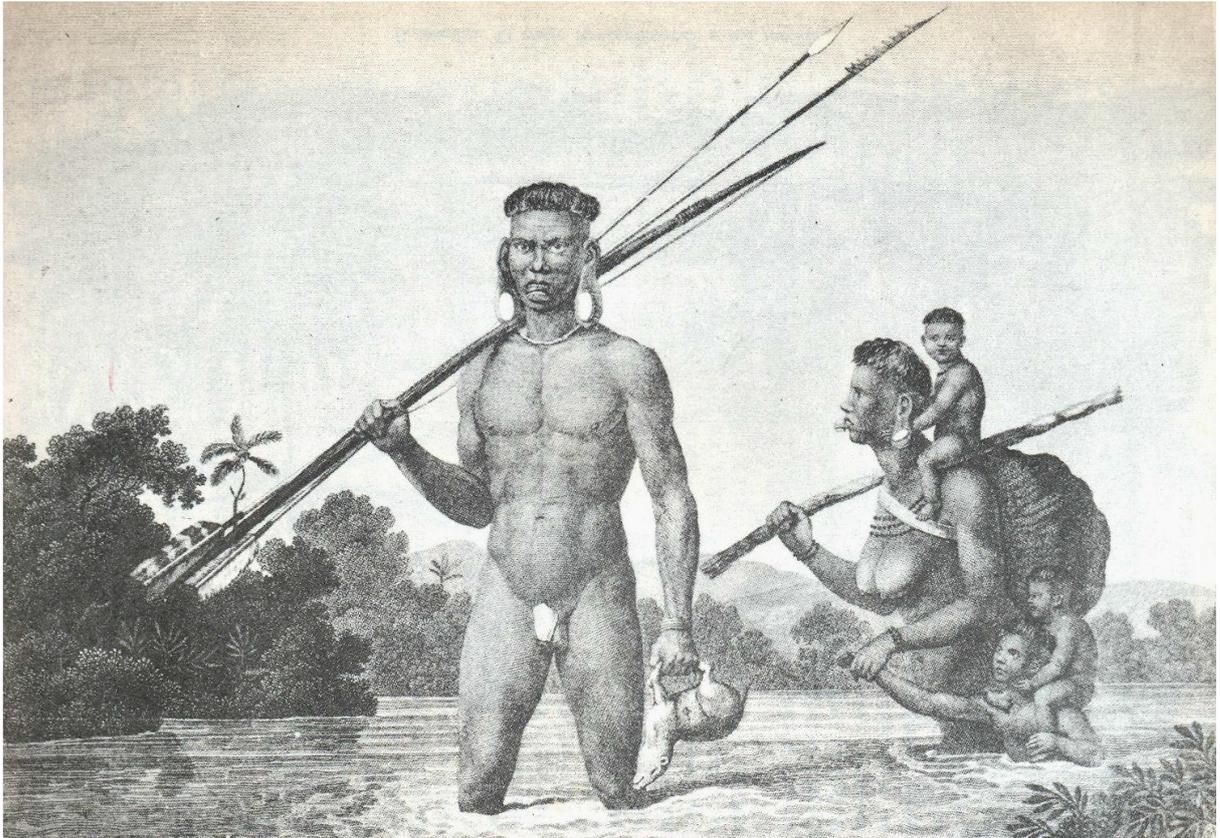


FIGURA 14: Família de Botocudos em viagem. Fonte: MAXIMILIANO, 1989, p. 280.

2.1 – Botocudos: um “mal” a ser civilizado

Ainda no século XIX, percebe-se um fascínio pelos indígenas que eram exibidos nos famosos daguerreótipos em Paris. Durante um debate de verão do *Institut de France* de 1843, foram apresentados dois índios botocudos trazidos do Brasil para serem analisados pelos presentes. Esses índios Botocudos (um homem e uma mulher) foram levados à França pelo estudioso Marcus Pontes e lá, fotografados por E. Thiesson, imagens que foram consideradas as primeiras de Botocudos da história.

⁹⁵ PARAÍSO, 1992, p. 423.

⁹⁶ MAXIMILIANO, 1989, p. 293.



FIGURA 15: Fotos de E. Thiesson. Musée de L. Homme, Paris (1844). Fonte: MOREL, 2001, p. 1047 – 1049.

Neste debate, o encarregado de discursar foi Serres⁹⁷,

A principal preocupação do cientista diante dos índios foi realizar cuidadosas medidas antropométricas, o que já indica sua filiação intelectual. Altura, dimensão das partes do corpo, os dois índios foram escurpulosamente esquadrihados. Serres não esqueceu a cor da pele, fator tão importante para uma classificação do tipo racial, qualificando-a como marrom-avermelhada (brun rougeâtre). De posse deste material (medidas antropométricas e observações físicas), o acadêmico preparou seu relatório lido na sessão.⁹⁸

Essas imagens e o debate gerado em torno delas demonstram a vinculação que por muito tempo permeou entre a ciência, a guerra de extermínio das raças, a escravidão e a formação da nacionalidade. Essas fotos, sem dúvidas, reforçaram os

⁹⁷ Membro da Academia Francesa.

⁹⁸ MOREL, 2001, p. 1042.

estereótipos da época, aqui já descritos, e o debate serviu para planejarem ações que transformassem a raça indígena em pessoas civilizadas e integradas aos outros humanos.

No século XIX, ainda havia no Espírito Santo, uma grande população indígena⁹⁹, como apresentado na tabela abaixo, porém, é importa salientar que a mesma não leva em consideração a miscigenação, muito comum neste período, então, é provável que o número de índios recenseados seja maior que o exposto, posto que,

Nos primeiros tempos, as índias foram as mulheres dos colonos portugueses. Eram cedidas a eles pelos indígenas aliados a fim de estabelecer relações de parentesco que cimentariam a aliança, segundo os padrões de sua organização social. Quando escravas, eram exploradas sexualmente pelos senhores. Tornaram-se concubinas de colonos que com elas formaram famílias, numa época em que eram raras as mulheres européias. Assim, elas se tornaram mães de numerosa prole de mestiços, os mamelucos. A miscigenação prosseguiu ao longo do tempo, e quando os mestiços eram integrados às famílias de seus pais deixavam de ser considerados índios.¹⁰⁰

PROPORÇÃO DE NÃO-BRANCOS NA POPULAÇÃO (EM %)

	1872	1890	1940	1950	1960*
BRASIL	61,9	56,0	35,8	37,5	-
DE SP, SUL	48,7	38,2	16,3	15,8	-
E. SANTO	67,6	57,9	38,4	41,3	39,1
R. JANEIRO	61,3	57,0	39,9	39,8	-
M. GERAIS	59,3	59,4	38,6	41,4	-

FIGURA 16: Recenseamentos Nacionais. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Fonte: SALETTO, 2000, 107.

⁹⁹ Segundo a autora Nara Saletto (2000, p. 102), no censo provincial de 1824, os índios compunham 16% da população total e 26% da população livre do Espírito Santo. Já em 1856, esse percentual passa a ser de 12% da população total e 24% da população livre. Essa queda, segundo Saletto, se deu devido a expansão do café que atraiu migrantes de outras províncias, escravos africanos e imigrantes estrangeiros. Entretanto, verificamos ainda um grande número de indígenas no Espírito Santo em comparação com outros estados e com o Brasil de modo geral.

¹⁰⁰ SALETTO, 2000, p. 102.

Esses índios, sobretudo os Botocudos, representavam uma ameaça à civilização e era um obstáculo à exploração.

Por isso, desde a chegada dos primeiros colonizadores, aconteceram os primeiros conflitos entre os portugueses e os indígenas,

No caso do Espírito Santo, o contato com os Botocudos ocorreu desde o início da colonização no século XVI e foi marcado por conflitos sangrentos. Várias *entradas* foram organizadas por Fernão Dias Paes Leme, João Correia de Sá e Rodrigo Prado, dentre outros, para combatê-los.¹⁰¹

E ainda,

Aportando sua caravela “Glória” na enseada da Prainha, em Vila Velha, no dia 23 de maio de 1535, acompanhado de 60 homens, viu-se em um verdadeiro cenário de guerra ao encontrar forte resistência por parte dos nativos que ali viviam. Índios Aimóres, entre Botocudos e Puris, de índole muito selvagem, atacaram os portugueses com saraivadas de flechas, mas recuaram com a resposta de balas de canhões e de armas de fogo. Assim, os estrangeiros puderam desembarcar e tomar posse do lugar, fundando a Vila do Espírito Santo naquela data.¹⁰²

Desde os ataques, na “descoberta” da capitania do Espírito Santo, a fama dos Botocudos de bárbaros, antropófagos e bravos, espalhou-se por toda a população branca,

Apesar do sucesso de alguns aldeamentos de índios botocudos, a verdade é que a maior parte dos bandos eram refratários às tentativas de contato. Respondiam com guerra a todas as invasões empreendidas em seus territórios tradicionais, fosse contra colonos que buscavam escravizá-los ou contra os missionários que desejavam reuni-los em aldeias para catequizá-los.¹⁰³

É a partir da má fama dos Botocudos que se articularam políticas, ora de extermínio, ora de civilização destas populações:

A ocupação da estreita faixa litorânea capixaba resultou na morte de milhares de Botocudos, seja pela doença, seja pela violência, pois os colonos usavam da força para rechaçá-los e ocupar suas terras. Além dos raptos, com o tempo, alguns índios foram se deixando aculturar e teve início um processo de integração e miscigenação, que contou com o papel destacado dos jesuítas.¹⁰⁴

¹⁰¹ BENTIVOGLIO, 2014, p. 21.

¹⁰² PIZZOL, 2015, p. 7.

¹⁰³ MOREIRA, 2001, p.109.

¹⁰⁴ BENTIVOGLIO, 2014, p. 21.

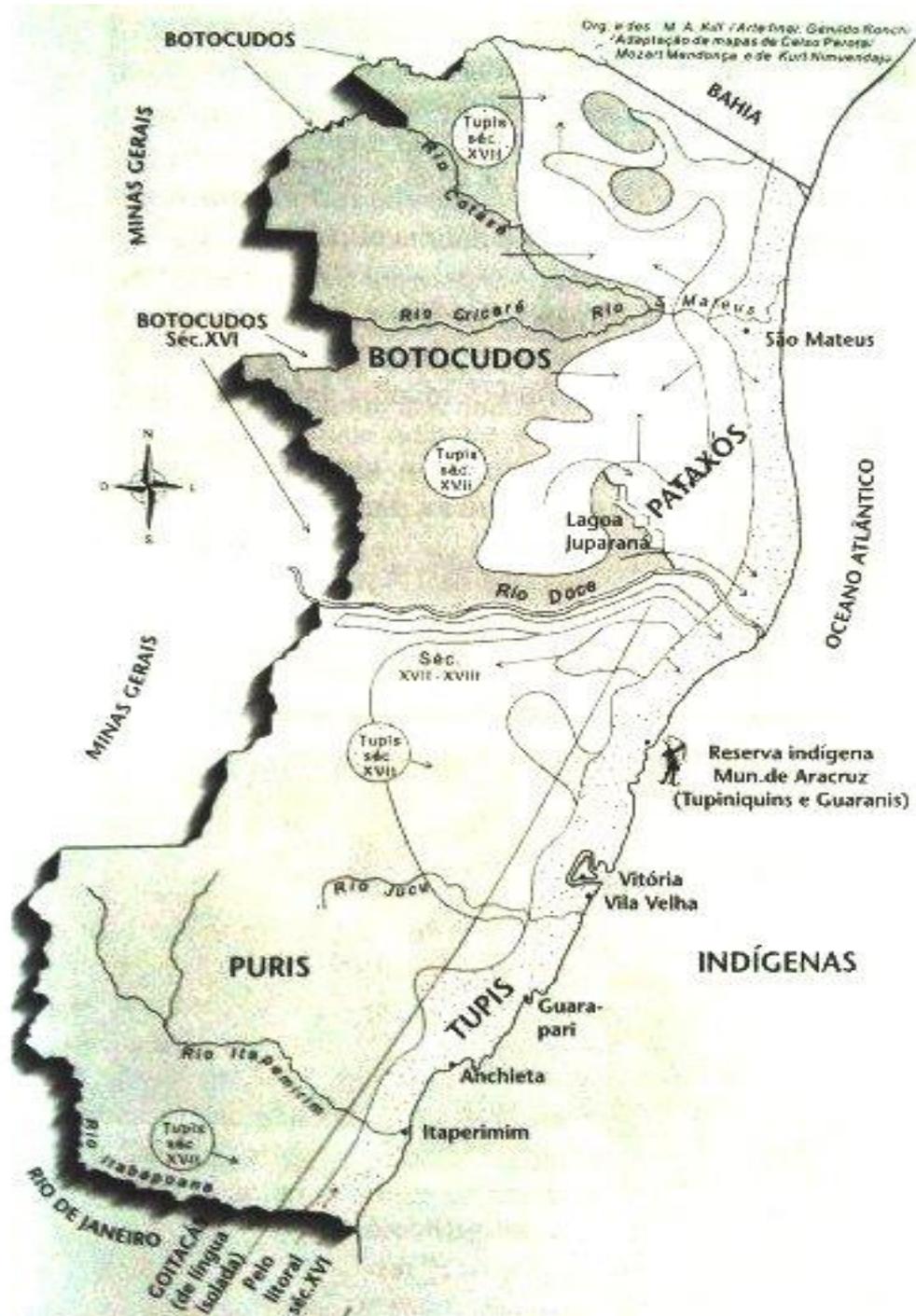


FIGURA 17: Mapa das nações indígenas existentes no Espírito Santo durante o século XIX. Fonte: EHRENREICH, 2014, p. 23.

Na citação acima, vale dar destaque a dois pontos que foram considerados elementos centrais no processo civilizador dos Botocudos: a atenuação da resistência por meio da redução da população desses silvícolas seja por violência ou por doença, já que os Botocudos ao entrarem em contato com os europeus

passaram também a sofrer com as epidemias, e segundo Cunha¹⁰⁵, e por não terem nenhum contato anterior com outros povos, não produziram imunidades a certas doenças como sarampo, varíola, catapora, gripe, coqueluche, tifo e outras mais; e o segundo ponto responsável por esse processo foi o de aculturação, caracterizado principalmente pelo processo de miscigenação.

O decréscimo destas populações também se deu por “outros fatores, tanto ecológicos quanto sociais, tais como a altitude, o clima, a densidade de população e o relativo isolamento pesaram definitivamente”¹⁰⁶. A esses fatores citados por Cunha, acrescentam-se as guerras e a exploração do trabalho indígena, que também foram motivos para o desaparecimento quase que por completo das tribos, já que os índios acabavam por sucumbir, ou ceder ao que chamamos de que aculturação¹⁰⁷.

Os Botocudos remanescentes das guerras ofensivas passaram a trabalhar com os brancos, integraram-se aos aldeamentos e até mesmo migraram para as cidades, convivendo de maneira, relativamente, pacífica com os colonos. Os colonos também aprenderam a se socializar¹⁰⁸ com os indígenas. De acordo com Cunha, “a recomendação de se usarem ‘meios brandos e persuasivos’ no trato com os índios a partir de José de Bonifácio¹⁰⁹ passa a fazer parte do discurso oficial”¹¹⁰.

E Silva¹¹¹ reitera, “[...] o contato amistoso e o aldeamento de grupos e tribos eram sempre mais vantajosos, evitando mortes e perdas materiais e, principalmente, dando condições para o acesso a terra pelos colonos”.

¹⁰⁵ CUNHA, 1992, p. 12 – 13.

¹⁰⁶ Ibidem

¹⁰⁷ Cf. MARINATO, Franciele Aparecida. **Índios Imperiais: os botocudos, os militares e a colonização do rio Doce (Espírito Santo, 1824–1845)**. 2007. Tese (Doutorado em História). Programa de pós graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

¹⁰⁸ Não podemos deixar de salientar que essa socialização refere-se ao contato de índios e brancos, mas que estava repleta de preconceitos e submissão por parte dos índios.

¹⁰⁹ José Bonifácio de Andrada e Silva fez parte do ministério de D. Pedro de 1822, em 1823 assumiu cadeira de deputado na Assembléia Constituinte. Foi um homem marcante no que concerne ao trato dos indígenas e a um “Brasil civilizado”.

¹¹⁰ CUNHA, 1992, p. 136.

¹¹¹ SILVA, 2006, p. 21.

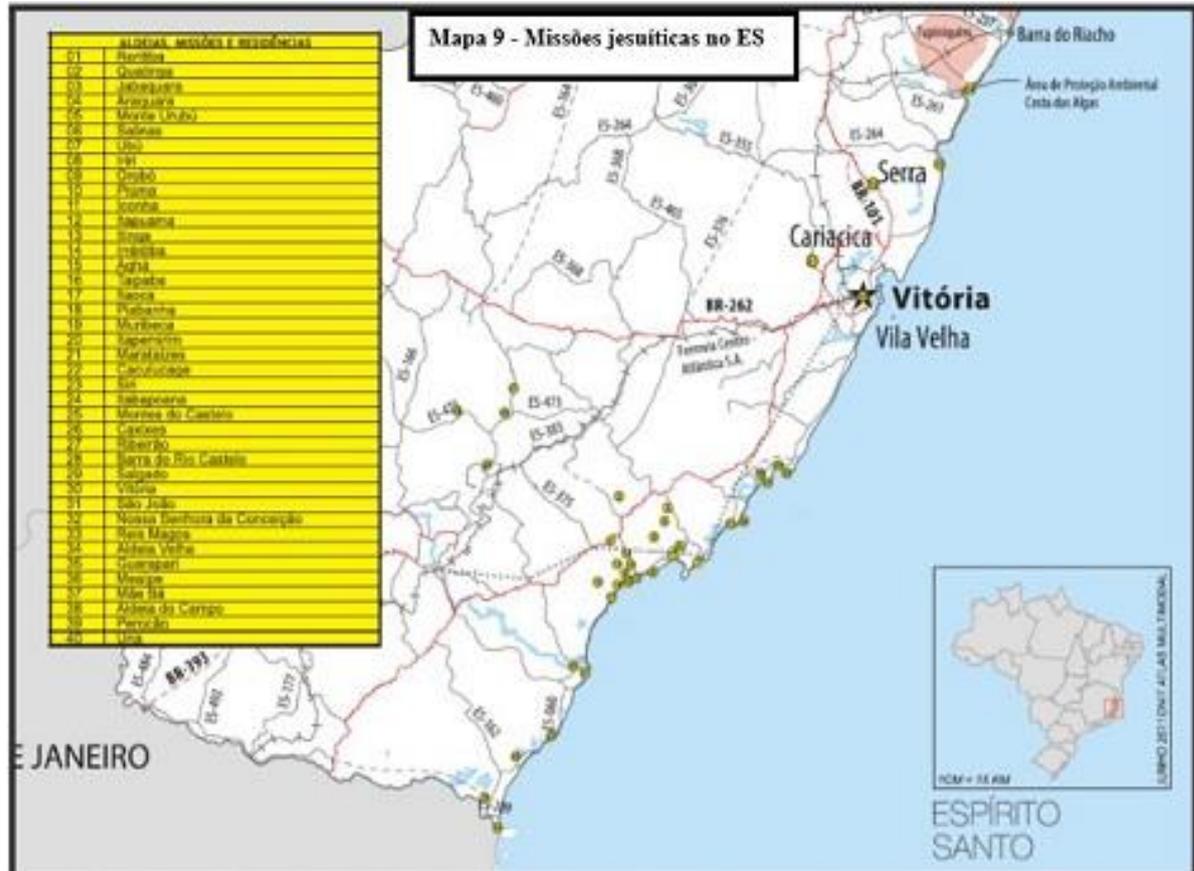


FIGURA 18: Os jesuítas no Espírito Santo. 1549-1759: contactos confrontos e encontros. Fonte: CUNHA, 1992, p. 201.

O documento datado de 22 de agosto de 1822, encontrado em uma Correspondência da província do Espírito Santo, exemplifica essa experiência de pacificação ao relatar que os alferes do Corpo de Pedestre, Antonio Leite Barboza e o cabo Bernardino de Freitas do Quartel de Sousa em Linhares, conseguiram arregimentar 44 Botocudos à Vitória, a fim de conseguir ferramentas, roupas e recursos para subsistência e sedentarização. Esse documento, tenta corroborar o bom relacionamento entre os militares e os Botocudos e ainda o sucesso de tornar esses “mansos”.

Neste contexto, os padres jesuítas tiveram papel fundamental, foram eles os responsáveis pela integração dos indígenas, “a história dos padres e das missões se confunde com a dos índios” ¹¹². As conversões indígenas faziam parte da integração e, além disso, os religiosos também eram os responsáveis pela administração dos aldeamentos.

¹¹² MOREIRA, 2010, p. 16.



FIGURA 19: Anchieta: nosso município: noções históricas e geográficas do município de Anchieta para o Ensino de 1º Grau. Fonte: ROSA; SANTOS NEVES, 2011, p. 52.

Apesar da grande importância para o amansamento dos indígenas, as chamadas missões foram dispensadas na década de 1750. Com a expulsão dos padres, os índios antes aldeados, tiveram que ser submetidos ao Diretório dos Índios, que correspondia a uma organização militar de ocupação e defesa dos colonos contra os índios selvagens,

A legislação do Diretório dos Índios foi alterada somente pelo Aviso de 29 de agosto de 1798, que mandava alistar os Botocudos em “corpos efetivos de índios”, compostos por índios civilizados que deveriam auxiliar na contenção dos ataques do “gentio inimigo”. E, de algum modo, introduzi-los nos hábitos e costumes da civilização. Algo complicado, pois dificilmente os aldeamentos contavam com párocos ou professores, dada a escassez de recursos e investimentos.¹¹³

Essa relativa escassez de recursos e investimentos torna-se clara no relato de viagem realizada pela princesa Teresa da Baviera, quando a mesma em 1888 visitou o aldeamento de Mutum. Segundo o relato a princesa constatou que:

Mutum é um dos assentamentos criados pelo governo que visam à civilização dos indígenas. Das tribos selvagens, são conquistados alguns

¹¹³ BENTIVOGLIO, 2014, p. 22.

indivíduos que são então reunidos numa espécie de povoados muito pequenos. Estes assentamentos se encontram sob a direção de um diretor mundial, que conta com um missionário, um tradutor e às vezes alguns trabalhadores brancos e, para proteção, alguns soldados. Este é o quadro de pessoal nominal. Na verdade, na maioria das vezes falta o missionário, já que no Brasil, com a falta de sacerdotes, este precisa abandonar a missão, largando-a ao seu próprio destino, alguns anos após a sua fundação. Neste caso, cabe aos poucos soldados, em geral negros ou mestiços, ministrar o ensino aos indígenas. Não fica difícil de imaginar como deve ser a qualidade deste ensino. Nesta terra selvagem praticamente inabitada, os diretores e seus ajudantes não estão sujeitos a nenhum controle e, assim, as somas anualmente destinadas pelo governo às aldeias, nem sempre são aplicadas para os fins previstos originalmente. Também, o objetivo de criar um núcleo através destas aldeias, em torno do qual os elementos ainda selvagens pudessem cristalizar-se a caminho da civilização, só é atingido em proporções bem baixas.¹¹⁴

Esses índios até então sem proteção do governo, aos poucos foram sendo dizimados devido às doenças, à fome, ao uso exagerado de aguardentes ou foram miscigenando-se com os colonos.

2.2 – Resistência botocuda

Engano seria pensar, contudo, que foi fácil enfim tornar “civilizados” os Botocudos, “até mesmo os quartéis militares instalados ao longo do Doce em fins do século XIX sofreram constantes ataques dos botocudos”¹¹⁵.

Os quartéis e aldeamentos criados no Espírito Santo em fins do século XVIII objetivavam conter os ataques dos botocudos e proteger a região das Minas Gerais, que no período, já era uma rica região aurífera, evitando que incursões fossem feitas ao longo do Rio Doce.

Segundo José Luiz Pizzol são exemplos de quartéis criados neste período: o de Coutins, que originou a cidade de Linhares; a Colônia Francilvânia, criada por França Leite em 1857, onde hoje corresponde a região norte de Colatina; o aldeamento de Mutum em 1859, atual município de Baixo Guandu; e o Quartel de Anadia, atual cidade de Colatina e aldeamento de Pancas¹¹⁶. No entanto, por diversas vezes os destacamentos foram atacados, em resposta a opressão vivenciada pelos indígenas, como o de Coutins completamente destruído durante o

¹¹⁴ BAVIERA, 2013, p. 364.

¹¹⁵ PIZZOL, 2015, p. 6.

¹¹⁶ Ibidem.

século XX, e o de Anadia, conforme ofício do então comandante do destacamento Francisco de Almeida Barcelos para o governador Francisco Alberto Rubim reproduzido abaixo:

Ilmo. Senhor Governador. Dou parte a V.S. que no dia 18 de fevereiro saí à patrulha com cinco praças comigo, um com parte a V.S., seis, e os demais de guarnição do quartel. Topei vestígio de gentio que seguia para o quartel, voltei para defender o terreno e às três horas do mesmo dia o ataquei na roça: saiu o camarada João Gonçalves [flechado] de uma flecha de elevação, se retirando o gentio para o mato, pus sentinelas efetivas, pois assim costumo as ter. No dia 19 de fevereiro mandei recolher o camarada flechado ao hospital e pedir gente ao segundo quartel, e no dia 21 chegou a gente. A 22 entrei com 21 praças comigo e às seis horas da tarde topei o gentio que vinha para fora em lugar que não o pude [cercar], pois eles nos sentiram, correram avisar as famílias e eu [após] deles entrei na [corroído] não topei mais nada. Destruindo o que eles tinham feito, cerquei as picadas [...] e eles de longe se retiraram. No dia 25 saí a [despachar] a gente que tinham vindo de auxílio aos dois quartéis, pois eles caminhavam para bando do Porto de Souza. Mande avisar o quartel do Souza que tivesse sentido.¹¹⁷



FIGURA 20: Ilustração do Rio Doce¹¹⁸.

¹¹⁷ APEES, FG/AS, L.67, fl. 11, 1/3/1815.

¹¹⁸ Disponível em: http://www.claudiobuenoguerra.com.br/cbh/cbh_clip_image002_0009.jpg. Acesso: 16.07.2015, modificações nossas.

Apenas em 27 de outubro de 1831, foi suprimida a carta régia de 1808¹¹⁹ que justificava a guerra ofensiva que também era chamada de guerra justa¹²⁰,

os Botocudos antropófagos (...) particularmente sobre as margens do Rio Doce e rios que no mesmo deságuam e onde não só devastam todas as fazendas (...) e passam a praticar as mais horríveis e atrozes cenas da mais bárbara antropofagia, ora assassinando os portugueses e os índios mansos (...) ora dilacerando os corpos e comendo os tristes restos (...). Desde o momento em que receberdes esta minha Carta Régia, deveis considerar como principiada contra estes índios antropófagos uma guerra ofensiva que continuareis sempre em todos os anos nas estações secas e não terá fim, senão quando tiverdes a felicidade de vos assenhorar de suas habitações e de os capacitar da superioridade das minhas reais armas de maneira tal que movidos do justo terror das mesmas, peçam a paz e sujeitem-se ao doce jugo das leis, prometendo viver em sociedade, possando vir a ser vassallos úteis como já o são as imensas variedades de índios que nestes meus vastos Estados do Brasil se acham aldeados e gozam da felicidade que é consequência necessária do estado social¹²¹.

Segundo Perrone-Moisés, as “causas legítimas de guerra justa seriam a recusa à conversão ou o impedimento da propagação da Fé, a prática de hostilidade contra vassallos e aliados dos portugueses [...] e a quebra de pactos celebrados”¹²². A “legalidade” da escravidão indígena se deu com a Guerra Justa,

Os escravos obtidos por meio da guerra justa poderiam ser vendidos ou ficar retidos nas mãos dos vencedores. Além disso, deve ser sublinhado que a escravidão não era lícita somente para os índios hostis. Aqueles homens cativos de índios que fossem comprados ou *resgatados* com o intuito de serem salvos continuariam a ser escravos.¹²³

Com essa justificativa, os índios sofriam várias violências por parte dos colonos e também, por vezes respondiam com ataques às fazendas, aos povoados, assaltos as vilas e as plantações. A solução que o governo encontrou foi o a criação de quartéis militares e aldeamentos de Botocudos, conforme figura abaixo.

¹¹⁹ A carta régia datada de 13 de maio de 1808, tratava dentre outros termos, sobre as providências que deveriam ser tomadas contra os Botocudos que eram vistos como um atraso no desenvolvimento da Capitania. Para ver a carta na íntegra acesse: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_18/CartaRegia_1305.htm. Acesso: 19.07.2015.

¹²⁰ Atuação militar de forma ofensiva contra os índios considerados resistentes às regras impostas pelos colonizadores.

¹²¹ BRASIL. **Carta Régia de 1808, 13 de maio de 1808**. Rio de Janeiro, 1808. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_18/CartaRegia_1305.htm. Acesso: 02.07.2015

¹²² PERRONE-MOISES, 1992, p. 123.

¹²³ Idem, p. 127.

matas”¹²⁶.

Esses índios guerreiros defenderam ou tentaram defender como puderam seu território, mas, a previsão se realizou e eles não conseguiram vencer a chamada “civilização”.

2.3 – Índio trabalhador, índio amigo, índio civilizado

Em meio a tantos ataques, embates e conflitos, os indígenas sobreviventes se viram sem outra saída a não ser a civilização. Esses índios *semicivilizados*, aprenderam a conviver e trabalhar pacificamente com os brancos. Parte desse aprendizado coube aos jesuítas, como já vimos, e outra parte se deve às políticas de civilização impostas a eles a partir da Independência, quando o governo brasileiro central passou a objetivar a integração dos índios à ordem nacional ainda em construção e a civilização ocidental de maneira mais pacífica.

A política indigenista de então era simples: índios não aldeados eram combatidos e os aldeados eram submetidos à colonização. Não por acaso, nos dizeres da época, passavam a ter dono ou senhor, tornando-se *semicivilizados*.¹²⁷

A Diretoria do Rio Doce, por exemplo, passou a ter um sentido mais “apaziguado”. Em 1824, foi criado o plano para a civilização dos índios botocudos, que teve influência do pensamento de José Bonifácio, que

[...] repudiava a guerra ofensiva como método de abordagem dos índios “bravos” que viviam nos sertões do Império, preferindo a educação, a catequese, o comércio, a mestiçagem, a criação de aldeamentos como meios de integrá-los na sociedade “nacional” que, então, dava os primeiros passos de sua organização.¹²⁸

Esse novo posicionamento do governo, no entanto, não significou o fim dos maus tratos aos indígenas,

Os ataques a essas tribos continuaram e partiram, sobretudo, de grupos armados organizados por fazendeiros, comerciantes e também autoridades locais. Fica difícil, portanto, caracterizar uma política indigenista de tipo “pacificadora” e coerente durante o Primeiro Reinado, na medida em que se registraram violências cometidas, inclusive, por militares que nunca foram

¹²⁶ EHRENREICH apud SCHADEN, 1964, p. 86.

¹²⁷ BENTIVOGLIO, 2014, p. 25.

¹²⁸ MOREIRA, 2011, p. 5.

punidos.¹²⁹

A persistência desses ataques mútuos (ora de botocudos, ora dos brancos), provavelmente, se deu devido a não aceitação por parte dos botocudos de aceitar uma nova cultura imposta, por parte dos brancos de não querer integrá-los na sua, e também, pela imagem dos indígenas estar atrelada ao atraso, a pobreza e a inferioridade humana, sendo vistos como um obstáculo a ser superado pelos governantes:

...que o obstaculo que havia a vencer-se na Povoação de Linhares cita no Rio Doce era o gentio Antropophago que se acha pacifico e alguns ja vierão a Capital desta provincia onde este governo se tem disvelado para que de huma vez fique aquelle ponto isento das invazões destes barbaros, que só procuravão a sua total ruina, comettendo freqüentes hostilidades, e por esse motivo se achava estagnada a Cultura, e Commercio...¹³⁰

De fato, é no início do século XX que há relatos de relações mais amistosas entre índios e brancos, a partir do decreto de nº 8.072 de 20 de junho de 1910 que previa a proteção e integração a sociedade dos índios:

Do serviço de Protecção aos Indios e Localização de Trabalhadores Nacionaes

Art. 1º O Serviço de Protecção aos Indios e Localização dos Trabalhadores Nacionaes, creado no Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, tem por fim:

- a) prestar assistencia aos indios do Brazil, quer vivam aldeiados, reunidos em tribus, em estado nomade ou promiscuamente com civilizados;
- b) estabelecer em zonas ferteis, dotadas de condições de salubridade, de mananciaes ou cursos de agua e meios faceis e regulares de communicacão, centros agricolas, constituídos por trabalhadores nacionaes que satisfaçam as exigencias do presente regulamento.¹³¹

No que concerne à proteção dos indígenas, o decreto previa que houvessem punições para crimes cometidos contra os índios, e que fossem realizados esforços para melhorias nas condições de vida e “[...] para os meios de modificar a construção de suas habitações e ensinando-lhes livremente as artes, ofícios e os gêneros de produção agrícola e industrial [...]”¹³², que se promovessem, quando

¹²⁹ MOREL, 2002, p. 92.

¹³⁰ Correspondência da Presidência da Província do Espírito Santo para o Ministério do Reino e do Império (1822-1823). (MOREL, 2002, p. 94).

¹³¹ BRASIL. **Decreto Lei n. 8.072, 20 de junho de 1910**. Rio de Janeiro, 1910. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decret-8072-20-junho-1910-504520-publicacaooriginal-58095-pe.html>. Acesso: 19.07.15.

¹³² Idem

possível, a restituição de terras que lhes tinham sido lesados, dentre outras providências, distinguiam o tratamento para os índios aldeados e os considerados *nômades*.

A promulgação do decreto reforça a ideia de que o fracasso da Província estaria atrelado ao uso exagerado da força militar¹³³, e que para reverter este quadro era preciso criar novas políticas de amizade com os índios, para enfim colonizar o território por completo, com eficácia e menos problemas no que tangia à relação índio-conquistador. Apesar de estes desígnios terem sido considerados um avanço para a história indígena, na prática, muitos perderam as terras onde viviam, perderam suas famílias, serviram de mão-de-obra e foram obrigados a aceitar uma nova cultura.

A mão de ferro dos Governadores da Província do Espírito Santo agravou seus infortúnios. Todos os meses se tiravam dentre eles (1818) certo número de índios, casados ou não, para pô-los a trabalhar na estrada de Minas, no Hospital de Vila da Vitória, na nova Vila de Viana ou Santo Agostinho, etc.; eram mal alimentados; durante muito tempo não lhes foi dado salário algum e, na época de minha viagem, somente depois de dois meses é que se começava a juntar à sua alimentação uma retribuição de dois vinténs, ou cinco soldos por dia.¹³⁴

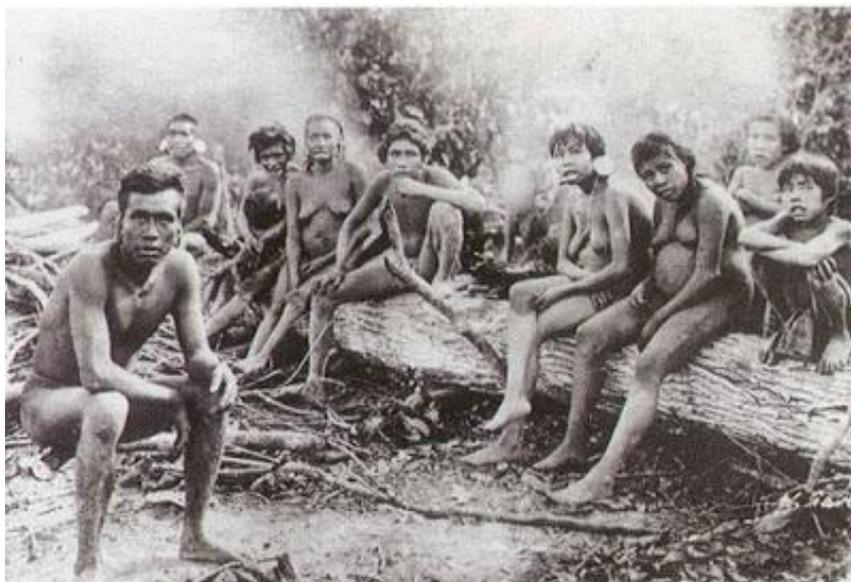


FIGURA 22: Botocudos fotografados na primeira década de XX, época de construção da ferrovia Vitória-Minas, onde estes também foram braços para a obra¹³⁵.

¹³³ Conforme José Bonifácio, “o uso da força e da brutalidade era a causa do fracasso das políticas do governo imperial em relação aos indígenas” (BONIFÁCIO Apud BENTIVOGLIO, 2014, p. 26).

¹³⁴ SAINT-HILAIRE, 1988, p. 69.

¹³⁵ Disponível em:

http://4.bp.blogspot.com/_q7gAJm5rgEs/SDFkTDWUPvI/AAAAAAAAAf4/K1vwjFbeZj4/s400/Botocudo_s_arquivo+da+Vale.jpg. Acesso: 10.07.2015.

O resultado verdadeiro dessas políticas foi que os índios, “aos poucos, foram caldeando-se com a população sertaneja ou morrendo devido a doenças, fome e o uso indiscriminado de bebida alcoólica, fatores principais que contribuíram para dizimar as populações indígenas.”¹³⁶

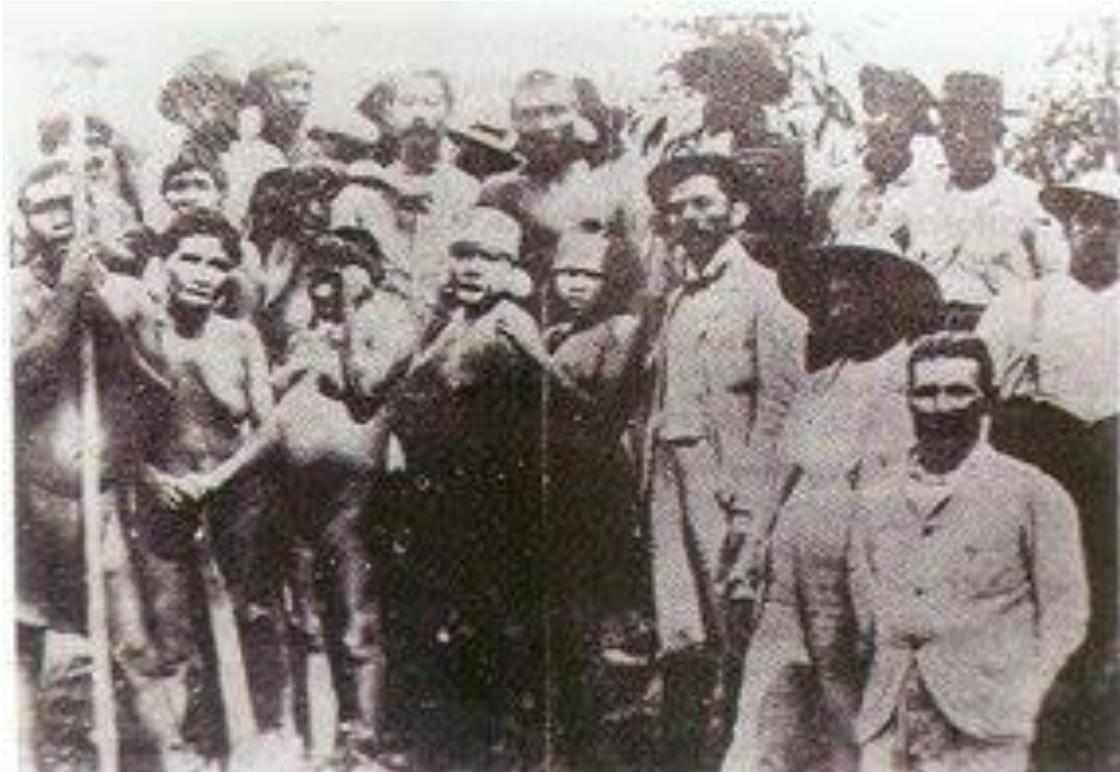


FIGURA 23: Botocudos fotografados com engenheiros durante a construção da ferrovia Vitória a Minas¹³⁷.

Será nesse contexto que o viajante alemão Paul Ehrenreich conhecerá os Botocudos do Espírito Santo no ano de 1884, assunto abordado no próximo capítulo.

¹³⁶ CASTRO Apud PIZZOL, 2015, p. 81.

¹³⁷ Disponível em: <http://ambientalhistoria.blogspot.com.br/2010/08/quem-ignora-sua-historia-esta-condenado.html>. Acesso: 20.06.2015.

CAPÍTULO III:

**PAUL MAX ALEXANDER
EHRENREICH E OS ÍNDIOS
BOTOCUDOS.**



FIGURA 24: Paul Ehrenreich (1855-1914)¹³⁸. Fonte: BENTIVOGLIO, 2014, p. 29.

Em muito se atribuiu a construção de uma identidade brasileira a partir dos olhares estrangeiros, visão que perdurou longamente como, caminhos interpretativos e fontes. Tal perspectiva pode ser acessada em obras como as dos chamados “intérpretes do Brasil” (Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior), com isso, as fontes históricas conhecidas pouco foram ampliadas e o quadro dos viajantes e escritores utilizados como fontes, pouco se alterou.

Especificamente no Espírito Santo, as obras de viajantes estrangeiros, principalmente dos europeus, sempre foram de grande notoriedade. Eram traduzidas e reproduzidas, mas pouco problematizadas como objetos de análise¹³⁹. A obra de Paul Ehrenreich diferencia-se pelo diálogo com outros campos de saber, como a antropologia e a etnografia. O viajante,

Pertencia à velha estirpe de sábios incapazes de se enclausurarem na técnica de uma especialidade restrita, de obreiros do espírito para os quais a solução dos problemas particulares havia de ser empreendida, sempre que possível, dentro de um grande acervo de dados concretos. [...] Tinha ao mesmo tempo o espírito e os olhos abertos para os problemas das ciências naturais.¹⁴⁰

¹³⁸ Fotografia tirada a 10 de junho de 1914 em Heidelberg.

¹³⁹ A corrente historiográfica positivista acreditava que os documentos eram fontes neutras e que permitiam conhecer a verdade incontestável sobre o passado sem a necessidade de uma maior problematização.

¹⁴⁰ SCHADEN, 1964, p. 83.

A obra de Paul Ehrenreich não pode ser identificada como a de um viajante-cronista¹⁴¹ e memorialista, comuns nos séculos XVIII e XIX no Brasil, e sim como de um cientista versado em estudos etnológicos, linguísticos, somatológicos, além de uma mitologia comparada, típicos de seu tempo, pois seus trabalhos,

Na maioria, são dedicados ao conhecimento científico do índio brasileiro, ora sistematizando resultados de pesquisas de campo, ora apresentando a interpretação do material colhido e a de dados esparsos pela literatura especializada.¹⁴²

Seus estudos sobre os indígenas ainda são indispensáveis para aqueles que se dedicam à etnologia do Brasil, dado o valor de suas contribuições.

3.1 – Ehrenreich e os índios Botocudos.

*“ Ah! A civilização!... Tenho-a encontrado, mais de uma vez, em meu caminho. Os brancos trazem-na nos canhões e nos fuzis, e a lançam voluntariamente, no deserto, acompanhando a mentira, a espoliação e o homicídio.”*¹⁴³

A civilização almejada para os Botocudos estava intimamente ligada à educação e ao trabalho, como exemplificado nos trechos do Relatório de 1833 do Presidente de província Manoel José Pires da Silva Pontes,

Senhores conselheiros, a lamentável situação dos Indigenas já confundidos na população brasileira pela catequese, também reclama a proteção dos escolhidos da Provincia!

[...] ora os vejo pedindo a proteção das Leis e o gozo dos Direitos Civis Politicos, ora esquivando-se aos Deveres inerentes e precipitando-se na independência natural de seus maiores!

[...] Se quando a educação desses miseráveis parou nas mãos de Directores estúpidos ou interesseiros, fosse confiada à sábios filantrópicos, as máximas da religião por um lado, e a instrução primária por outro lançarão os fundamentos para a sociabilidade. Se estes sábios lhes apresentarem oficinas das artes fabris, nodilos de instrumentos da pesca e caça, exemplares das industrias correlativas, como a salgação do peixe, o cartume das pelles, o fabrico do azeite, se apresentassem, digo, fabricas normais de serraria e construção naval, se mostrassem as laboriosas mulheres e filhas dos indígenas as filatorias [...]

[...] Entre tanto que a civilização, e catequese dos Botocudos também exige do nosso zelo e sabedoria a Plano da administração que o Governo

¹⁴¹ Para RINALDI (2007, p. 28), “Ao descrever a natureza e o homem no período colonial, o cronista narra o que os olhos alcançam com base no que conhece. É o olhar do Velho Mundo que se sobrepõe ao objeto achado, no caso o Novo Mundo”.

¹⁴² SCHADEN, 1964, p. 83.

¹⁴³ Frase atribuída a um índio Botocudo que vivia em São Mateus nas primeiras décadas do século XX. (NOVAES, 1988, p. 45).

Imperial.

[...] o Diretor continua nos ordinários ofícios de hospitalidade e consciência Nacional não só para com os magotes que vão e voltam, mas também para com aqueles que tem ficado em Linhares.

Dias haverão este ano em que o concurso chegou a cinquenta e oito e dias em que os Índios aparecerão. [ilegível] quatro, morrerão dois, distribuirão-se quatro a cidadãos filantrópicos e existem quarenta e quatro sob a proteção da diretoria.

Cidade da Victoria em 1º de Dezembro de 1833. ¹⁴⁴

No entanto, este progresso imposto aos índios trouxe mais impasses na relação de colonizados/colonizadores. O relatório acima reitera o caráter pacificador atribuído a ação catequizadora e imputa o fracasso da sociabilidade dos Botocudos ao Diretório dos Índios, criado para transformar os silvícolas em súditos da Coroa Portuguesa após a expulsão dos jesuítas da Colônia.

Os Botocudos por diversas vezes recusavam-se ao diálogo e revidavam à violência com violência, dificultando o trabalho do civilizador quanto ao processo de aldeamento e integração desses à sociedade colonial, por isso foram considerados povos de difícil domínio, se comparados a outras tribos indígenas. Abaixo, a carta do diretor dos índios de 28/07/1824 remetida ao presidente de província exemplifica a resistência que os Botocudos por diversas vezes demonstraram:

É do meu dever certificar a V. EX. que os Botocudos que infestaram a sobredita fazenda da Muribeca não se retiram dela enquanto não lhes forem restituídos os filhos e uma parte dos mesmos Botocudos levados com violência e traição (...) Esta é a verdadeira origem dos estragos que sofre aquele fazendeiro, e segundo me dizem os Botocudos da mesma família, que se acham nesta aldeia, as saudades que os pais tem dos filhos e a lembrança da traição com eles praticada pelo dito fazendeiro...¹⁴⁵

Nesse embate, importa destacar que havia índios que se entregavam aos aldeamentos como forma de obter uma possível segurança, mantendo sua própria sobrevivência sem serem atacados e/ou morrerem de fome.

Vale destacar que, durante a estada do viajante alemão no Espírito Santo, os Botocudos já haviam passado por um “processo civilizatório”, “muitos deles se encontravam, de certo modo, integrados à sociedade, vivendo em comunidades junto com homens brancos e adotando muitos de seus costumes [...]” ¹⁴⁶

¹⁴⁴ Relatório de província transcrito conforme original p. 27, disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B4DF0V1mXRMoYnNjTXIGMXBwaEU/view>> acesso em 15/10/2015.

¹⁴⁵ APEES FG/AS, L. 30, FL. 24, 28.07.1824. Cf MARINATO, 2007, p.169 – 170.

¹⁴⁶ BENTIVOGLIO, 2014, p. 27.

Paul Ehrenreich quando esteve em terras capixabas tinha conhecimento do que havia acontecido e estava acontecendo aos Botocudos no decorrer dos anos, o que de certo modo não lhe causou estranheza. Ao pesquisá-los pessoalmente,

Já dispúnhamos de excelentes trabalhos sobre os Botocudos, datados de épocas mais distantes como, por exemplo, a apresentação clássica do Príncipe de Wied que consta no segundo volume de sua obra *Reise* e também de estudos mais recentes, como os inúmeros informes detalhados de August Saint-Hilaire e o estudo cuidadoso de Hartt em seu trabalho *Geology and physical geography of Brazil*.¹⁴⁷

Mesmo civilizados, os Botocudos ainda eram fascinantes aos olhos do europeu,

[...] a passagem de muitos estrangeiros ilustres pela Província do Espírito Santo, alguns eram naturalistas, entre eles estão o barão Georg Heinrich von Langsdorff, Johan Julius Linden, o barão de Tschudi, Charles Frederick Hartt, a princesa Teresa da Baviera, e, sobretudo, Saint-Hilaire e Maximiliano, Priz von Wied-Neuwied, entre outros; em cujos relatos, é de se observar, a atração exercida pelos botocudos, que os motivavam a se interessar pela Província, particularmente, pelo rio doce (BITTENCOURT, 2006, p. 27).

Desta forma, Ehrenreich faz parte da gama de viajantes que antes de desembarcarem, já tinham ouvido falar de histórias dos índios Botocudos e veio atraído pelo conhecimento científico, além da oportunidade de ver a “selvageria”, o estado quase que primitivo de perto,

Entretanto, pareceu-me necessário controlar com base em observações próprias os dados frequentemente contraditórios de cada um dos autores, no intuito de fornecer uma descrição monográfica sobre esse povo, usando todo o material até agora disponível, analisado sob os pontos de vista baseados no método mais recente de pesquisa etnológica e antropológica”.¹⁴⁸

O trabalho do viajante, desta forma, visava deslindar a situação dos Botocudos em um determinado momento de sua história,

Há de se destacar que o período de permanência de Ehrenreich junto aos Botocudos transcorreu numa fase em que pouco restava de seu território: um quadrado formado pelos rios Doce, Mucuri, Guaçuí Grande e São Mateus, onde viviam poucos remanescentes. Era uma época, portanto, em que o projeto civilizatório do Governo Imperial havia sido implementado na plenitude, resultando em profundas implicações nos modos de ser, viver e sentir dos Botocudos. O legado de Ehrenreich tem realce em sua tentativa de encontrar entre cinzas e escombros de uma população indígena aniquilada pelo processo civilizador eurocentrista resquícios de uma cultura viva, ainda pulsante após persistente massacre.¹⁴⁹

¹⁴⁷ EHRENREICH, 1887, p. 41.

¹⁴⁸ Idem, p. 42.

¹⁴⁹ DADALTO, 2014, p. 17.

O livro publicado por Paul Ehrenreich e traduzido, recentemente, por Sara Baldus realiza um, particularizado estudo, sobre os índios Botocudos. A obra é dividida em 18 partes e discorre desde a história dos Botocudos até as elaboradas medições físicas, também chamadas de descrições etnológicas.

Em muitos momentos do livro, o cientista faz de fato comparações com os relatos escritos por outros viajantes, como o do Príncipe de Wied e de Martius por exemplo, e ao analisar o nome dos Botocudos ele relata:

Segundo Martius, o nome *Aimorés* pelo qual essa nação foi denominada até meados do século passado deve derivar do Tupi *Goyai-mura*, ou seja, “inimigos que vagueiam”.

Na obra do Príncipe de Wied, é citada a palavra *Engrekmung* como sendo o nome tribal¹⁵⁰. Nessa obra está escrito: “*Eles mesmos se denominam Engrekmung e não gostam de ser denominados de Botocudos*”. De onde o Príncipe tira esse nome, não é possível saber em sua apresentação.¹⁵¹

Percebe-se dessa maneira, o caráter crítico do autor e sua tentativa de conferir cientificidade à sua obra. Numa perspectiva foucaultiana, ele constrói uma representação, ao passo que seu livro sobre os Botocudos do Espírito Santo,

[...] é o espaço aberto na representação por uma análise que se antecipa à possibilidade de nomear; é a possibilidade de ver o que se poderá dizer, mas que não se poderia dizer depois, nem ver, a distância, se as coisas e as palavras, distintas umas das outras, não se comunicassem, desde o início, numa representação.¹⁵²

Dessa maneira, Paul Ehrenreich ao visitar as tribos de povos primitivos remanescentes, já possuía uma pré-visão das mesmas, uma representação acontecia. As palavras, a sua redação, e as coisas, os índios botocudos, poderiam estar comunicando-se previamente, partindo para um aprimoramento posterior, ainda que fossem distintas, e isso é algo que Foucault¹⁵³ remonta ao surgimento da História Natural no século XVII, a história que propõe a ser a legítima.

3.2 – Análise do livro dos botocudos de Ehrenreich

No livro *Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX*, elaborado por Paul

¹⁵⁰ N.A: Original: nationale Stammname.

¹⁵¹ EHRENREICH, 1887, p. 47 – 48.

¹⁵² FOUCAULT, 1999, p. 147.

¹⁵³ Idem, p. 180.

Ehrenreich, há uma exposição detalhada sobre os índios Botocudos. Do qual, foram selecionadas algumas partes para tentar demonstrar o tipo de interesse que ele tinha pelos silvícolas remanescentes da cultura invasora, sem a pretensão de esgotar o tema.

Na primeira parte do livro, o autor explica a história dos Botocudos “tão temidos, pela sua selvageria indomável, sua astúcia e seu canibalismo”¹⁵⁴. Fala sobre alguns ataques de Botocudos que teve conhecimento durante a viagem e também das lutas travadas pelos portugueses na invasão do território brasileiro.

Dentre os demais bárbaros, eles foram considerados como mais do que bárbaros, falavam uma língua totalmente desconhecida e seus costumes se desviavam dos de todas as outras tribos brasileiras. Não construíam casas, não conheciam o uso de redes e dormiam sobre folhas no chão. Não cultivavam nada, vagueavam em pequenos grupos pela região e não eram afeitos ao nado. Sua fala era gutural e eram antropófagos, não por sede de vingança ou ódio contra o inimigo, mas por apreciarem o sabor da carne¹⁵⁵.

Em sua fala inicial, apreende-se a reprodução do discurso europeu de selvageria dos Botocudos. No trecho compilado acima, Ehrenreich ao escrever, ainda não havia tido contato com nenhum índio Botocudo. Todavia, existe uma certa sensibilidade do viajante ao dizer que na Capitania de Minas Gerais,

Até o início do nosso século grassava, justamente nessa província, principalmente na região do Rio Doce, a luta racial mais ferrenha, travada com a mesma crueldade e selvageria por ambos os lados. Ainda em 1809 e 1810, decretos reais exigiram a luta a favor da destruição dos indígenas; as descrições comoventes do nosso renomado Eschwege¹⁵⁶ comprovam com que desumanidade isso foi realizado.¹⁵⁷

A descrição preliminar dos índios botocudos pelo viajante esteve fortemente relacionada à questão da comunicação prévia existente entre as palavras e as coisas, isto é, entre o pensamento e o que se vai observar, de modo que a representação inicia-se antes da observação, algo muito penoso à História Natural, uma vez que esta se encontra na

[...] distância [...] aberta entre as coisas e as palavras — distância silenciosa, isenta de toda sedimentação verbal e, contudo, articulada segundo os elementos da representação, aqueles mesmos que, de pleno direito, poderão ser nomeados. As coisas beiram as margens do discurso,

¹⁵⁴ EHRENREICH, 1887, p. 44.

¹⁵⁵ VARHNHAGEN Apud EHERENREICH, 1887, p. 44.

¹⁵⁶ **N.A:** Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), autor de várias obras sobre o Brasil, feitas durante suas viagens e estudos mineralógicos.

¹⁵⁷ EHRENREICH, 1887, p. 45 – 46.

porque aparecem no ângulo da representação. Portanto, não é no momento em que se renuncia a calcular que se começa enfim a observar.¹⁵⁸



FIGURA 25: Fotografia atribuída a Paul Ehrenreich (1894) (Leibniz-Institut für Länderkunde), que aparece no livro de Teresa da Baviera, e por vezes é considerada da autoria de Marc Ferrez. Fonte: BENTIVOGLIO, 2014, p. 34.

Contrastando com outros viajantes, que fornecem uma visão homogeneizadora, sobre os índios botocudos, como se fossem um grupo único¹⁵⁹, Ehrenreich realiza uma descrição detalhada quanto à divisão das tribos botocudas e seus costumes. Segundo o viajante elas são divididas em cinco: *Näk-ne-nuk*; *Näk-erehä*; *Etwet*; *Takruk-karak* e *Nep-nep* e estas por sua vez se subdividem. São descrições de um caráter científico e detalhado incrível¹⁶⁰.

Adiante, Ehrenreich associa a prática do cultivo nos assentamentos indígenas à civilização, ao falar das tribos localizadas na região do Rio Pardo, atual cidade de Cachoeiro de Itapemirim¹⁶¹,

¹⁵⁸ FOUCAULT, 1999, p. 147.

¹⁵⁹ Como exemplo, a viajante Princesa Teresa da Baviera, já citada neste trabalho (p.20), que nos fala: “Botocudos é o nome genérico dado pelos portugueses a índios de diferentes nações que integram o tronco macro-jê, grupo não tupi, que habitavam regiões da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, e eram também conhecidos como aimorés” (BAVIERA, 1897, p. 33), sendo que estes índios formavam grupos com localizações espaciais distintas, diferenças de hábitos e costumes e mesmo sendo classificados em um mesmo grupo não poderiam ter uma única classificação identitária.

¹⁶⁰ Sobre estas divisões e subdivisões das tribos Cf. EHRENREICH, 1887, p. 52 – 61.

¹⁶¹ Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=320265>. Acesso: 15.01.2016.

Os demais assentamentos de indígenas se encontram em estado de completo abandono, de modo que contribuem bem mais para o retorno à *selvageria* e à *depravação moral* dos seus habitantes do que para sua *civilização*.¹⁶²

Também o Aldeamento de Mutum, [...] que há poucos anos atrás se encontrava em condições sofríveis, não cumpre mais com a sua finalidade. Até então a aldeia possuía boa terra cultivável e casas sólidas, cobertas com telhas, [...]. No entanto, em 1881 ocorreram hostilidades com os *bugres bravos* que habitavam as florestas vizinhas.¹⁶³

Nesse contexto de pouco desenvolvimento dos assentamentos e civilidade dos índios, Ehrenreich nos fornece um elemento de fundamental importância, no que tange a imagem dos botocudos para o viajante:

Uma circunstância bem desfavorável é que a posição dos indígenas assentados em aldeias não é suficientemente definida. Usufruem da proteção incondicional do governo, sem serem solicitados a cumprir com seus deveres. A penalidade para crimes e atos de delinquência cometidos está nas mãos do diretor quando está presente, mas ele somente tem o direito de prender o culpado, fato que não afeta em nada um indígena, considerando a sua *preguiça* e *indolência inatas*. Desse modo, os piores crimes cometidos por esses bandos selvagens ficam impunes com excessiva frequência.¹⁶⁴

Que o desenvolvimento estaria ligado ao trabalho e a organização das tribos, e que os Botocudos seriam povos sem “qualquer cultura intelectual”¹⁶⁵ é fato para o viajante alemão. No entanto, ele também deixa explícito que grande parte da culpa vem dos governos locais,

É facilmente compreensível que desse modo os indígenas, sem orientação racional, sem instrução e sem trabalho regular acabem sendo gradativamente mais e mais desmoralizados. O governo fornece dinheiro para aquisição de vestuário, gêneros alimentícios, ferramentas, no entanto, o uso correto não é suficientemente fiscalizado. Ninguém pode dizer quantos desses recursos acabam em bolsos alheios. Muitas tribos, por exemplo, os *Nāk-erehā* estão totalmente abandonadas, não recebem absolutamente nada e, quando não conseguem obter o seu sustento pela caça e pesca, vivem de esmolas ou recorrem a roubos, pois, por falta de ferramentas, mal podem manter as plantações próprias, enquanto que seu trabalho junto aos colonos é pago miseravelmente, geralmente consistindo somente de cachaça.¹⁶⁶

Dessa maneira, Ehrenreich produz uma crítica ao Estado, que para o autor insuficientemente tentava realizar a civilização dos índios botocudos.

Em partes anteriores da obra, Ehrenreich demonstra ter conhecimento de que para

¹⁶² EHRENREICH, 2014, p. 58, grifos nossos.

¹⁶³ Idem, p. 58, grifos do autor.

¹⁶⁴ Idem, p. 60, grifos nossos.

¹⁶⁵ Idem, p. 60.

¹⁶⁶ Idem, p. 59.

os Botocudos também não estaria sendo fácil ceder à cultura do Novo Mundo,

[...] Também é possível que estejam ocorrendo atrocidades aqui e ali, como as do início do século, quando, segundo Eschwege e Saint-Hilaire, foram jogadas nas mãos dos selvagens peças de vestuário de pessoas acometidas de varíola, visando alastrar essa peste no seu meio. Eu mesmo ouvi uma conversa numa localidade, se não seria recomendado distribuir cachaça envenenada para os bugres bravos!¹⁶⁷

A solução que Ehrenreich julga ser adequada para os Botocudos,

O único meio de trazê-los para mais perto da civilização seria assentá-los no meio de colonos europeus, instruir os seus filhos nas casas dos colonos e ocupá-los com trabalhos mais leves. Nos da velha geração possivelmente pouca coisa pode ser melhorada. Os mais novos, ao contrário, iriam se mostrar como totalmente aptos para um acultramento num ambiente diferente, estimulados a uma atividade regular e com tratamento humano, porém enérgico, fato já bastante comprovado em indivíduos isolados.¹⁶⁸

Percebe-se aqui a “vocação civilizatória” tão comum entre os habitantes do Novo Mundo. Embora Ehrenreich demonstre ser um apreciador dos Botocudos, a ideia de uma América tropical e subtropical predominantemente natural, no sentido da vasta natureza, com pouca cultura e quase nenhuma civiliza o ainda paira sobre este viajante.   medida que,

[...] nos estudos etnológicos surgem paulatinamente tentativas de romper com a imagem da debilidade natural e da selvageria dos indígenas. Na geografia histórica, ela permanece reforçada pela ideia de inferioridade da América do Sul em rela o   do Norte.¹⁶⁹

Dessa maneira, como cientista Ehrenreich se preocupa com o que restou dos verdadeiros indígenas, e, como viajante estrangeiro demonstra concordar que a civiliza o e o acultramento seriam importantes para estes Botocudos. Para ele o futuro dos indígenas já era uma certeza, mais cedo ou mais tarde a acultura o aconteceria e não haveria escapatória, por isso a sua opinião de como o processo civilizatório poderia ser realizado.

Nesse sentido, apesar de Ehrenreich afirmar que o contato de Botocudos com os brancos já estava em curso, ele afirma que “o nível cultural dos Botocudos certamente   um dos mais baixos que podemos encontrar atualmente em qualquer povo da terra”¹⁷⁰.

¹⁶⁷ EHRENREICH, 2014, p. 46.

¹⁶⁸ Idem, p. 101.

¹⁶⁹ LISBOA, 2002, p. 39.

¹⁷⁰ EHRENREICH, 2014, p. 77.

Convencido de que os botocudos tinham uma formação intelectual extremamente baixa, Ehrenreich reforça o arquétipo negativo desses índios, mas em determinados momentos do texto, como no trecho abaixo, opta por amenizar um pouco a descrição da defasada situação intelectual, ao declarar que,

Mesmo assim, devemos nos precaver e não menosprezar as suas aptidões intelectuais, fato que ocorre muito facilmente a um viajante durante a sua curta passagem. Se outros povos primitivos brutos, tais como os aborígenes e australianos comprovaram serem bem mais inteligentes do que se admitia, considerando as demais condições culturais, podemos esperar algo semelhante também dessas tribos.¹⁷¹

Para Ehrenreich era importante o contato dos europeus para esta formação intelectual dos Botocudos, ele prossegue assim:

Deve ser mencionado que foram constatados suficientes casos em que os Botocudos adquiriram uma formação considerável sob instrução européia. Contudo não faltam exemplos em que tais indivíduos abandonaram novamente a civilização por sentirem falta de sua vida livre nas matas distantes, retornando aos irmãos selvagens de sua tribo.¹⁷²



FIGURA 26: Fotografia de Paul Ehrenreich. Índios Botocudos do Rio Doce, 1894. Leibniz-Institut für Länderkunde. Fonte: BENTIVOGLIO, 2014, p. 72.

Percebe-se, pelos registros do autor que os estereótipos dos índios Botocudos estavam, novamente, sendo reforçados,

¹⁷¹ EHRENREICH, 2014, p. 101.

¹⁷² Ibidem.

A vida instável nas matas não permite aos Botocudos um desenvolvimento intelectual maior. Seu primeiro desejo é a satisfação de suas necessidades físicas, a única mola propulsora de suas atividades. O selvagem não pensa no futuro, nem se preocupa com o passado: não existem tradições nem lendas que indiquem algo sobre seus ancestrais. Também não existe nenhum cálculo do tempo, nem a sua idade o indígena não consegue informar.¹⁷³

Apesar da sua proposta de escrita ser inovadora e científica, não se pode negar que,

Muitos desses escritos nascem, [...] justamente em resposta à “ignorância” que grassava a respeito do Brasil no Velho Mundo. Portanto, num sentido mais escrito, pretendem cumprir a função “clássica” do relato de viagem: levar conhecimento sobre outros “povos” para o leitor “pátrio”. Com este gesto se tornam inventores e recriadores de um panorama de imagens, que, [...] estão carregadas de contradições, preconceitos e ideologias, que têm a sua história, relativizando a noção de “conhecimento” sobre um “povo” visitado.¹⁷⁴

O parâmetro utilizado para o estudo por Ehrenreich são as pesquisas de outros europeus e o modelo oriundo do seu “novo mundo” seguindo a tradição europeia¹⁷⁵, como exemplo quando ele diz que os Botocudos “apesar da vida nas matas escuras de seu território, são mais alegres e falantes, amando a dança, os cantos e a música européia”¹⁷⁶.

No que tange a religião dos Botocudos, por exemplo, o autor cita muito mais as observações do viajante Saint-Hilaire do que as suas próprias,

Os indígenas *aldeiados* e *batizados* simplesmente imitam todos os costumes do culto cristão, sem entenderem nada sobre o significado. Um desses *cristãos* quando perguntado por mim sobre a sua crença, respondeu apenas: “Não tememos a Deus, nem ao Diabo.”¹⁷⁷

Somente nesse trecho do livro que Ehrenreich da religião, supõe-se que ele tenha pesquisado e verificado sobre o assunto de perto, quanto ao mais, o autor reproduz as observações de outros viajantes¹⁷⁸.

¹⁷³ EHRENREICH, 2014, p. 102 – 103.

¹⁷⁴ LISBOA, 2002, p. 23.

¹⁷⁵ Uma tradição de pesquisas baseadas em coleta de dados de alguns anos no Brasil, seguida de longa reflexão na Europa, que resultou em pelo menos dois tipos de obras: os relatos de viagem acessíveis ao público em geral e estudos monográficos para apreciação científica (CRUZ; CHRISTINO, 2005, p. 1).

¹⁷⁶ EHRENREICH, 2014, p. 70.

¹⁷⁷ Idem, p. 98, grifos do autor.

¹⁷⁸ Ressaltamos aqui, que possivelmente Ehrenreich omite informações quanto aos rituais indígenas, nudez, deuses e outros assuntos desta natureza por ser luterano.

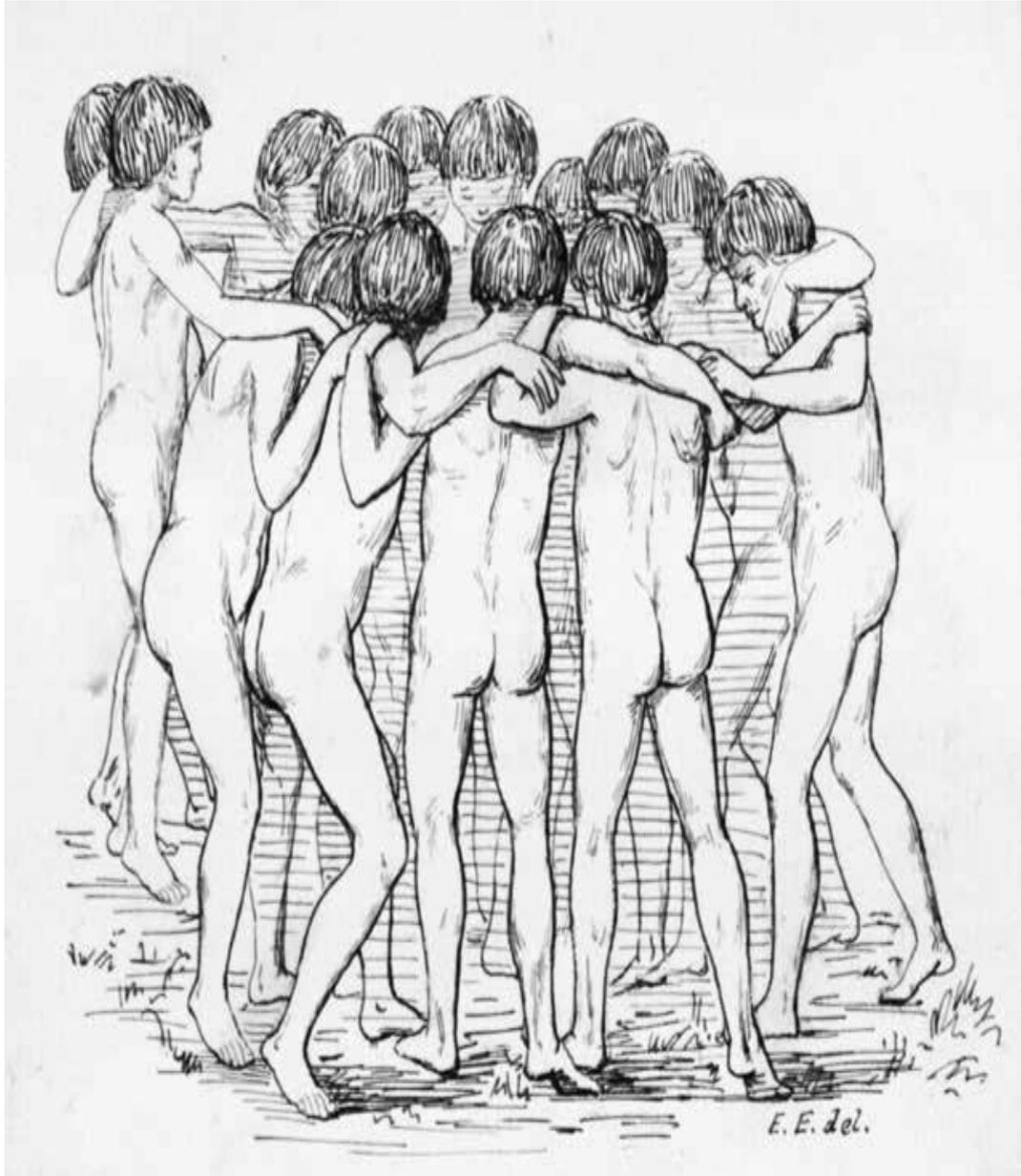


FIGURA 27: Dança dos *Nep -nep* (Pancas). Fonte: EHRENREICH, 2014, p. 95.

Tratado até aqui as questões de processo civilizador e aspectos culturais, explorar-se-á a partir desse ponto, a questão linguística dos índios e as descrições etnológicas dos Botocudos no Espírito Santo, para efeito de suas classificações étnicas. Sobre o desenvolvimento linguístico desses índios, destaca-se que,

Devemos as primeiras descrições sobre a língua dos Botocudos ao Príncipe de Wied, cujo material gramático foi trabalhado por Göttling. Desde então, foram acrescentadas somente algumas palavras; também Hartt ainda fornece algumas notícias (*Ibidem*, p.603). As complementações que tentei fazer com base em resultados de pesquisas próprias não pretendem ser completas. Para isso, seria necessária uma permanência bem mais demorada junto a essas pessoas. Por isso, o que é dado a seguir deve fornecer pelo menos um quadro sobre o baixo nível de formação desse idioma. As palavras foram escritas do modo como as compreendi, usando o alfabeto linguístico

de uso geral.¹⁷⁹

Os Botocudos utilizavam a gesticulação como maneira de se comunicarem, algo compreensível dentro do contexto geral de primitividade do grupo indígena, uma vez que a comunicação não seria algo que iria se sobressair com uma amplitude desejável de aprimoramento, ficando apenas dentro dos limites do minimamente necessário, para que a comunicação entre os Botocudos se realizasse. Ehrenreich ainda destaca o entendimento errôneo das palavras por parte de viajantes anteriores, também pela questão dos botoques utilizados pelos botocudos e que durante a sua pesquisa já não era tão utilizado como antes, como exemplo na letra h,

h é ouvido sempre como nitidamente aspirado, também no final de uma sílaba. Quando os viajantes de antigamente, como por exemplo, o Príncipe sabem relatar tantas coisas sobre a dicção nasalada e grunhida dos selvagens, descrevendo a dificuldade de fixar os sons, isso deve ser atribuído aos enfeites nos lábios, costume ainda usado na época e que torna praticamente impossível uma entonação dos sons labiais. Entretanto, agora que a “cirurgia” de furação, desfiguradora dos lábios, está caindo cada vez mais em desuso, pode-se dizer que, na maior parte dos indivíduos, a dicção é relativamente nítida e pura.¹⁸⁰

Quanto à transformação e formação de algumas palavras, Ehrenreich também vê o entendimento errôneo de outros viajantes como o culpado pelas variações nos vocabulários,

Se realmente ocorresse uma continuidade de formação de novas palavras e, simultaneamente, uma fragmentação continuada, como aparentemente admitido por Martius, então a língua atual não estaria mais naquele grau de conformidade com a língua que foi descrita nos vocabulários antigos datados de 40 a 60 anos atrás, como é o caso. Na coleção de palavras em que encontramos desvios em relação ao idioma atual, eles podem ser explicados em sua maioria por mal-entendidos dos observadores ou indígenas que se deixaram examinar.¹⁸¹

Ainda neste sentido de análise dos botocudos, estes índios tinham dificuldades com os números, utilizavam-se dos dedos para o sistema de contagem e também com as cores,

A única cor designada com precisão é o *vermelho*: *pru kukú*; as demais cores são *ñērũ*, igual a claro, ou *em escuro*, sendo que *ñērũ* designa ao mesmo tempo branco-amarelado, azul-claro, cinza-claro, e *ëm*, preto, azul-escuro, verde-escuro.¹⁸²

¹⁷⁹ EHRENREICH, 2014, p. 106.

¹⁸⁰ Idem, p. 108.

¹⁸¹ Idem, p. 109.

¹⁸² Idem, p. 116.

Para Ehrenreich, a classificação de uma tribo se dava exclusivamente por sua língua e, apenas se realizada cuidadosamente, por suas características físicas,

A classificação ethnographica de uma população primitiva como a do Brasil, na qual ainda não se chegou á diferenciação em nacionalidades, a nem-uma na linguística, e isso logo pela razão que as diversas tribus são unicamente distinguíveis por suas línguas. Seus característicos physicos só com a maior cautela se devem utilizar na classificação.¹⁸³

Para o viajante, a pesquisa linguística indicaria os parentescos sanguíneos entre os índios e acreditava que o contato linguístico com outras nações não culminaria na destruição das línguas, mas sim, apenas na sua transformação, por isso esse estudo poderia resultar na classificação das tribos, como demonstrado no mapa abaixo das famílias linguísticas do Brasil.

Ehrenreich se empenhou em adversar as ideias antigas, recusava-se a aceitar a América como uma “confusão babilônica de línguas”¹⁸⁴, além de condenar a tendência dos estudiosos em demonstrar a supremacia dos povos Tupis em detrimento dos outros indígenas brasileiros,

O emprego sem methodo dos dados ethno-anatomicos no estudo de questões puramente ethnographicas, causaria aqui a mesma confusão que já tem por demais introduzido na ethnologia européa. A antropologia physica tem de tratar dos Americanos como raça e não das tribus que pertecem a esta raça. Para a ethnologia constitue a anatomia das raças apenas uma parte descriptiva, pois caracteriza os typos de formação physica que mostram as diversas tribus e assim fixa a escala de variação de uma raça.¹⁸⁵

Por essas proposições, e inserção de novo métodos de análise da população indígena,

Steinen e Ehrenreich são considerados renovadores da classificação linguística e etnográfica dos povos da América do Sul. Para operar uma redistribuição dos povos do continente em grupos linguísticos, levaram em consideração dados que colheram in loco provenientes do contato com tribos antes desconhecidas pelo homem branco e informações fornecidas por estudiosos anteriores¹⁸⁶.

¹⁸³ EHRENREICH, 1892, p. 14.

¹⁸⁴ Idem, p. 12.

¹⁸⁵ Idem, p. 12.

¹⁸⁶ CRUZ; CHRISTINO, 2005, p. 6.

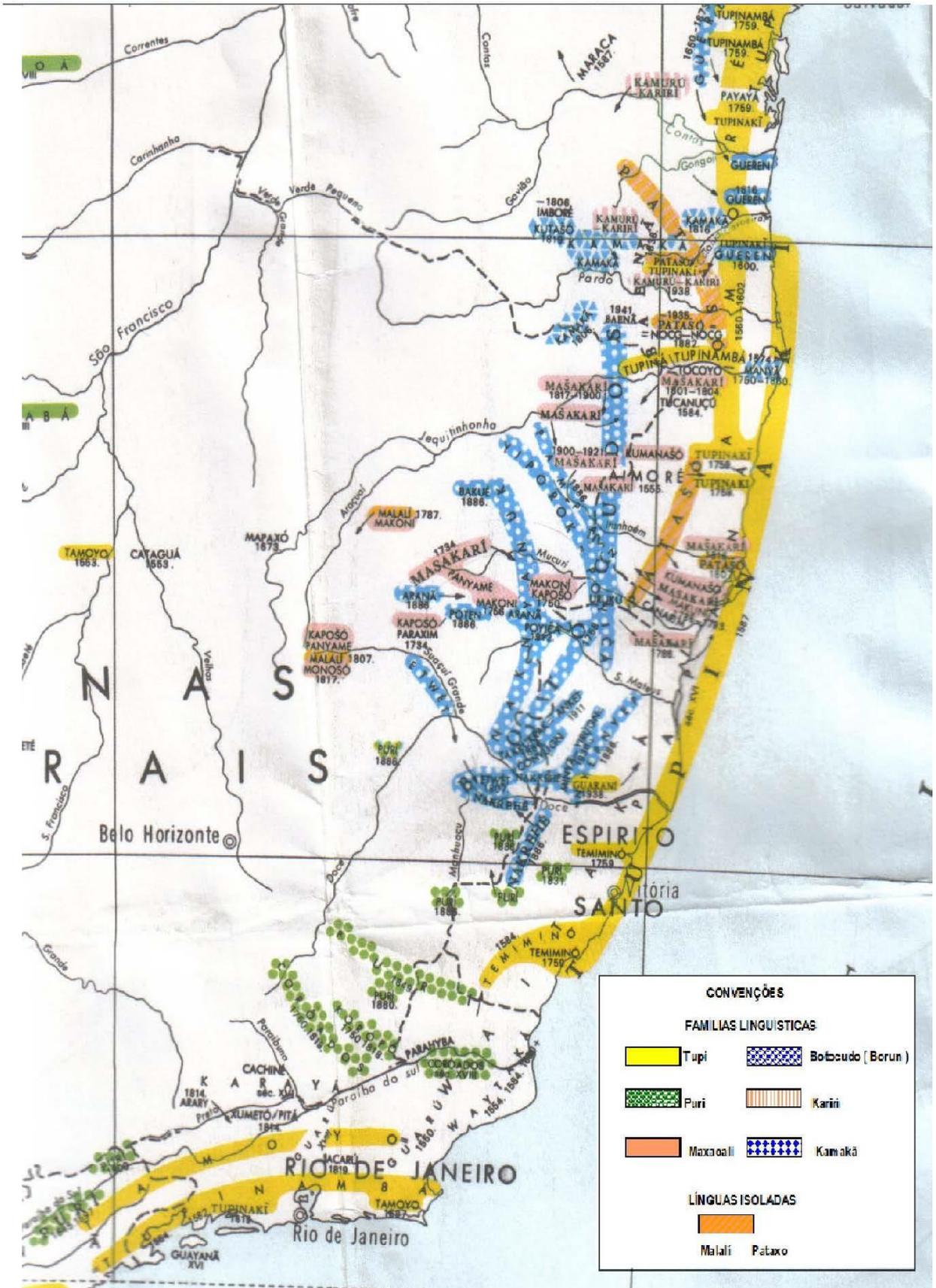


FIGURA 28: Mapa Etno Histórico de 1944. Disponível em: PASCHOAL, p. 12, 2012.

O viajante, além de tratar das questões anteriormente descritas, também dá ênfase em sua obra ao aspecto físico dos indígenas, e, especificamente quanto aos Botocudos, o viajante alemão admite a reprodução de caricaturas desses índios como maneira de “causar sensação sobre o público europeu”¹⁸⁷ e concorda novamente com a descrição do Príncipe de Wied,

A natureza deu a estes homens uma boa estrutura física, pois eles têm uma figura melhor e mais bonita do que as demais tribos. Em sua maioria, são de estatura média, sendo que alguns deles atingem um tamanho considerável. São fortes, geralmente têm peito e ombros largos, são carnudos e musculosos e bem proporcionados; os pés e as mãos são delicados; o rosto apresenta traços marcantes, maxilares normalmente largos, às vezes um pouco achatados, de configuração não raramente regular. Seus narizes são grossos, geralmente retos ou suavemente curvados, em resumo, alguns apresentam narinas um pouco largas e, alguns poucos, muito salientes.¹⁸⁸

Visando detalhar as características físicas dos Botocudos, Ehrenreich examina 15 índios, constatando a média de altura de homens (158,6 cm) e mulheres (149,5 cm), além de observar a delicadeza das mãos em oposição aos mongóis, a flacidez precoce dos seios das mulheres e a não constatação de um tamanho pequeno dos genitais masculinos, contrastando com as descrições de outros viajantes. O viajante ainda apresenta tabelas de medidas corporais, medidas das cabeças e cor desses índios¹⁸⁹ e considera por algumas vezes comparações com os mongóis, dizendo que o “material das observações antropológicas disponível até o momento está longe de ser suficientes para decidir”¹⁹⁰ se mongóis e americanos formariam uma única raça.

Creio que precisamos considerar a população americana primitiva igualmente como uma raça específica, do mesmo modo como os malaios, até que nos seja possível desmembrar todos em seus componentes isolados. Entretanto, a afirmação de vários viajantes, de que em especial os Botocudos seriam representantes americanos do tipo mongol, deve ser refutada, embora muitas fisionomias lembrem o tipo do nordeste asiático (...). Provavelmente uma comparação das proporções físicas das duas raças, que ainda não pode ser feita de modo satisfatório considerando os poucos materiais disponíveis, irá mostrar igualmente muitas diferenças (...). Apesar de muitas semelhanças incontestáveis entre as duas raças, não podemos deixar de considerar também as consideráveis diferenças.¹⁹¹

¹⁸⁷ EHRENREICH, 2014, p. 62.

¹⁸⁸ MAXIMILIANO apud EHRENREICH, 2014, p. 63.

¹⁸⁹ Cf. EHRENREICH, 2014, p. 65 – 69.

¹⁹⁰ EHRENREICH, 2014, p. 72.

¹⁹¹ Idem, p. 73 – 74.



FIGURA 29: Fotografia de Ehrenreich (1885) de um botocudo da região do Rio Pancas¹⁹².

Diferentemente de outros viajantes, Paul Ehrenreich escreve o livro *Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX*, não com um caráter de diário de bordo, mas com características descritivas e analíticas, assim, percebemos o modo de observação e registro do viajante que se insere na produção de conhecimento da História Natural. Na medida em que compreende a realidade mais próxima da observação e o registro daquilo que é visível, ou seja, quando entra em ação:

O campo de visibilidade onde a observação vai assumir seus poderes, não passa do resíduo dessas exclusões [análises]: uma visibilidade que, além de liberada de qualquer outra carga sensível, é parda. Esse campo, muito mais que o acolhimento enfim atento às próprias coisas define a condição de possibilidade da história natural e do aparecimento de seus objetos filtrados: linhas, superfícies, formas, relevos [e, nesse caso, seres humanos] [...]; Observar é, pois, contentar-se com ver. Ver sistematicamente pouca coisa. Ver aquilo que, na riqueza um pouco confusa da representação, pode

192

Disponível

em:

<http://www.smbdigital.de/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectId=1633401&viewType=detailView>. Acesso: 10.02.2016

ser analisado, reconhecido por todos e receber, assim, um nome que cada qual poderá entender.¹⁹³

Está no observar a determinação do registro e Ehrenreich, como observador, filtra seu objeto de estudo e o registra. Aparentemente, um trabalho simples, mas, a observação torna-se muito mais complexa quando se tem a ciência como objetivo. Apesar de tratar essencialmente do mesmo objeto de estudos anteriores, índios Botocudos, realizados por outros espectadores nas mesmas condições do viajante: estrangeiros, oriundos do Novo Mundo, curiosos com os índios chamados primitivos o livro de Paul Ehrenreich possui um modo diferente de observação, que ultrapassa o simples olhar.

¹⁹³ FOUCAULT, 1999, p. 150 – 151.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os índios não deixaram suas histórias. Elas eram transmitidas oralmente e conseqüentemente a maioria se perdeu.

Nas lutas travadas contra os botocudos, os colonizadores brancos fundaram pequenos quartéis que serviam de base para combatê-los. Aos ataques dos brancos, e para defender suas terras, os botocudos respondiam com assaltos contra fazendas e sítios dos lavradores capixabas, sendo temidos e odiados por isso. Apesar da coragem que possuíam, não conseguiram resistir ao avanço dos colonizadores sobre as suas terras. Pouco a pouco foram dominados ou exterminados. Os que aceitavam conviver com os brancos mudavam de comportamento, tornando-se pacíficos.¹⁹⁴

O trecho acima é a única parte que remete ao tema índios Botocudos, encontrado num livro didático utilizado nas escolas públicas estaduais do Espírito Santo. Essa falta de conteúdo nas escolas se dá pela falta de estudos e conteúdos relacionados à história dos índios no Espírito Santo também nas Universidades.

Neste sentido, essa pesquisa pretendeu preencher, parcialmente, as lacunas da história capixaba, demonstrando a necessidade de mais trabalhos com essa abordagem. Os europeus quando aqui desembarcaram, impuseram a conquista da terra, com isso, um grande número de nativos foram aniquilados. Esse contato de estrangeiros e nativos modificou, tanto as estruturas sociais indígenas, quanto a própria natureza, tornando-os impossíveis de serem reconstituídos.

Essa imposição civilizatória produziu uma ausência de dados arqueológicos, biológicos, antropológicos e históricos das tribos indígenas do Espírito Santo, em virtude da violenta sobreposição da cultura europeia sobre a nativa. Contudo, esta pesquisa, buscou com as narrativas de Ehrenreich suprimir essa ausência, reconstruindo o seu relato. Durante o trabalho, foi possível perceber que o viajante ao tentar relatar o “real”, terminava por criar imagens oferecendo um novo sentido ao que se observava. Constrói-se assim, uma realidade complexa, quando o viajante narra o que vê com um olhar próprio e o modifica no registro. Portanto, essas narrativas de viagens são fundamentais para compor a história brasileira, capixaba, além da história dos índios Botocudos.

Ao fim percebeu-se que essa análise possibilitou uma breve compreensão sobre: as viagens e os viajantes, fundamentais para a elaboração da ciência durante o século XIX; a intrínseca ligação entre a organização da Província do Espírito Santo, os

¹⁹⁴ ROSA; SANTOS NEVES, 2011, p. 44.

europeus e os indígenas; a amplitude dos reatos produzidos pelos estrangeiros que abarcavam a fauna e a flora, a escravidão africana, estudos sobre os indígenas brasileiros; e os aspectos culturais, sociológicos, antropológicos e econômicos das regiões visitadas.

Além dos pontos supracitados, contemplou-se nesses escritos as visões pré-estabelecidas dos europeus e o quanto essas popularizações, principalmente no campo científico, reforçaram o fascínio e o temor pelos índios Botocudos.

Todo esse aprofundamento foi possível graças ao relato do viajante Paul Ehrenreich que diante de tantos, acabou sendo parcamente analisado, talvez, por seu caráter “muito científico” e “frio”, que o diferenciava dos demais, principalmente os franceses, que produziam escritas romantizadas.

Ehrenreich preocupou-se em escrever uma narrativa de viagem científica, em coletar dados e medidas dos índios, pesquisar os aspectos sociais, culturais e econômicos da região visitada. Não há em sua escrita, espanto ou medo dos Botocudos, mas sim uma grande vontade de conhecê-los e desenvolver uma ciência a respeito deles. À Ehrenreich se deve o mérito de ter ajudado a destruir o mito da homogeneidade étnica das populações indígenas do Novo Mundo, quando se preocupou em descrever a língua e as características físicas dos índios visando diferenciá-los. Por meio de seu relato, Ehrenreich oferece uma espécie de “cartilha” a respeito dos Botocudos, legitimada pela sua posição, não só de naturalista, mas, sobretudo de europeu, vítima potencial de seu oposto “selvagem”.

Seu relato e suas fotografias retratam sua experiência pessoal, sua visão de mundo, seus valores, e suas ideias, ou seja, sua narrativa é fruto de uma sociedade e de um tempo do qual o autor participava. Esses fatores contribuíram para a perpetuação de certas visões que se cristalizaram no imaginário estrangeiro sobre a província do Espírito Santo e sobre os Botocudos.

Os Botocudos por sua vez, mesmo resistentes, demonstraram-se impossibilitados, pela opressão de seus colonizadores, de se manterem em seu estado natural e de conter o que lhes foi imposto: uma nova cultura, novos valores, uma nova língua, novos territórios em suas próprias terras. A esse respeito, Ehrenreich afirma que para torná-los úteis a sociedade era preciso oportunizar atividades de trabalho

regulares e permanentes. Seria preciso, portanto, “calar” seus instintos primitivos. Desse modo, temos uma história construída, por meio da linguagem, que expressa modelos de organização social, religiosa e econômica que foram vitoriosos.

REFERÊNCIAS

Fontes impressas:

- BAVIERA, Princesa Teresa da. **Viagem pelo Espírito Santo (1888)**. Tradução e notas de Sara Baldus; organização e notas de Julio Bentivoglio. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.
- BIARD, Auguste-François. **Viagem à província do Espírito Santo**. Tradução de José Augusto Carvalho. Vitória: Aracruz Celulose/Jonice Tristão, [s.d.].
- BIARD, Francisco Augusto. **Dois anos do Brasil**. Trad Mario Sette São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- EHRENREICH, Paul. A ethnografia da America do Sul ao começar o Século XX. Tradução de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, vol. XI, p. 280 – 305, 1906.
- EHRENREICH, Paul. Contribuições para a etnologia do Brasil. **Revista do Museu Paulista**, N. S., vol. 2. p. 7 – 135, 1948.
- EHRENREICH, Paul. Divisão e distribuição das tribus do Brasil segundo o estado actual dos nossos conhecimentos. Trad Capistrano de Abreu. **Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro**, tomo VIII, p.3 – 55, 1892.
- EHRENREICH, Paul. Ethnographia selvagem. Trad Capistrano de Abreu. **Almanack Brasileiro Garnier para o ano de 1907**, 1907, p.79 – 98.
- EHRENREICH, Paul. **Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX**. In: BENTIVOGLIO, Julio (Org.). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Coleção Canaã, v. 21, 2014.
- ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** André Augusto de Padua Fleury (1864).
- ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** Antonio Joaquim de Siqueira (1849).
- ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** Filippe José Pereira

Leal (1850).

ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** Filippe José Pereira Leal (1851).

ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** José Bonifacio Nascentes d'Azambuja (1852).

ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** José Mauricio Fernandes Pereira de Barros (1856).

ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** Pedro Leão Velloso (1860).

ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** Sebastião Machado Nunes (1854).

ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** Sebastião Machado Nunes (1855).

ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** Luiz Pedreira do Coutto Ferraz (1847).

ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** Luiz Pedreira do Coutto Ferraz (1848).

ESPÍRITO SANTO. **Relatório do presidente de província-** José Francisco de Andrade e Almeida Monjardim (1858).

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. **Viagem ao Brasil.** Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1989.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Segunda viagem ao interior do Brasil:** Espírito Santo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce.** São Paulo: Itatiaia, 1988.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela**

província de Goiás. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

SPIX e MARTIUS. **Viagem pelo Brasil (1817-1820).** Vol. I. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História:** a arte de inventar o passado. São Paulo: EDUSC, 2007.

ROSA, Léa Brígida Rocha de Alvarenga; SANTOS NEVES, Luiz Guilherme. **Anchieta, nosso município:** noções históricas e geográficas do município de Anchieta para o ensino de primeiro grau. Curitiba: Base Editorial, 2011.

ARAUJO, Ana Lucia. Encontros difíceis: o artista-herói e os índios corrompidos no relato de viagem *Deux Annés au Brésil* (1862). In: **Luso-Brazilian Review.** v. 42, n. 2, p. 15 – 39, 2005.

ARAUJO, Patrícia V. Lopes de. Viajantes do século XIX: uma reflexão sobre as estéticas do pitoresco e do sublime na construção de representações para o Brasil. In: **II Encontro De História Da Arte,** IFCH/Unicamp, p. 193 – 200, 2006.

Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, I, 1861.

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL (ES). LEAL, João Euripedes Franklin. **Catálogo de documentos manuscritos avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585-1822).** Vitória: Arquivo Público Estadual, 1998.

ASSIS, Francisco Eugênio de. **Dicionário geográfico e histórico do Estado do Espírito.** Vitória: s.n., 1941.

AUGUSTIN, Günter. **Literatura de viagem na época de Dom João VI.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BAHIENSE, Norbertino. **Os limites do Espírito Santo na vez da história.** [S.].: [s.n.], 1947.

- BARREIRO, J. C. ***Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência.*** São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- BARROS; LEHFE. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas.** 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BARROS, J. D. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **A propósito d'o Brasil dos viajantes.** In: **REVISTA USP.** São Paulo, nº. 30, 1996, pp. 8-19.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes.** São Paulo: Metalivros, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre a história.** São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1986.
- BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. **Estudos históricos do Espírito Santo.** Vitória: IHGES, 2006.
- BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. **História geral e econômica do Espírito Santo: do engenho colonial ao complexo fabril-portuário.** Vitória: [s.n.], 2006.
- BRASIL, Congresso Nacional. **Catálogo de obras raras e valiosas da coleção Luiz Viana Filho.** Brasília: Senado Federal, Secretaria de Biblioteca, 2011.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem.** São Paulo: EDUSC, 2004.
- CAMPOS, Pedro M. **Imagens do Brasil no Velho Mundo.** In: HOLANDA, Sérgio B. de (org). **História geral da civilização brasileira.** São Paulo: Difel, t.2, v.1, 1982.
- CARDOSO, Sérgio. **O olhar viajante (etnólogo).** In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, p. 347 – 360, 1988.
- CARELLI, Mario. **Cultures croisées.** Histoire des échanges culturels entre la France et le Brésil de la Découverte aux Temps modernes. Paris : Nathan, 1993.

CARNEIRO, Henrique Soares. O múltiplo imaginário das viagens modernas: ciência, literatura e turismo. História: **Questões & Debates**, Curitiba, n. 35, p. 227 – 247, 2001.

CARVALHO, Alfredo de. **Bibliotheca exotico-brasileira**. Rio de Janeiro: Empresa gráfica Ed., Pongetti, 1929.

CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L.; (orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

CEZAR, T. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relato de viagem. In: **Almanack Braziliense**. São Paulo, nº11, p. 26 – 33, 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: práticas e representações**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173 – 191, 1991.

COUTINHO, José Caetano da Silva; NEVES, Luiz Guilherme Santos; NEVES, Maria Clara Medeiros Santos. **O Espírito Santo em princípios do século XIX: apontamentos feitos pelo bispo do Rio de Janeiro quando de sua visita à capitania do Espírito Santo nos anos de 1812 e 1819**. Vitória: Estação Capixaba Cultural, 2002.

CUNHA, Manuela Carneiro (org). **Legislação indigenista no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1992.

CUNHA, Manuela Monteiro. Política indigenista no século XIX. In: CUNHA, Manuela Monteiro (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DADALTO, Maria Cristina. Índios Botocudos, um outro olhar. In: BENTIVOGLIO, Júlio (Org.) **Paul Ehrenreich: índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX**.

Vitória: APEES, Col. Canaã, v. 21, 2014.

DAEMON, Basílio Carvalho. **História, descoberta e estatística da Província do Espírito Santo**. 2 ed. Vitória: APEES/ SECULT, 2010.

DIAS, Elaine. A representação da realeza no Brasil: uma análise dos retratos de D. João VI e D. Pedro I, de Jean-Baptiste Debret. In: **Anais Do Museu Paulista: história cultura e material**, v.14, n.1, p. 243 – 261, 2006.

DIAS, O. B. Viagens Oitocentistas: a hospedagem no interior do Brasil e na cidade da Bahia. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v. 1, p. 01-22, 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Ilhas e mares: simbolismo e imaginário**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

DOMINGUES, Beatriz Helena. **Tão longe tão perto: a Ibero-América e a Europa ilustrada**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

DUARTE, Regina Horta, (org). **Notícias sobre os selvagens do Mucuri**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2002.

DUARTE, Regina Horta. **Olhares estrangeiros: Viajantes no vale do rio Mucuri**. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/263/26304402.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2014.

ESCHWEGE, Wilhelm F. von. **Brasil, novo mundo**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996. 2 v.

ESCHWEGE, Wilhelm F. von. **Jornal do Brasil, 1811 — 1817: ou relatos diversos do Brasil colectados durante expedições científicas**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.

ESTEVES, Antonio R.; ZANOTO, Sérgio Augusto (Orgs.). **Literaturas de viagem: viagens na literatura**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2010.

FAUSTO, Carlos. Fragmentos de história e cultura Tupinambá: da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico In: CUNHA, Manuela Monteiro (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. M. **Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.** São Paulo: Papirus, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Introdução. In: KINDERSLEY, Jemina. **Mulheres viajantes no Brasil (1764-1820):** antologia de textos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. RAMINELLI, Ronald. **Andanças pelo Brasil Colonial.** Catálogo comentado (1503-1808). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro colonial:** antologia de textos (1531-1800). Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

FRANÇOZO, Mariana. Os outros alemães de Sérgio: etnografia e povos indígenas em Caminhos e fronteiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 22, n.63, 2007.

FREIRE, Mário Aristides. **A capitania do Espírito Santo.** Crônicas da vida capixaba no tempo dos capitães-mores (1535-1822). Vitória: Flor&Cultura editores, 2006.

FREITAS, Marcus Vinícius. **Charles Frederick Hartt:** um naturalista do Império de d. Pedro II. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

GAGLIARDO, Vinicius Cranek. **O Rio de Janeiro sob o olhar dos viajantes estrangeiros (1808-1821).** São Paulo: Clube de Autores, 2009.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

GERBI, Atonello. **O Novo Mundo:** história de uma polemica 1750-1900. Tradução

de Bernardo Jofilly. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GIUCCI, Guilherme. **Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMBRICH. E.H. **A história da arte**. 16ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

GOMES, Laurentino. Os viajantes. In: GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

GONÇALVES DIAS. **Dicionário da Língua Tupi: chamada língua geral dos indígenas do Brasil**. Rio de Janeiro: s.n., 1858.

GREENBLAT, Stephen. **Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

HAESBART, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALFELD, G. F. H.; TSCHUDI, J. J. von. **A província brasileira de Minas Gerais**. Belo Horizonte: CEHC, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.). **História Geral da Civilização Brasileira – Brasil monárquico: o progresso de emancipação**. Vol.1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

HUMBOLDT, Alexander von. **Quadros da natureza**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc, 1964.

KARP VASQUEZ, Pedro. **Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX**. São Paulo: Metalivros, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, vol.11 (suplemento 1), p.109 - 129, 2004.

KURY, Lorelai. Viajantes - naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. In: **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, vol. VIII (suplemento), p. 863 – 880, 2001.

LACERDA, J. B . de . Novos estudos craniométricos sobre os Botocudos, feitos pelo Dr. J. R. Peixoto. **Arquivos do Museu Nacional**, v.6, 1885.

LEHMKUHL, Luciene. As imagens de arte e a produção historiográfica. In: SERPA, E.C.; MENEZES, M. A; (Orgs.). **Escritas da história: narrativa, arte e nação**. São Paulo: EDUSP, 1994.

LEITE, Ilka B. **Antropologia da Viagem: Escravos e Libertos em Minas Gerais no Século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. **Livros de viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Mulheres viajantes no século XIX. **Cadernos Pagu**, n. 15, p. 129 – 143, 2000.

LIMA, Carollina Ramos de. **Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós graduação, UNESP, Franca, 2010.

LISBOA, Karen M. **A nova Atlântida de Spix e Martius: A natureza e a civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1997.

LISBOA, Karen Macknow. **Viajantes de língua alemã no Brasil: olhares sobre a sociedade e a cultura (1893-1942)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós

Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. .

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. São Paulo:** Itatiaia/ Edusp, 1975.

MAESTRI FILHO, Mário. Jesuítas e Tupinambás: a catequese impossível. In: AZEREDO, Francisca L. Nogueira de; MONTEIRO, John Manuel (orgs.). **Confronto de culturas:** conquista, resistência e transformação. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1997.

MARCATO, Sonia de Almeida. **A repressão contra os botocudos em Minas Gerais.** Brasília: Fundação Nacional do Índio, 1979.

MARINATO, Franciele Aparecida. Nação e civilização no Brasil: os índios Botocudos e o discurso de pacificação no Primeiro Reinado. In: **Dimensões**, v. 21, p. 41 – 62, 2008.

MARINATO, Francieli Aparecida. **Índios imperiais:** os Botocudos, os militares e a colonização do Rio Doce (Espírito Santo, 1824-1845). Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico, geográfico e estatístico da província do Espírito Santo.** Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1878.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes:** o olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTINUZZO, José Antonio. **Germânicos nas terras do Espírito Santo.** Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, Secretaria da Cultura, 2009.

MATTOS, Izabel Missagia de. **Civilização e revolta:** os Botocudos e a catequese na província de Minas. Bauru: EDUSC; São Paulo: ANPOCS, 2004.

MATTOS, Izabel Missagia de. **Borum, Bugre, Krai.** Constituição social da identidade e memória Krenak. 1996. 219 f. Dissertação (Mestrado em sociologia) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: NOVAIS, Fernando A. (Org). **A história da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MEIRELLES FILHO, João. **Grandes expedições à Amazônia brasileira**. São Paulo: Metalivros, 2009.

MELLO MORAIS. **Revista da exposição anthropologica brasileira**. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro, 1882.

MICELLI, Paulo. **O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1998.

MONJARDIM, Adelpho P. **O Espírito Santo na história, na lenda e no folclore**. Vitória: [s.n.], 2008.

MONTAIGNE, Michel de. Dos canibais. In: MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios**. Trad Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os pensadores, 1972, p. 104 – 110.

MONTEIRO, J. M. **Tupis, Tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do Indigenismo**. Tese de livre docência, Campinas: UNICAMP, 2001. Disponível em: < <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/TupiTapuia.pdf>> Acesso em: 20 de set. de 2014.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliographia brasiliana**. Rio de Janeiro: Colibris Editora, 1958.

MORAES, Rubens Borba de. Viagens; bibliografia. In: MORAES, Rubens Borba de; BERRIEN, William. **Manual bibliográfico de estudos brasileiros**. Rio de Janeiro: Gráf. Ed. Souza, 1949.

MOREIRA, Vânia L. Autogoverno e economia moral dos índios: liberdade, territorialidade e trabalho (Espírito Santo, 1798-1845). **Revista de História**, São Paulo, n.166, p. 223 – 243, 2012.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. A produção histórica dos “vazios demográficos”: guerras e chacinas no vale do rio Doce (1800-1830). In: **Dimensões**, Vitória, nº 9, p. 99 – 123, 2001.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. A serviço do império e da nação: trabalho indígena e fronteiras étnicas no Espírito Santo (1822-1860). **Anos 90**, v. 17, n. 31, p. 13 – 55, 2010.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Entre as Vilas e os sertões: trânsitos indígenas e transculturações nas fronteiras do Espírito Santo (1798-1840). In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Debates, jan. 2011. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/60746>>. Acesso em: 12 abr. de 2012.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Entre índios e escravos armados: alianças interétnicas e formação de quilombos na província do Espírito Santo 1808-1850. **Luso-Brazilian Review**, v. 51, nº 1, p. 36 – 67, 2014.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nem selvagens nem cidadãos: os índios da vila de Nova Almeida e a usurpação de suas terras durante o século XIX. **Dimensões**, n.14, 2002, p.151-167.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os índios e a historiografia. In: **Dimensões**, Vitória: n. 13, p. 268 – 278, 2001.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Terras indígenas do Espírito Santo sob o regime territorial de 1850. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo. v. 22, n. 43, p. 153 – 169, 2002.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Vazios demográficos ou territórios indígenas?. In: **Dimensões**, Vitória, n. 11, p. 137 – 144, 2000.

MOREIRA, Vânia Maria. 1808: a guerra contra os botocudos e a recomposição do império português nos trópicos. In: CARDOSO, José Luís; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SERRÃO, José vicente (Orgs.). **Portugal, Brasil e a Europa napoleônica**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

PASCHOAL, Walison Vasconcelos. Diáspora e Toponímia na História dos Índios

Borum. In: I Colóquio de Pesquisa do GERES: Território e Territorialidades: Identidades Quilombolas e Indígenas. GERES, I, 2012, Alfenas. **Anais do I Colóquio de Pesquisa do GERES**. Alfenas: [s.n.], 2012.

MOREL, M. Cinco imagens e múltiplos olhares: 'descobertas' sobre os índios do Brasil e a fotografia do século XIX. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. VIII (suplemento), p. 1039 – 1058, 2001.

MOREL, Marco. Independência, vida e morte: os contatos com os botocudos durante o Primeiro Reinado. In: **Dimensões**, Vitória, nº14, p. 91 – 113, 2002.

MURARI, Luciana. **Tudo o mais é paisagem**: representações da natureza na cultura brasileira. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós Graduação em História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

NASCIMENTO, Shirley Corrêa. Fontes para a história indígena no Espírito Santo do Século XIX: puris e botocudos. In: **Dimensões**, Vitória, n. 13, p. 229 – 242, 2001.

NAXARA, Márcia Regina C. **Cientificismo e sensibilidade romântica**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora UNB, 2004.

NETTO, Ladislau. Investigações sobre a archeologia brasileira. **Arquivos do Museu Nacional**, v.6, p. 415 – 505, s.d.

NEVES, Luiz Guilherme Santos. Prefácio. In: BIARD, A. F. **Viagem à província do Espírito Santo**. Vitória: Aracruz celulose/Jonice Tristão, p.7-13, s/d.

NOVAIS, Maria Stella de. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, s/d.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu dever. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

OBERACKER, Carlos. Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: Difel, t.2, v.1, 1976.

Obras de referência

Obras sobre os Botocudos

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Espírito Santo**. 2 ed. Vitória: APEES/SECULT, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista – discurso e confronto: Velho e Novo Mundo**. Campinas: Editora UNICAMP, 2008.

PALAZZO, Carmen Lícia. **Entre mitos, utopia e razão: os olhares franceses sobre o Brasil (séculos XVI-XVIII)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PALAZZO, Carmen Lícia. Permanências e mudanças no imaginário francês sobre o Brasil (séculos XVI a XVII). In: **Imaginário**, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 105 – 138, 2007.

PARAÍSO, Maria Hilda B. Os Botocudos e sua trajetória histórica. In: CUNHA, Manuela Monteiro (org.). **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PEIXOTO, [?]. Novos estudos craniológicos sobre os Botocudos. **Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, v. 6, p. 233 – 235, 1867.

PENNA, Misael Ferreira. **História da província do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Typografia de Moreira e Nascimento, 1878.

PEREIRA, Amancio. **Noções abreviadas de geographia e história do Estado do Espírito Santo**: acompanhadas de preliminares de geographia geral, de chorographia e história do Brasil, para uso das escolas publicas do estado. Vitória: Typografia Coelho, 1922.

PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios livres e índios escravos: os princípios da legislação indigenista do período colonial (séculos XVI a XVIII). In: CUNHA, Manuela

Monteiro (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PESSOA, Lilian de Abreu. **Imagem do Brasil na literatura de viagem alemã do século XIX**. Tese (Doutorado em Literatura). Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

PINTO, Alfredo Moreira. **Diccionario Geographico do Brazil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894.

PIZZOL, José Luiz. **Botocudos de Colatina e Região**. Vitória: Gráfica & Editora Formar, 2015.

PORTO ALEGRE, M. S. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In: In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papyrus, 1998.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império**. Relatos de viagem e transculturação. São Paulo: EDUSC, 1999.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Rogério. **Território Sagrado: diáspora, exílio e reconquista indígena no Vale do Rio Doce**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. **Viagens e viajantes**. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, vol. 22, n. 44, 2002.

REVISTA USP. **Dossiê Brasil dos viajantes**. São Paulo, n. 30, 1996.

RIBEIRO, José Eustáquio. **Viagens, viajante e livros de viagem: Goiás na primeira metade do século XIX (1812-1850)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2004.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

RIVAS, Pierre. **Diálogos interculturais**. São Paulo: Hucitec, 2005.

RIVAS, Pierre. **Encontro entre literaturas**. França-Brasil-Portugal. São Paulo: Hucitec, 1995.

ROCHA, Elaine Pereira. Antes índio que negro. In: **Dimensões**, Vitória, n. 18, p. 203 – 220, 2006.

ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. 2 ed. - Rio de Janeiro: Revista Continente; Brasília: INL, 1980.

ROCHA, Levy. **Viajantes estrangeiros no Espírito Santo**. Brasília: Editora de Brasília, 1972.

CRUZ, Aline & CHRISTINO, Beatriz. **O contato lingüístico para Martius (1794-1868), Steinen (1855-1929) e Ehrenreich (1855-1914)**, p.6. Disponível em: <<http://www.etnolinguistica.org/artigo:cruz-2005>> . Acesso 10 mar. 2015.

SALETTTO, Nara. Sobre a composição étnica da população capixaba. **Dimensões**, Vitória, n. 11, p. 99 – 109, 2000.

SALLAS, Ana Luisa F. Narrativas e imagens dos viajantes alemães no Brasil do século XIX: a construção do imaginário sobre povos indígenas, a história e a nação. In: **HISTÓRIA, CIÊNCIAS, SAÚDE – MANGUINHOS**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 415 – 435, 2010.

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu. In: SANTIAGO, S. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 189-205.

SCHADEN, Egon. A antropologia científica de Paul Ehrenreich. **Revista de Antropologia**, v. 12, n. 1 – 2, p. 83 – 86, 1964.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Os franceses no Brasil de D. João. **Revista USP**, São Paulo, n. 79, p. 54 – 69, 2008.

SEIXO, Maria Alzira. Entre a cultura e a natureza: ambiguidades do olhar viajante. **Revista USP**, São Pulo, n. 30, p. 120 – 133, 1996.

SILVA, Tarcísio Glauco da. **Junta de civilização e conquista dos índios e navegação do Rio Doce**: fronteiras, apropriação de espaços e conflitos (1808-

1814). Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. Província do Espírito Santo – condições sócio-econômicas até 1889. In: **Dimensões**, Vitória, n. 2, p. 9 – 11, 1991.

SOMMER, F. **A vida do botânico Martius**. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

SÜSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TALLON, Miguel D. **História do Espírito Santo: ensaio sobre sua formação histórica e econômica**. Vitória: Ed. Instituto Histórico, 1999.

TAUNAY, Afonso de Escagnolle. **A missão artística de 1816**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1983.

TESCHAUER, Carlos. **Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX no Brasil**. Rio de Janeiro: s.n., s.d.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Guia para normalização de referências bibliográficas: NBR 6023: 2002**. 3 ed. Vitória: A Biblioteca, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos: guia para alunos, professores e pesquisadores da UFES**. 7 ed. Vitória: A Biblioteca, 2005.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **História geral do Brasil**. Rio de Janeiro: s.n., 1857.

VASCONCELLOS, José Marcellino Pereira de. **Ensaio sobre a história e estatística da província do Espírito Santo**. Vitória: Typografia de P. A. D'Azeredo, 1858.

VIEIRA, Francisco Alcides Nunes; PEREIRA, Valter Pires. **Um navio sinistrado e**

Caboclo Bernardo: herói nacional. Monografia (Especialização) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Estudos Gerais, Departamento de História, 2000.

VIEIRA, M. P. A. et al. **A pesquisa em História.** São Paulo: Ática, 1991.

VOLOBUEF, Karin. **Frestas e arestas:** a prosa de ficção do Romantismo na Alemanha e no Brasil. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

WILBERFORCE, Edward. **Inglese na costa:** impressões de um aspirante de marinha sobre o Espírito Santo em 1851. -. Vitória: Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, 1989.

WHITE, H. **Trópicos do discurso:** ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: 1994.